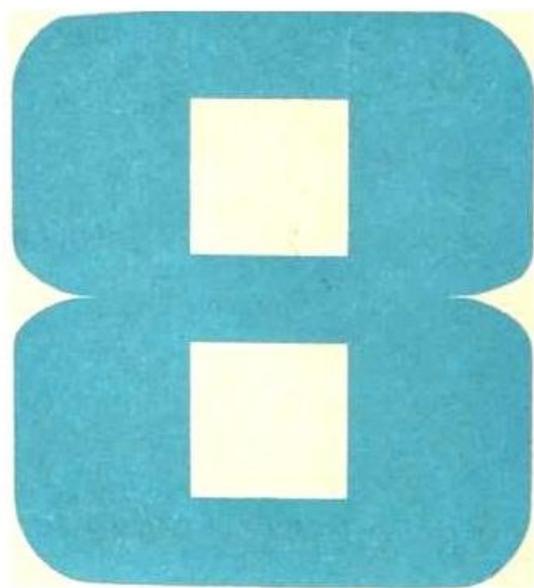


RIL



revista literária



revista literária do corpo discente da ufmg

NOVEMBRO DE 1973

*

ANO VIII — NÚMERO 8

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

RONALD CLAVER CAMARGO

ORLANDO BIANCHINI



CIDADE UNIVERSITÁRIA — BELO HORIZONTE
MINAS GERAIS — BRASIL

As ilustrações do número 8 da Revista Literária foram feitas pelos seguintes alunos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais: Ana Lúcia Neto Martins, Antônia Lúcia do Couto e Lima, Íris Ribeiro de Lacerda, Isabel Cristina de Azevedo Passos, Jaroslava Dopitova, Joyce Maria Silveira Brandão, Leandro Gontijo de Abreu Teixeira, Liliane Izapovitz Romanelli, Márcia Meyer Ferreira Guimarães, Maria Barbosa, Maria Lídice Faria, Paula Regis Junqueira, Rosângela Teixeira Lisboa, Terezinha Morais de Rezende e Virgínia Christófaru Ribeiro. Supervisão do prof. Eduardo de Paula.



Endereço para correspondência:

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

Caixa Postal, 1.621

CIDADE UNIVERSITÁRIA — 30.000 — BELO HORIZONTE, MG — BRASIL

RL: OITO ANOS

Em 1966, quando foi instituída a Revista Literária, dois de seus idealizadores, Luiz Vilela e Luís Gonzaga Vieira, afirmaram que se a Revista não tivesse o apoio oficial da Universidade, ela não passaria do terceiro número.

De fato, as revistas literárias, em geral, têm vida curta. Nascem da abnegação de alguns, crescem até o terceiro número e depois vão sentindo inúmeras dificuldades, quase sempre financeiras, de continuar. Atingem o quinto número e desaparecem.

Esta foi a grande preocupação do Serviço de Relações Universitárias da UFMG nesses oito anos: não deixar que a Revista Literária do Corpo Discente fosse contaminada com a doença da vida curta preconizada pelos dois luízes e fazer com que a RL se tornasse uma verdadeira instituição dentro da Universidade, a fim de que a ela não faltasse o apoio oficial.

Apoio. Sem ele a Revista não chegaria até aqui. Apoio da direção da UFMG, dos professores, dos alunos. E apoio que sempre chegou na hora em que a Revista mais precisava. Apoio do jovem Reitor Marcello de Vasconcellos Coelho, que assumiu a Universidade numa época crítica da Revista — ela estava na idade da razão, no número 5 — e não se negou a ajudar. Pelo contrário, foi um dos seus maiores incentivadores, vendo na RL um instrumento de integração universitária e nunca apenas mais uma despesa para a Universidade.

Apoio. Palavra mágica que nos deu tranqüilidade para continuar a realizar os concursos literários e a editar a Revista. Apoio da Imprensa Universitária, da Escola de Belas Artes,

dos membros das comissões, dos alunos da Universidade. Apoio da Fundação Universitária Mendes Pimentel, que por duas vezes patrocinou os prêmios dos concursos. Apoio do prof. Fábio do Nascimento Moura, pai de quase todas as promoções que a Universidade realiza hoje no campo da extensão.

Eis o oitavo número da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais, a única publicação brasileira voltada exclusivamente à produção literária do estudante.

ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

| | |
|---|----|
| Livro de Registros — <i>Ana Cecília Carvalho</i> | 11 |
| Do Ato de Amar Cyrilla — <i>Regina Lúcia Ferreira Neves</i> | 15 |
| O Mercador de Pessintia — <i>Sandra Lyon</i> | 20 |
| <i>Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa</i> | |
| O Chefe — <i>Jaime Prado Gouvea</i> | 27 |
| Recordando Martim — <i>Daniilo Gomes</i> | 32 |
| A Mecânica do Imutável — <i>Luiz Fernando de Souza Emediato</i> | 45 |
| Cão Laporte — <i>Geraldo Félix Lima</i> | 52 |
| Estória — <i>Jackson Drummond Zuim</i> | 55 |

CONCURSO DE POESIAS

| | |
|--|----|
| Esfinge — <i>Osiás Ribeiro Neves</i> | 63 |
| Estruturas — <i>Luiz Fernando de Souza Emediato</i> | 65 |
| Poemágua — <i>Eugénio Gomes</i> | 70 |
| <i>Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa</i> | |
| Pirâmide — <i>Sâmia Akl</i> | 75 |
| Certidão de Idade — <i>Ana Maria Douagema Proença</i> | 76 |
| As Minas Que o Mar Banhou — <i>Mônica de Catella Noronha</i> | 77 |
| Offertorium — <i>Maria da Graça Britto de Azevedo</i> | 79 |
| In Memoriam — <i>Eugénio Gomes</i> | 81 |

SEGUNDA SEÇÃO

POESIAS

| | |
|---|----|
| Canção — <i>Luiz Carlos Alves</i> | 87 |
| Poema — <i>Luiz Carlos Alves</i> | 88 |
| Antigo Amar de Amor Amigo — <i>Moacyr Laterza</i> | 90 |
| Êmbolo — <i>Libério Neves</i> | 91 |
| O Gato — <i>Orlando Bianchini</i> | 92 |
| Reticências — <i>João Batista Viana Dias</i> | 93 |
| Funeral do Tempo — <i>P. Pontes</i> | 95 |

| | |
|---|-----|
| Sonhos Alados — <i>Ronald Claver</i> | 99 |
| Premissa — <i>Ronald Claver</i> | 101 |
| Roteiro da Mina de Morro Velho — <i>Henry Correa de Araújo</i> | 102 |

CONTOS

| | |
|---|-----|
| Verão II — <i>Dullio Gomes</i> | 107 |
| A Viagem — <i>Plínio Carneiro</i> | 109 |
| O Mendigo — <i>João Bosco de Araújo Moreira</i> | 113 |
| Na Pensão de Dona Romana — <i>Danilo Gomes</i> | 119 |

ENSAIO

| | |
|--|-----|
| Notas Para a Explicação de Um Poema de Nerval: <i>El Desdichado</i> — <i>Lauro Augusto Machado Coelho</i> | 125 |
|--|-----|

RESENHA

| | |
|--|-----|
| Estatística da Revista Literária | 139 |
| Relação dos Contos Recebidos | 140 |
| Relação das Poesias Recebidas | 144 |
| Publicações Recebidas | 153 |
| Críticas | 154 |

RL

revista literária

CONCURSO
DE
CONTOS

LIVRO DE REGISTROS

FIDJI

Ana Cecília Carvalho

Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas — 3º ano

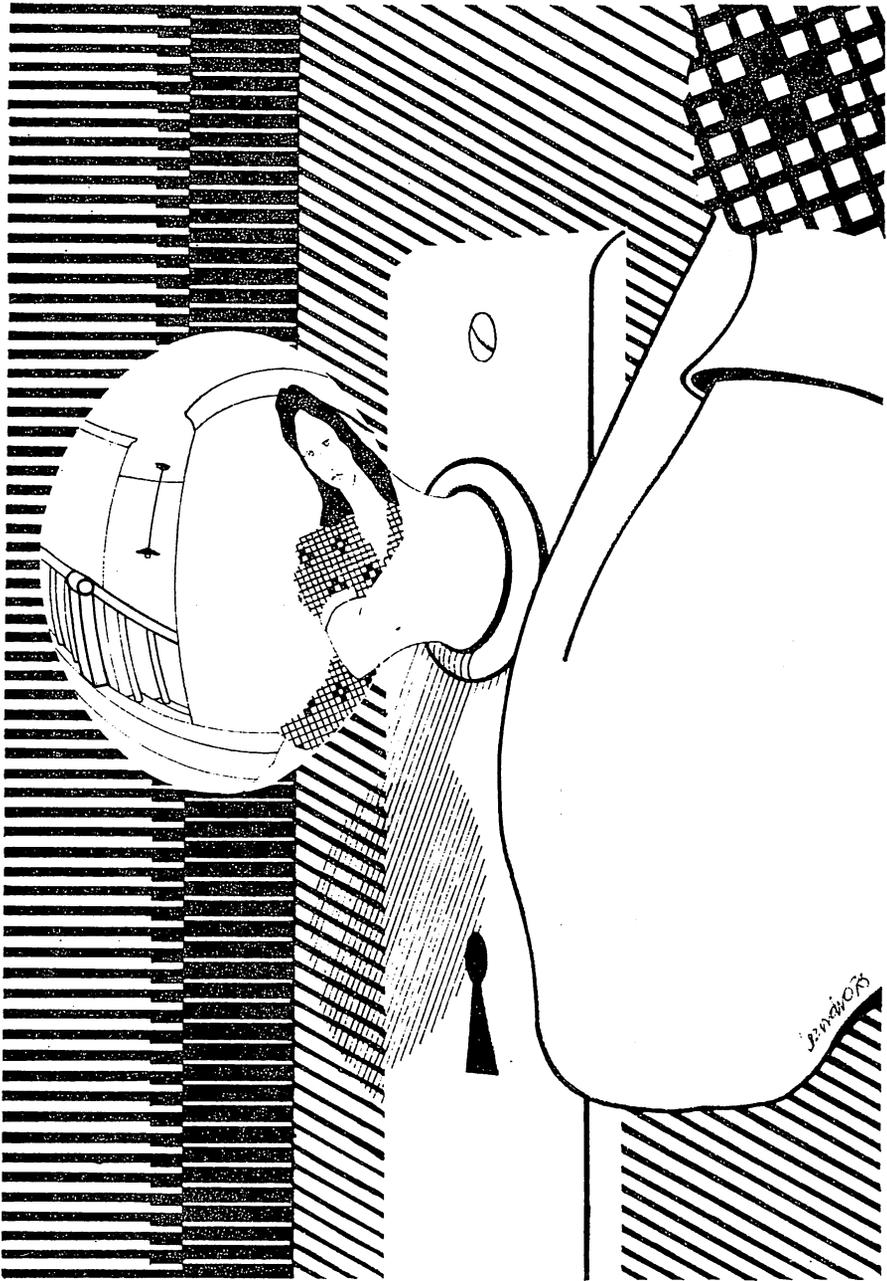
Ele chegou carregando um casaco na mão e um ar empoeirado de cansaço e olhei para ele perguntando se queria um quarto sim claro que sim afirmou com o queixo sem me ver e logo sentando perto da janela de costas para mim com certeza interessado na rua no que se passava nos jardins da praça e um pouco surda por causa da música dos alto-falantes informei em voz alta o número do quarto e agitei as chaves ele se voltou na minha direção e disse que ia ficar só até o dia seguinte que por gentileza eu o acordasse às quatro horas da madrugada sim senhor eu estava ali para servi-lo ele tossiu e bocejou sempre não me enxergando e corri na frente dele para lhe indicar o caminho da escada e esbarrei nele com a minha pressa o coração querendo saltar e ele deve ter demorado alguns segundos para subir os degraus que para mim duraram horas e de repente ouvi sua porta se fechando e a música que vinha da praça parou um instante tudo me colocando sem ar pendurada no meio daquele silêncio súbito

no qual ainda lutei contra aquela sensação anestesiada de ampulheta que não pode ser virada para o outro lado impedindo o tempo de continuar e pensei que a vida estava paralizada quanto tentei mover os lábios e as mãos e tudo doeu

então imaginei que devia ser aquela a dor das estátuas quando são removidas depois de muitos séculos de um museu para o outro pensei que aquela devia ser a sensação de Inger a menina que pisou no pão de seus pais para não sujar os sapatos Inger que se devorou por dentro no longo castigo da eternidade até se transformar numa frágil casca irremovível oca por dentro e dolorosa de solidão .

e foi ou a música da praça que recomeçou ou uma das pessoas hóspedes entrando ou a necessidade de respirar outra vez que me puxou violentamente de baixo para cima e eu emergi para os sons e para o movimento do final do dia olhei para o livro de registros e alguém gritou da porta que era hora de acender as luzes e eu envergonhada dentro dos cabelos soltos apanhados em flagrante fui acender as luzes e a voz de um dos meus pais soou afiada que eu parecia uma prostituta daquele jeito despenteada e escondida no escuro e eu fui imediatamente para o meu quarto em parte um pouco aliviada porque eu poderia vestir uma outra roupa melhor e ir avisá-lo que o jantar seria servido às sete horas e então eu poderia também levar o jantar no quarto dele se ele quisesse e já com o coração acelerado pela possibilidade corri e vesti o único vestido de flores para ficar parada à porta do seu quarto batendo repetidas vezes completamente sufocada sem saber o que dizer como chamá-lo esperando que ele respondesse mas ele não respondeu e eu coleí meu rosto à sua porta para ouvir pelo menos o ruído de seu sono e não ouvi

e eu voltei amarga para o livro de registros perto de onde reuniam-se as pessoas para conversar e esperar pela refeição eu devia parecer muito diferente dos outros dias porque todos me perguntaram se eu me sentia bem e alguém disse que eu precisava casar e ter filhos e um dos meus pais disse que isso era idéia antiga que eu devia continuar os estudos primeiro enquanto eu fingia estar lendo alguma coisa encapada de amarelo e me sentia má como as serpentes e procurava não ouvir e imaginava que prazer era aquele dos minutos arrastarem-se dentro das horas como se se vingassem e do sangue



aproximando-se da superfície da minha pele e afastando-se subitamente cada vez que eu tentava achar um sentido que prazer da angústia crescendo em palhas dentro da minha boca?

Assim até o final do jantar que os outros consumiram e encheram de conversas afogadas na sopa e eu não pude parar nem um pouco nem me lembrei de caminhar até o jardim e tocar a porcelana desagradável dos anões da cegonha e houve um pequeno momento de vazio perto do livro de registros quando eu ousei sentir o peso do sono que me assustou com suas correntes irremediáveis para dentro da noite e fiquei andando em círculos no meio da sala para fora dessas correntes aquecidas eu não podia me esquecer da possibilidade das quatro horas e era para isso que eu tinha vivido até aquele dia e eu não deveria perder o que foi certamente difícil com todas as pessoas me perguntando porque eu não ia me deitar e eu mentindo qualquer coisa para finalmente debruçar à mesa do livro de registros e me esquecer por completo de todas as coisas no meio do silêncio daquela noite maior que as outras

até quando eu acordei e eram exatamente quatro horas e corri para a porta do quarto dele morrendo de orgulho por não ter falhado e quem sabe ele poderia reconhecer e então entrei pela porta que estava não sei como aberta e ele naturalmente não estava mais lá só o lugar onde ele talvez tenha dormido e o frio de uma surpresa sem solução e eu me deitei na sua cama eu estava seca e fina como os caniços e dormi outra vez até as primeiras horas do sol quando meus pais passaram pela porta aberta e me viram abandonada e começaram a me encher de perguntas eles pensavam que eu tinha dormido com ele oh meu deus todos pensaram e queriam saber com quem tinha sido por que eu não tinha escrito o nome dele no livro de registros?

DO ATO DE AMAR CYRILLA

KHRONOS

Regina Lúcia Ferreira Neves

Curso de Comunicação Social da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas — 4º ano

Cyrilla é de fato um nome estranho. Ainda mais escrito assim, com todos esses “eles” e “y”, cheirando a incunábulo, a nome de mártir cristã. Talvez fosse esse nome que tornasse impossível a vida com Cyrilla ou o melhor seria dizer que Cyrilla era impossível como o próprio nome.

E ele havia sentido esta impossibilidade tantas vezes! Nas palavras, nos gestos, nas reações inesperadas da mulher. Cyrilla, impossível amar você!

— Compra flor?

A pergunta do moleque soava sem sentido no bar.

— Flor pra que, meu filho? Estou sozinho.

— Leva pra casa.

Moleque esperto, pensou, mas mesmo que Cyrilla fosse uma presença à sua espera não haveria sentido a compra. Ela nunca disse que gostava de flor. É claro que ele sabia que mulher sempre gosta de flor mas, como prever Cyrilla? E, afinal, ele não iria nunca mais vê-la já que por ela poderia fazer qualquer coisa, menos sentir amor.

— Vai comprar, moço?

— Hoje não, filho.

— Só pra me ajudar.

Bem que podia, pensou. Mas seria sem sentido ficar ali, só, no bar, com a flor na mesa e depois ir embora carregando-a ou, então, deixá-la ali abandonada.

— Pra me ajudar, moço.

— Pode me dar, eu compro. “Estou mesmo ficando louco” pensou e disse para o moleque: — compro, mas com uma condição, que você nunca ame uma mulher que se chame Cyrilla.

— “O homem é louco” pensou o menino enquanto corria com o dinheiro na mão.

Poderia agora tirar alguns papéis da pasta e escrever mais um poema incompreensível de fossa. Mas quem pensa escrever para uma musa com um nome desgraçado daquele — Cyrilla, mulher e pedra/para Cyrilla, com uma flor —.

De repente ele se viu olhando para o fundo do copo vazio. E há muito já devia ter ido embora. Já fazia muito tempo que estava ali, embora a rosa ainda continuasse nova.

— Quanta idiotice, meu Deus! Horas e horas pensando em Cyrilla. Mulher idiota que se especializava em pensar o mundo e sujar filosofias e teorias adaptando-as à sua necessidade própria de amor. Cyrilla só decorava dos livros as frases soltas, de seu próprio interesse. Como repetir sempre “Sofrer passa, ter sofrido não passa nunca”. Leon Bloy tinha dito isso uma vez mas Cyrilla dizia a vida inteira!

O jeito era deixar o bar. O ar, a rua, a liberdade dos passos do homem sem destino, levariam para longe as lembranças de Cyrilla. Ficar ali era continuar pensando nela e ele não podia negar que isso às vezes doía porque Cyrilla tinha necessidades que ele não podia satisfazer: sonhos, ou melhor seria dizer quimeras, em se tratando dela. “Você me entende?”, “O que você acha de mim?”, “É ou não é?”, “Porque?”. Em torno destas perguntas girava o universo de Cyrilla.

Pobre louco de bar! E os momentos em que havia julgado amar Cyrilla, mais uma das minhas maluquices — pro-



curava uma saída para a vida e Cyrilla está bem em frente à porta. Tinha sido só por isso.

Era até engraçado. Cyrilla idiota metida a “cucal”, a livre, para depois se tornar tão imbecil diante do amor até matá-lo com frases do tipo “Você me ama?”

Mas o pior em Cyrilla eram seus contrastes: amava todo mundo mas era terrivelmente exclusivista com aqueles que a amassem e deixava de lado, sempre, toda a “cuca” para ter reações típicas de fotonovelas — “se me ama, tem que amar só a mim”; “se me ama tem que estar sempre junto a mim”; “se me amasse eu teria segurança a seu lado”. É, sorte de Jó que não conheceu Cyrilla ou ninguém teria ouvido falar dele pois nem a sua paciência resistiria diante do nariz trêmulo de Cyrilla amuada.

E houve o dia em que o mundo de Cyrilla ruiu. Ele era o seu mundo. E não adiantou explicar que não era um adeus, que tudo era um até breve. “Não adianta, sei que te perdi” tinha dito a mulher. “Nada disto, Cyrilla”, ele havia dito, “você sabe como ainda te amo” (e como doera a mentira!), “Sei que te perdi” ela havia repetido. E as lágrimas desceram pelas faces largas e o desespero o tomara, por ter que agüentar tudo aquilo:

— Não chore, Cyrilla. Não agüento ver mulher chorar!

— Bom seria que você não agüentasse ver Cyrilla chorar!

E depois, por um breve período, as cartas e os recados de Cyrilla e as visitas que era obrigado a lhe fazer depois de cada um deles. Até que um dia Cyrilla sumiu...

— Compra flor?

Agora era uma menina mas que se parecia em tudo com o outro. Ele olhou-a muito tempo até se lembrar de que ainda estava no bar.

— Compra flor? Rosa vermelha?

— Não, hoje não.

— Pra me ajudar.

Pronto, pensou, vai começar tudo de novo.

— Não, obrigado. Mas, olha, te dou esta flor de presente.

Ele se espantou com a reação da menina. Ela tomou a flor com gestos ávidos. Encostou-a contra o rosto. “Macia” ela disse e ele viu um nariz trêmulo e uns olhos cheios de lágrimas que não lhe eram estranhos. Pensou rápido na reação inesperada da menina e teve medo de tanta coincidência. Mas teimou em perguntar:

— Como você se chama?

— Maria.

— Tem certeza?

A menina o olhou assustada antes de responder.

— Tenho. É Maria.

Ele ficou parado e depois disse: ainda bem. Mas a menina já havia corrido e chamado os companheiros e agora estava mostrando aos vendedores de flores as maravilhas de SUA rosa. Quando ele finalmente deixou o bar os meninos ainda faziam roda em torno da flor. “Quem entende, pensou, pra que tudo isso, se vendem rosas como esta o dia inteiro?”

Deu de ombros e foi andando.

— Obrigado, moço.

Voltou-se. Era a menina e o seu nariz ainda trêmulo e os olhos cheios d’água mais uma vez não lhe pareceram estranhos. “Cachaça” pensou e em seguida “— Cyrilla teria aproveitado para citar novamente Leon Bloy: “Nenhum gesto de amor é mesquinho!”

— É Maria mesmo o seu nome, né?

— É sim, Maria, disse a menina.

Ele teve vontade de gritar quando percebeu que passara a noite inteira na companhia das lembranças de Cyrilla. Então sentiu com toda intensidade que a amava e que aquele amor era eterno.

E, para poder viver, fugiu novamente...

O MERCADOR DE PESSÍNTIA

LEDA

Sandra Lyon

Faculdade de Medicina — 3º ano

(A Bá, que conhecerá Pessíntia, do lado de lá)

Enquanto a moça tecia um sonho, ele ia explicando que aquele era um elixir para fazer brotar uma beleza num rosto, coisas do oriente, garantia mesmo. Não queria nunca enganar as pessoas, acreditasse nele, porque segredos, como esse, conhecera muitos com um velho sábio da Pessíntia.

Era época de calmaria e o mar se tornara frágil como o barco. Foi quando ele se propôs a engarrafar sonhos. Voltava de Pessíntia nessa época, e explicaram-lhe que seria fácil vender sonhos a varejo hoje em dia. Teve mesmo pouco trabalho porque guardava na memória e sabia de cor o que as canções diziam da vida.

Foi assim, mesmo assim que se tornara um mercador naquela pequena e velha ruazinha perto do cais. Ali, quase ali.

O turista alto e magro e de cabelos louros escolhia uma mercadoria ou outra e falava, falava e entendia pouco de tudo aquilo. “Muito bonito sim”.

Ah, sim, era bonito.

Então, o velho marujo chegou-se para bem perto e tinha no rosto a expressão de impaciência que o mercador não traduzia em gestos. Agora era só um vazio na sua vida



depois que perdera o barco e uma perna em alto mar. E pôs-se mesmo em queixas que quase o mercador ia lhe explicando que não era esse o seu ramo de negócio, guardasse a sua dor. De súbito, acontece-lhe um brilho de razão nos olhos e ele ainda tentou consolar aquele marujo somando desilusões: também ele perdera tudo na vida — aqueles dois livros de grosso volume contendo toda a sabedoria oriental, uma vida inteira guardada.

Sentia muito, falou o marujo a meia distração.

De grande importância mesmo discursou o mercador empolgado: gastara anos e anos recolhendo as vivências de um certo sábio, assim em letras miúdas e uniformes, e insistira mesmo em condensar tudo naqueles volumes: seria mais fácil uma consulta quando a dúvida o assaltasse, explicou. E, em cada dia, ele só fazia folheá-los com cuidado de coisas frágeis, como se fossem algodão ou que pudessem se quebrar nessas vezes.

Conhecera Pessíntia?

Talvez, talvez.

Ora, um marujo é uma criatura do mundo sem raízes ou apego, hoje aqui, amanhã ali. E um lugar como esse talvez tenha passado por lá, um dia, talvez se lembrasse de Pessíntia, quem sabe. Mesmo que fosse de alguma carta geográfica e, assim, foi abrindo um velho mapa gasto de tanto mostrar.

Aqui, mais ou menos aqui.

Sim, era ali.

Até que os olhos dele se encontraram com o horizonte, o marujo deixou de falar de mar e, num súbito improvisado, tocou na flauta cantigas só de água e sal, ele. E quando aquela senhora com ares muito distintos e um camafeu na gola de renda chegou, a flauta calava-se em três toques mais, assim meio tímida. Trazia a senhora uma pequena caixa de madeira, tão antiga e cheirando a mofo, e sem meias palavras ela foi explicando que ali guardava dois segredos, de uma velhice secular os segredos.

Seriam entregues ao penhor seus segredos.

Negócio fechado, concordava o mercador.

Certo, certo. Voltaria depois de um inverno ou de um verão, guardasse os segredos dela.

Quem vai levar? Quem?

Aqui vende-se alegria.

Compram-se tristezas.

Trocam-se segredos.

De tudo, aqui.

Até mesmo tudo.

Ilusões, sabia:

: ou um verde oceano para os olhos da moça espiando tristezas na janela.

Aqui, falou o marujo, tem o seu passaporte para Veneza.

Não, para Pessíntia retificava o mercador.

Que ele ainda guardava o gosto dos queijos de leite de cabra e do bom vinho francês naquela impressão repetida de que estava partindo para Paris, mês que vem, amanhã ou depois de amanhã.

Esse mundo é pequeno, opinou o turista.

Só iniciar o passo, uma questão de andar.

Não, uma questão de fantasia.

De fantasia apenas.

E foram-se cinco anos naquela ruazinha torta e cinzenta, mesmo que os dias ali não fossem de chuva ou nostalgia. A senhora, que tinha um velho camafeu sobre a gola de rendas, fez um ah de decepção: os seus segredos desapareceram como nos contos de fadas, acreditassem.

Ora, obtivera um bom preço por eles — tinos de mercados.

Ah.

Sim, fora um bom negócio.

Não podia nunca ter feito isto, ela enxugava uma lágrima.

Arranjaria outro segredo.

Nunca como aqueles.

Ainda quis explicar a ela que nem tudo estava perdido, olhasse para o marujo, falava desesperado o mercador: o mar, que fora tudo na sua vida, chega, um dia, a meia traição e rouba-lhe o barco e perna, olhasse para ele. E se tinha prestado atenção na estante? ali, dois lugares vazios onde, certa época guardava livros de grosso volume, a sabedoria do mundo. Hoje ele trazia só um rosto cansado, assim exaustado e povoado de rugas pois era obrigado a pensar, pensar, pensar, por longas horas ele pensava, numa tentativa vã de explicar o porque das coisas.

Agora: tudo era um vazio grande, imenso mesmo, e ele só tinha a vontade de calar-se, deixar o tempo passar como ele sempre faz, esse tempo, minuto a minuto. E só. Será sempre assim, quase assim, até que o mar devolva o barco do marujo porque ele fora bom aluno na época das lições da marinha e jamais se esqueceria de como costurar meridianos mar a dentro. Confiava nisso. Era aquela promessa antiga de levar o mercador de volta a Pessíntia, onde um certo sábio estaria pronto a novos ensinamentos. E depois ele não sabia explicar bem, mas era crescente aquela vontade de reescrever os seus livros vez mais, mesmo que gastasse uma vida inteira: estaria em Pessíntia, ora, e que importa? perguntava.

Assim, quase assim, mais ou menos assim: Pessíntia, um dia.

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

O CHEFE

TAKEO

Jaime Prado Gouvea

Faculdade de Direito — 5º ano

Deu uma paradinha na ante-sala, olhou o relógio, conferiu as sete horas em ponto e pensou: mais um dia, apenas isso. Depois esticou as pontas dos dedos até a porta e passou com um aceno de cabeça, leve, o bastante para que pudesse ser notado e respondido com o devido respeito pela recepcionista, um respeito que os outros funcionários, sentados mais atrás, repetiram num único bom-dia. Então, como em todas as manhãs naqueles seis anos de exercício, ele ficou de pé um instante na frente de sua mesa enquanto olhava os papéis cuidadosamente empilhados e ia desabotoando o paletó, desabotoava, parava esse instante olhando os papéis e se virava lentamente para dependurar o paletó no cabide de chifre que ficava às suas costas, num cuidado que permitia aos funcionários pelo menos três segundos para esconderem qualquer objeto que não deveria, absolutamente, estar sobre a mesa deles naquele momento.

Os primeiros quinze minutos eram dedicados aos papéis esperando na cesta. Colocava a pilha em sua frente, retirava os clips e olhava para a esquerda, no alto da folha, onde estava escrito ASSUNTO. Examinava com ar grave e depositava os sem maior importância à esquerda, para quando tivesse tempo disponível. Os outros, não. Os outros ele aproximava mais dos óculos e procurava suas minúcias com

todo critério, anotava parte por parte as providências a tomar e então chamava o funcionário mais adequado para dar andamento a eles, redigir alguma resposta ou fazer uma pesquisa nos arquivos. No bloco, ele anotava: funcionário tal, recebimento da tarefa às tantas horas, assunto a tratar, observações gerais. O funcionário vinha, recebia os papéis e voltava em silêncio para sua mesa, deixando para outra hora qualquer pensamento que pudesse impedir a correta execução de seu trabalho.

Aquela manhã era um dia tranqüilo, havia pouca coisa a fazer no escritório. O serviço não dava nem mesmo para ser repartido entre o pessoal, mas ele aprendera uma norma muito importante de chefia: manter os funcionários sempre ocupados. Por este motivo desmembrou o mais que pôde as tarefas, designou dois homens, que forçosamente sobriariam, para que trabalhassem nos arquivos, sob a alegação que tudo precisava estar em ordem em caso de necessidade. Estava tudo em ordem. Ele sabia disso. Mas os funcionários se levantaram em silêncio e ele pôde segurar nos olhos seu velho ar de vitória, uma satisfação sossegada, quando viu um deles abrir a gaveta da letra A e o outro a da letra M. O resto, o que era de sua exclusiva alçada, esticava o tempo o mais possível para examinar, o bastante para que pudesse esticar o silêncio e a eficiência de seus comandados até as seis horas da tarde, até o momento em que ele descia as mangas da camisa, levantava-se, virava-se de costas para a seção e retirava o paletó do cabide.

Pouca coisa a fazer aquela manhã. Quatro ou cinco ofícios para assinar, uma carta para a Itália e um pedido de licença de uma funcionária. Leu o pedido, licença para tratamento de saúde, ela dizia estar com suspeita de alguma doença. Suspeita. Nada o autorizava a conceder licença por suspeita. Escreveu em cima, numa letra escorregada e firme, *junte-se atestado médico*, mesmo sabendo que, para que ela pudesse obter um atestado, seria obrigada a procurar um médico na hora do expediente, e isso ele não permitiria nunca. Chamou a funcionária pelo sobrenome e devolveu-lhe

o pedido. Ela veio com um sorrisinho envergonhado que manteve durante a leitura, as três releituras do despacho do chefe, e depois dobrou a folha com delicadeza, abriu a bolsa grande de couro e a depositou lá no fundo. Então, levantou-se com os olhos moles e pediu permissão para ir ao toalete. O chefe concedeu apontando com a caneta e a funcionária saiu por entre as outras mesas, olhando sempre para a frente. Quando ela voltou do toalete, com o nariz um pouco vermelho, e o colega ao lado perguntou se o resfriado dela ainda não havia sarado, ele entendeu perfeitamente que por sete minutos, os sete minutos que marcara no relógio para anotar nas observações sobre seus funcionários, que por sete minutos ela tinha se trancado no toalete para chorar.

Só por isso, pelo fato mesquinho daquela mulher ter chorado escondida, ele resolveu riscar o que anotara. Ele não podia entender por que motivo essa funcionária julgava ter certas regalias ali dentro, se é que ela achava que o tempo de serviço lhe dava esse direito. Ela nunca foi nada de mais. Os dois começaram a trabalhar na mesma época, já faziam bem uns quinze anos, e ela foi sempre a mesma: uma funcionária. Fazia as coisas maquinalmente. Ele não. Desde cedo demonstrou dinamismo, foi sempre elogiado — guardava ainda a folha de promoção, assinada pelo antigo chefe, de onde destacava o enaltecimento às suas “qualidades inatas de liderança”, que entendia como um reconhecimento à sua capacidade de mando, de ordem e de produção. Por isso ele era o chefe e ela uma simples funcionária.

Mas esse dia estava difícil manter todo mundo ocupado, Deixou aberto na mesa um volume que tratava dos projetos principais, volume que ele mesmo redigira e com que sempre se distraía procurando erros de impressão. Esta manhã, no entanto, não se distraiu nem por um momento. A funcionária à sua frente retomara, como sempre, seu serviço de catalogar a correspondência e num instante a mesa dela ficou coberta de papéis. Talvez fosse isso, a mesa coberta de papéis, o que provocava nele uma certa irritação contra a mulher, um antigo desleixo, a sensação de que aquilo era apenas

desorganização ou rebeldia. Lembrou-se de que um dia, um dia que estava muito quente, ele mandou todos para o almoço e se demorou um pouco no escritório. Esperou que todos saíssem e fez uma vistoria geral nas gavetas. Deixou a dela por último, mas perdeu tempo demais com as outras e a vistoria da gaveta da funcionária foi rápida e nervosa. Na gaveta dela viu a mesma desordem da mesa: papéis, cópias, carbonos, clips, estojos de cosméticos e um objeto que ele não reconheceu, ou melhor, em que ele não prestou muita atenção porque estava com pressa. Agora, sentado ali na mesa da chefia e olhando para ela, pensou que o objeto era mais pesado que os estojos, que lembrava vagamente essas bolsas revestidas por placas de madrepérola, uma coisa de péssimo gosto, fora de moda, e que, por isso mesmo, devia ser a bolsa dela. Uma bolsa revestida de madrepérola. Uma coisa bem dela.

Ele se lembrava bem. Essa funcionária não tinha nada de mais, chegava a ser desagradável, complicada, uma mulher cheia de problemas. Que resolvesse pra lá. Ali dentro era ele. Todo mundo era ele porque ele sabia mandar, sabia colocar as coisas em andamento, sabia manter alto o conceito da seção sem precisar esconder nada, a folha limpa de serviço, as próximas promoções, tudo por merecimento. E isso de ficar se preocupando à toa já estava ficando aborrecido. Ele gostava de sair dali, da frente daquela gente que não significava nada e se esquecer do escritório, viver sua vida decente, sentar-se com os amigos no clube e acender com lerdeza seu cachimbo, uma lerdeza meio aristocrática que sempre causou efeito favorável entre seus amigos e não a infalível careta de desagrado que sua funcionária sempre fazia por causa do cheiro do fumo.

Mas ele andava cansado. Tinha alguns pesadelos, sendo um insistente e ridículo, e que por isso mesmo se repetia quase todas as noites e do qual tinha pavor de se lembrar. Dizia sempre que era por causa das notícias quase diárias de assaltos, onde as vítimas ficavam presas no banheiro dos estabelecimentos. Ele tinha um pesadelo muito pior. Ele sonhava

que estava dentro do banheiro da seção, no toailete, com as calças dependuradas no botão de descarga para não se molharem naquela porcaria dos funcionários, assim, sem calças, mas de camisa e gravata, e a porta se escancarava e entravam todos os funcionários com as mãos cruzadas sobre a cabeça e ele se levantava do vaso todo sujo. Ele se lembrava desse pesadelo e fechava os olhos, como que para afastá-lo. Respirava fundo, procurando apoio. Então olhava até o fundo da seção, aqueles porcos fuçando em silêncio sobre os officios, os outros dois ao lado do arquivo, um na letra F, outro na letra Q.

Mas esse dia era apenas mais um dia, como havia pensado ao chegar, pela manhã. Como sempre, ele conseguiu manter os funcionários ocupados, e o conseguiria mesmo que não tivesse tarefa alguma para fazer, porque eles estavam acostumados com sua presença autoritária e segura. Estava tranqüilo: eles faziam o possível, ele os premiava com o possível, com o que lhe facultava o regulamento. Nada mais. Um manda, outro cumpre, é assim que as coisas devem ser. E não era a primeira vez que ele impossibilitava, praticamente negava um pedido de licença, por não haver fundamento legal para esse pedido. Estava certo, tanto que ninguém reclamou. E estaria certo até se punisse reclamações dessa natureza. Certo aqueles seis anos, todos os dias úteis, das sete da manhã às seis da tarde. A única diferença esse dia — e depois ele acharia até graça em ter pensado nisso — foi que, às seis em ponto, depois de ter abaixado as mangas da camisa e se virado de costas para a seção, ele parou meio assustado e entendeu que estava pensando no objeto da gaveta da funcionária, como se aquele objeto de madrepérola fosse não uma bolsa, mas o cabo de um revólver, um pequeno revólver de mulher, e que ela estaria naquele momento apon-tando o cano curto do revólver de cabo de madrepérola para sua nuca e começando a apertar o gatilho.

RECORDANDO MARTIM

LIVIO FRAGATA

Danilo Gomes

Faculdade de Direito — 4º ano

Primeiro de dezembro. O Major Fernão Lamego Castelões acordou nervoso — só conseguira dormir após horas e horas de insônia e inquietação. Doía-lhe o corpo. As fundas olheiras denunciavam o tormento de uma vigília que só a ante-aurora lograra lentamente extinguir. O sonho com o filho fora o epilogo daquela madrugada inundada de chuvas incessantes.

Respirou fundo o olor dos eucaliptos: um prazer reconfortante e quase luxurioso na manhã rural já sem chuva, mas fria e cortada de ventos.

Depois do café, ficou fazendo o seu primeiro cigarro na varanda. Picava o fumo úmido, a palha já dobrada entre os dedos. A testa enrugada: um feixe de linhas paralelas se encontrando num infinito de acres lembranças. Sim, a testa repuxada, como se estivesse muito concentrado no seu trabalho de artesão de longos cigarros de palha: é que sonhara novamente com aquela passagem da vida do filho e mais uma vez se indignava com a insensatez daqueles padres, — não, não era anti-clerical, ateu, agnóstico ou iconoclasta, fora criado na fé, mas não podia perdoar aqueles reverendos que permitiram a uma criança de dez anos a visão de um filme tétrico sobre a vida de João Batista Vianney, o Cura D'Arç, a quem o diabo aparecia e atormentava, num clima de terror.

Triturara o fumo com os dedos, pusera-o na palha, enrolara-a com grande habilidade, fizera correr um dos bordos da palha sobre a língua, fechara o cigarro quebrando uma das pontas, para, logo em seguida, atear fogo à ponta, com o gasto Ronson que Virgínia lhe dera anos atrás. Soprou a primeira baforada e ficou lembrando, com desgosto, aquele sonho, que era a reconstituição de uma realidade na breve vida de Martim.

Conduzido por um vento súbito, o precioso perfume dos eucaliptos, que chegou à varanda, era o mesmo que ele e Virgínia sentiram naquela tarde de setembro de 1953 (Martim morrera em dezembro daquele ano, durante as férias), quando foram ao colégio ver o filho e levar-lhe as coisas da fazenda, de que ele gostava especialmente: doce de leite picado, manteiga, cocadas pretas, pés-de-moleque, queijo, ovos, frango assado....

A figura de Martim, no perfume verde que o Major sorvia, pulsava no espírito e no coração desse velho solitário na sua cadeira de balanço: sim, Martim estava abatido, no seu uniforme que era uma farda de brim cáqui, com vários botões pretos no paletó, inclusive nos grandes bolsos e nos ombros... agastado, desolado, exalando um mau odor inconfundível, que os surpreendeu: seguiram os três para uns bancos que havia em baixo, à entrada do pomar, incontornavelmente proibido a todos os alunos: os caquis caíam, apodrecidos, as laranjas desabavam, carcomidas por pássaros invisíveis: sentaram-se para uma espécie de piquenique, afastados, envoltos pelo aroma do eucaliptal — um bosque semelhante ao da fazenda, onde agora ruminava o velho suas lembranças mais amargas.

Então Martim contou-lhes como fora aquilo. No domingo anterior, no teatro, que era também cinema improvisado, projetaram uma fita antiga sobre o Cura D'Ars. (Colocavam a tela momentos antes dos filmes, sempre velhos filmes de péssima imagem e pior som, como aquele sobre Cipião, o Africano, que projetaram em maio). Alunos menores, médios e maiores sustinham a respiração quando a voz ou a gargalhada

do diabo retumbava na sala escura do cinema: o silêncio, o pavor, a visão da luta entre o pároco e o demônio, as portas que batiam sozinhas, a heróica resistência do santo, a ventania espectral que zunia como se se arrojasse da tela para as janelas da grande sala escurecida: aquelas duas horas de terror para crianças de dez, onze anos, que depois iriam enfrentar um imenso dormitório penumbroso, e um banheiro, ao fundo, cuja luzinha alumiaava com uma debilidade de candeeiro...

Depois daquela sessão de tortura mental, as filas para os grandes dormitórios, para menores, médios e maiores, nas suas fardas de brim cáqui, soturnos, silenciosos..... sua bênção, Senhor Padre.....troco depressa o pijama, dou um pulo rápido ao banheiro.....as gargalhadas..... bbbrrr.....o vento.....Nossa Senhora, livrai-me de lembrar as risadas do diabo.....volto depressa para a cama, nem escovo os dentes.....ainda ouço a ventania infernal derrubando coisas na casa do Cura D'Ars, ainda ouço a voz Deus me livre, que tremendo medo.....as gargalhadas.....daqui a pouco o Assistente Campos apagará as luzes, cruz-credo!.....

(..... apenas uma luzinha mortíça restará, fantasmagórica, sobre o biombo do Assistente, um clérigo ríspido, magro, a voz esganiçada, que só prestigiava os atletas, tratando mal os incapazes para os esportes, como ele, Martim, péssimo até no pingue-pongue.....meteu-se rapidamente sob as cobertas, prendendo as bordas entre o colchão e as beiras da cama: o clérigo Campos percorria lentamente os espaços entre as camas dispostas paralelamente, os pequenos olhos míopes ariscos, vigilantes como hienas prontas para o bote mais certo.....)

.....fecho os olhos, procuro esquecer tudo, as gargalhadas horripilantes e os objetos que caíam sozinhos das mesas, das prateleiras, o riso que ressoa até agora, as palavras da tentação, as palavras da possessão, as palavras da danação.....minhas mãos estão suadas e minha testa e meu peito.....

(“Pela noite de 27 de dezembro de 1857, um coadjutor de São Pedro de Avinhão e a Superiora das Franciscanas de Orange acompanharam uma jovem professora que dava todos os sinais de possessão diabólica. O Arcebispo de Avinhão tinha estudado o caso e aconselhou que a apresentassem ao Padre Vianney. No dia seguinte.....”)

.....agora as luzes se apagaram, só resta a do Assistente, mortíça, no fundo deste imenso dormitório..... que medo, que medo do diabo, e se ele me aparecesse também?meu corpo treme, meus pés estão gelados e o suor escorre da minha testa, não posso sequer abrir os olhos..... minhas mãos estão paralizadas, não movo um dedo, de pavor, e a noite é longa, sim, e se eu não conseguir dormir?..... as gargalhadas.....daqui a pouco o Assistente estará dormindo.....esse vento agora é real, sim, sopra, uiva sobre os eucaliptos, é real, sim, como o do filme.....Afastai de mim esses pensamentos, meu Deus, minha Nossa Senhora... ..o vento, a voz nos confessionários.....

(.....as altas árvores se dobravam à força dos ventos fortes sobre o colégio adormecido entre os grilos neblinados, as horas montavam os cavalos sonolentos da madrugada, a insônia terrível de Martim Eiras Castelães sobre a cama empapada de suor: alguns roncões quebravam o silêncio madrugada, o sono não vinha para esse menino de dez anos enjaulado numa angústia além das suas forças: essa tortura que se prolongava além da sala da projeção, essa tortura impiedosa que começou a causar-lhe, horas depois, inquietante dor intestinal, aumentada na proporção do pulsante terror de seu espírito: uma intransponível necessidade de ir à instalação sanitária — e a certeza de que não iria: contorcia-se, suave um suor frio de moribundo.....o pavor, a instalação sanitária longe, muito longe, as gargalhadas, os intestinos revoltos, incontroláveis, a marcha agônica dos minutos.....)

(“Certa noite em que o Cura D’Ars procurava conciliar o sono, o inimigo apresentou-se, gritando “*Vianney, Vianney, tu não me escaparás!*” E o pobre Santo respondia do canto escuro onde estava sua cama: “Não tenho medo de ti”.....Em

1826, durante uma missão em Montmerle, produziram-se ruídos misteriosos na casa paroquial. Era o demônio que arrastava a cama do Cura D'Ars pelo meio do quarto onde ele dormia.”)

..... (....o medo de que sua cama fosse arrastada, o suor e o pânico: encolhia-se como um feto, os intestinos dilacerando-lhe o corpo todo e o esmagado espírito, véspera de uma explosão inevitável....)

.....meu Deus, minha Nossa Senhora, valei-me, se eu não sujar a cama rezarei um terço amanhã, farei uma novena de comunhões em intenção da graça, farei penitências, perdorei as ofensas e as humilhações.....não, à instalação não irei, lá pode estar o diabo a me esperar, não posso sequer abrir os olhos ou mover um dedo..... e agora não poderei evitar.....(sim, como se o diabo o esperasse na instalação sanitária, ou à beira da cama, olhando-o fixamente com os olhos em chama, como se risse, como se o vento nos eucaliptos fosse o mesmo vento sobre Ars).....minha Nossa Senhora, não agüentarei mais um segundo, valei-me, prometo-vos.....(o alívio fisiológico e, a seguir, o peso de uma imensurável vergonha, infinita dor moral, a absoluta impossibilidade da ida ao banheiro para um banho na água sempre, sempre fria dos chuveiros, o corpo paralizado, as gargalhadas labirínticas, as possessões diabólicas, a penumbra sinistra, o vento dominado por Lúcifer batendo nas janelas do dormitório, a cama imunda na noite terrível.....jamais soube a que altura da madrugada o sono raptou-o daquelas torturas.....na manhã seguinte, enrolou as roupas do corpo e da cama meteu-as sob o colchão, incapaz de enviar aquilo para a lavanderia, no saco de roupa suja com o seu nome e o número na etiqueta.....o mau cheiro se exalava pelas camas próximas e muitos colegas faziam troça, embora ignorando sua origem.....onde a coragem para enfrentar depois uma chuveirada fria na fria manhã?.....continuou sujo e conturbado por vários dias, evitando aglomerações, atônito, inseguro, receoso de que descobrissem tudo.....).

Ele e Virgínia é que levaram para a fazenda as deploráveis

roupas que testemunharam aquela noite tenebrosa do menino Martim, seu filho Martim, cujas noites de terror ainda se prolongariam: nunca mais se levantaria à noite para ir à instalação sanitária e passaria a ser dos primeiros a abrigar-se do pavor sob as cobertas, antes que as luzes se apagassem e trouxessem as sombras onde latejavam o mistério, o sobrenatural, o tétrico e a eternidade das penas.....

* * *

O Major deu uma longa tragada e lembrou-se da fulminante crise de tifo que lhe levara o filho, esse filho que agora poderia estar a seu lado, comandando a fazenda, amparando sua velhice e solidão; esse filho como seria hoje, homem feito?; colocaria o braço sobre seus ombros cansados e contariam casos e ririam e viajariam juntos, sim, e Martim já poderia ter filhos que alegrassem a fazenda decadente..... Afugentou aquelas imagens, com o gesto de levantar-se e ir para a sala ouvir rádio, os olhos ardendo pelo efeito da fumaça, o rosto contraído pelo sofrimento, o rosto velho talhado por muitos golpes.

Naquele dia não almoçou normalmente: comeu apenas um pedaço de lingüiça magra e tomou um caneco de café com leite e brevidades. Sentia umas pontadas no coração, mal-estar, uma espécie de zonzeira. Hilária lhe trouxe um chá de erva forte. Passeou pelo monjolo e pelo moinho. Depois foi para a sala, ligou o rádio, cerrou o olhos. Chovia, relampejava. Às quatro da tarde, mandou chamar Cirilo Vasquim: pediu-lhe que arreasse Mossoró e fosse à Vila dizer a Modesto, o motorista profissional, que precisava do jipe para uma viagem a Áurea Serra no dia seguinte: que estivesse na fazenda por volta das onze horas, que viesse para almoçar. Pouco depois Cirilo cavalgava rumo à Vila. O Major chegou à varanda a tempo de ver o fiel empregado partindo, o filho de Hermínio Luzares abrindo a porteira para a passagem: a uma fulminante esporeada, o animal começou a trotar, solene, até que adquiriu embalo e a mancha branca de seu corpo foi sumindo entre os eucaliptos perto do pri-

meiro mata-burros: o Major ainda ficou muito tempo debruçado à varanda, a espaços sobressaltando-se pelo presentimento de que Virgínia estava a seu lado, supervisionando o movimento, dando instruções ou enlaçando-o com o braço para contemplarem juntos o início do crepúsculo sobre as serras.

Depois do banho e do jantar, o Major caminhou para a cadeira da mesinha do rádio, sentou-se, ligou o aparelho, fez o dial trazer-lhe a Rádio Inconfidência e ficou ouvindo anúncios (Virgínia só dizia reclames) sobre capas, galochas e guarda-chuvas, até que o acordeon iniciasse a rancheira triste que abria seu programa predileto, "A Hora do Fazendeiro". Uma de suas últimas alegrias: entregar-se àquele velho hábito. Terminado o programa, pôs-se a ouvir o noticiário, enquanto Hilária e a filha lhe preparavam a mala de viagem.

Ah, lembrar-se de Martim, esse filho que chegou tarde e se foi tão cedo: dor cortante, massacrante, opressora. Mesmo assim, sentiu um irresistível impulso de reler aquele "Caderno de Recordações", onde os colegas de Martim escreveram mensagens crivadas de erros sintáticos e léxicos — mensagens sinceras, conselheiras, mas de uma ingenuidade não raro seráfica e eivadas de um ardor religioso que talvez o mundo já tivesse corrompido ou mesmo totalmente extinguido.

O velho caminhou para o quarto onde ficava o baú de coisas do filho e retirou o "Caderno de Recordações", onde essa expressão estava escrita em letras bordadas a tinta, seguindo-se logo abaixo "Martim Eiras Castelães — n° 35 — Menores — Curso de Admissão — 1953"; havia também, na primeira página, um desenho do velho Colégio, feito a lápis. Seguiu para a varanda levando o caderno e uma mistura fustigante de saudade com esse sentimento de ternura que os adultos nutrem pelas coisas traçadas pela mão confiante da infância. Sentou-se na sua cadeira de balanço, cigarro aceso, e ficou relendo devagar aquelas páginas amarelecidas, já com alguns orifícios causados por cupins e onde as incorreções gramaticais e estilísticas destacavam-se, freqüentes, ostensivas:

"7-6-1953

Caro amigo

Saudações cordiais

Foi com grande prazer que recebi este lindo caderno de recordações para deixar gravada a nossa amizade. Martin desejo que você passe boas férias, e também que passe nas provas. Quando você estiver em sua casa e pegar este caderno de recordação para lembrar de seus amigos lembre de mim, você lembra quando nós encontramos la no Mundo Colegial? Quando você falar do Vasco lembre de seu amigo

José Roberto R. Moraes Junior".

* * *

"Caro amigo Martin

Foi com grande prazer que recebi seu lindo caderno de recordação de suas próprias mãos para nele deixar gravada a nossa Amizade durante a nossa vida colegião e seremos Amigos ate o ultimo dia de nos encontrarmos.

Caro Amigo

Reze a Nossa Senhora Auxiliadora e Peça a ela para voce passar nos exames

Mas Lembre daquela Parabola que Jesus disse: Faça de sua parte que eu ti ajudarei da minha.

Termino esta com um forte abraço do Amigo José Lucas Peralva Quartim".

* * *

"Caro Amigo Martin

Foi com grande prazer que recebi esse belo caderno de suas mãos para deixar gravado nele a nossa amizade.

Quando deichar essa vida colegial, fores homem não te esqueças de mim, quando olhar nesse caderno. Aquele grande

amigo seu, da sua mesma sala etc. Não só lembre de mim mas também deve lembrar da frase que Domingos Savio sempre dizia:

Antes a morte que pecar, cumprindo isso você terá uma vida feliz na terra e também uma eternidade feliz:

O PARAISO.

Márcio Flávio”.

• • •

“Prezado amigo

Imenso foi o prazer que tive ao receber este caderno para deixar nele as minhas impressões. Eu não podia deixar de escrever estas poucas linhas de amizade. Os exames estão aproximando, e só faltam 16 dias para as férias. Mas se você quiser sair feliz nos exames, seja piedoso para com os seus companheiros, e rezar muito para N. Senhora te ajude. Este é o meu conselho. E sede piedoso como você é durante toda a sua vida para ganhar o céu.

Com estas palavras despede seu amigo

Jovelino Fraga Trigelli”.

• • •

“Viva o Bem Aventurado Domingo Savio.

Caro amigo Martim

Foi com imenso prazer que recebi este belo caderno de recordações para nele deixar gravado o meus conselhos.

Embora eu não sou digno de dar o conselho.

1º Você deve frequentar os Santos Sacramentos.

2º Você deve emitir o Bem Aventurado Domingo Savio tanto na Piedade, no comportamento e nos estudos.

E estes são os meus simples conselhos do Amigo que muito o estima

Carlos Xavier Cintra.

Natalício: 14 de janeiro (1941)”

• • •

"19-6-53

Prezado amigo

É com grande prazer que dou início as estas pequenas linhas escritas.

Foi também porque deixo gravada a recordação do amigo que muito o estima.

Martim seja sempre caridoso para os pobres e também para com os seus pais sim.

Despede o amigo

Herculano Weissshell Nogueira".

"Prezado Martim

É com satisfação que recebi de suas próprias mãos este belo caderno de recordações, para nele deixar gravadas a nossa amizade.

Dar-lhe-ei apenas dois conselhos, para que você pratique em toda a sua vida:

1) Honrrar Pai e Mãe.

Porque Jesus disse: quem ama seus pais devotamente terá vida longa sobre a terra.

2) Receber Jesus Sacramentado e viver sempre em estado de Graça.

Natalício: 3 de maio

Nome: Servulo Siqueira Campos Orban

12-6-53".

"Caro colega Martim

Uma alegria tive ao receber este caderno para deixar gravada a ele uns simples conselho. Dei-me licença.

1º) Ser Devoto a Maria Auxiliadora

2º) Seguir sempre os conselhos de Domingo Savio que ira subir aos altares como um santo no dia 24 de julho de 1954, ano que vem.

3º) Tomar cuidado com as ferias que é a colheta do pecado isto disse o nosso grande santo educador D. Bosco. Eis o conselho de seu amigo José Manuel.

P.S. — Lembre sempre que eu não esquecerei que você me dá doces da fazenda do Sr. seu Pai e que deixa eu usar a manteiga que recebe sempre casa. Obrigado. O mesmo”.

* * *

“Caro Amigo

Ê com grande prazer em que escrevo em teu lindo caderno de recordação para nele deixar gravadas não só a letra mas tambem a nossa amizade sincera.

Martim seja devoto de Maria Auxiliadora que com ela você saira bem nos exames.

Espero que um dia você passe a gostar de futebol e outros esportes, nas horas de recreio você só fica nos cantos e triste e esporte dá alegria e se você quiser eu lhe ensino ao menos volley.

Evandro.

Lembre-se o Atlético é o maior time mineiro.
Data natalicia: 15 de maio.”

* * *

“Caro amigo Martim Eiras:

Recebi de vossas maos este caderno para nele deixar gravadas as recordações minhas como prova de um bom amigo

Pêça a Deus que o ajude nas provas e também ajude todos os vossos.

Mando lhe junto deste um topazio muito bonito que encontrei perto da Cascata na última quinta feira e é como lembrança minha de amigo que senta no mesmo banco que você na capela.

Agora me despeso e pesso desculpa pela letra porque são vesperras de exames e você bem sabe que eu não sou uns dos mais adiantados.

Benito M. Serra Fonseca."

* * *

"Caro Martim

Foi com grande prazer que recebi de suas mãos este lindo caderno de recordações. Sei que eu não vou ficar junto de voce por muito tempo mas quando olhares para este caderno lembre-se do colégio e de todos os alunos que escreveram neste lindo caderno, e quando tiveres tentação reze a São Domingos Savio que ele te ajudara. Sei que voce é piedoso pois vive lendo a História Sagrada ilustrada até nas horas de estudar outras materias. Eu tambem gosto e fiquei muito impressionado com o martírio dos Macabeus você lembra?

O amigo que o Estima

Felix.

Natalício: 20 maio."

* * *

"Prezado colega

Grande foi o meu prazer em receber de vossas mãos este belo album com as impressões de seus bons companheiros, e pelo que vejo você anda em boas companhias.

Desejo que você saia bem nos exames, pois esforçando-se e tendo o temôr de Deus tudo se alcança.

Esforce nêstes ultimos dias para quando chegardes em casa os seus pais se verem desejosos de o ter em presença, e quando voltar para o colégio após ter passado boas ferias vir animado e estudar com vontade.

O meu conselho se resume em uma só frase "Tende sempre grande devoção a Maria, e triunfaras nos estudos e na vida".

Com um forte e estimado abraço se despede o colega que não o esquece,

Getúlio Sampaio Cunha de Lima.”

* * *

O Major ainda ficou folheando aquele gasto testemunho de um tempo morto, místico e conflituoso: o último ano da vida de Martim: alguns colegas de seu filho coloriram certas palavras que julgaram devessem ser destacadas; outros, sublinharam os conselhos (todos estavam imersos na mística dos conselhos), também a lápis de cor; um deles desenhara duas pequenas flores azuis no canto esquerdo da página; outro pregara um efígie do Senhor crucificado; um outro, ao fim da mensagem, desenhara uma pomba amarela levando no bico um cartão com seu próprio nome e endereço, precedidos de “Exmo. Sr.” Quase todos registraram seus endereços: Rua tal, número tal, Coronel Fabriciano, Ponte Nova, Belo Horizonte, Astolfo Dutra, Ouro Preto, Cachoeira do Campo, Pompéu, Teófilo Otoni, Cuiabá, Lorena, Matozinhos, Salvador, Manaus, São João del Rei... Nas últimas páginas, pregados a fita durex e goma arábica, efígies de Santos, estampas dos três pastorzinhos de Fátima, fotos antigas, reproduzidas de revistas, do Catequista Geral da Congregação, do Padre Inspetor, de Pio XII...

E, com o mesmo andar lento com que buscara o caderno para uma cruciante peregrinação pelo passado, foi levá-lo de volta ao baú: os olhos ardiavam no sal das lágrimas.

Em seguida, tomou outro café, como sempre muito forte, voltou à varanda, sentou-se, pôs-se a preparar outro cigarro: lazer de fim de vida. Rãs, grilos e espaçados mugidos na fria noite sem lua. O velho suspirou fundo e acendeu o cigarro.

O odor dos eucaliptos penetrou no casarão, tangido pelo vento, que o velho aspirava com certa volúpia, certo de que era aquele um dos últimos prazeres que lhe restavam neste mar tormentório.

O velho ouviu o trovão. “Mais chuva”, pensou. E soltou outra baforada.

A MECÂNICA DO IMUTÁVEL

AUTHOS

Luiz Fernando de Souza Emediato

Curso de Comunicação Social da Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas — 2º ano

Ficava ali no meio da rua controlando os carros, que não tinham nenhum problema para atravessar o cruzamento. Ele levantava os braços, levava o apito à boca, soprava, e os carros paravam, dominados. O trem vinha apitando de longe e pouco depois passava fazendo barulho, sacudindo a poeira dos arbustos que ladeavam os trilhos. Quando o último vagão desaparecia na curva ele soprava de novo o apito, levantava o sinaleiro da barreira e permitia que os carros retomassem o caminho. Os carros obedeciam, submissos.

O tempo passava sempre da mesma maneira. Tudo corria bem — e como os dias fossem invariavelmente iguais, aquilo pouco a pouco transformou-se em rotina. Já nem se lembrava como começara tudo. O primeiro dia de seu trabalho no cruzamento estava perdido em qualquer compartimento secreto e indevassável da memória; e como não conseguisse se lembrar de nada — nem mesmo por que estranho motivo viera parar ali — acostumou-se com a idéia de ali ficar sem conhecer as causas e objetivos de suas funções. Poderia ter nascido predestinado para aquele cargo e desde os primeiros tempos de sua existência se dedicasse àquilo e somente àquilo; talvez por isso eliminasse de seus pensamentos qualquer reflexão mais profunda acerca da na-

tureza de seu trabalho, apenas empenhando-se na desincumbência da imutável tarefa. Chegou ao extremo de apagar de seu reduzido corpo de conceitos a idéia que concebia de carro, trem e cruzamento, concentrando toda a sua atenção unicamente no desempenho do que já acreditava ser seu dever e obrigação, os movimentos para sempre decorados e o momento oportuno de realizá-los também guardado para sempre na memória, perfeito e encadeado. Era só o trem apitar ao longe e, mesmo sem ter ouvido o apito, sincronizava os movimentos, apitava por sua vez, tudo se encaixando com absoluta precisão para a realização do objetivo primordial e único de sua vida: evitar que os veículos se chocassem com a pesada e longa composição exaustivamente puxada pela locomotiva. Conseguia controlar tudo sem ver os carros e o trem; nem mesmo ouvia o agudo ruído do próprio apito na boca, assobiando forçado pela contração dos lábios, o ar expelido com força dos pulmões. Muito tempo se passou assim, tudo acontecendo da mesma maneira mecânica e automática. E ele não percebeu, dias depois, que até mesmo quando ia e vinha de casa passava pelas ruas sem nada ver e sentir, como se fosse um autômato.

Os carros jamais deixavam de obedecer ao seu controle rígido e frio, parando para o trem passar e continuando o trajeto, indiferentes, depois.

Um dia resolveu não voltar para casa: não precisava mais daquilo. Para ele bastava ficar ali controlando o trânsito sem perceber os carros e os vagões passando barulhentos, tudo feito com base apenas no instinto. Não sentia falta de comida, de cama, de gente. Talvez a fugaz lembrança de que pessoa alguma conversava com ele e nem lhe dava atenção fosse a causa da firme determinação de excluir de suas raras necessidades coisa tão inútil e banal. Morara sempre sozinho, numa casa frágil e pequena, sufocada entre outras casas enormes e compactas. Não havia quem notasse sua presença.

Ninguém percebeu sua ausência quando deixou, para sempre, de retornar à casa. E quando descobriram que

ninguém morava na casa e que ela, com o passar dos anos, tornava-se mais amarela e feia, demoliram-na e plantaram, no terreno vago, duas miseráveis árvores que nunca cresceram o bastante e durante todas as estações do ano apresentavam-se pobremente cobertas de folhas flácidas e sem cor, os galhos tortuosos e os troncos curvados por qualquer ventania mais forte, as fracas raízes impotentes para penetrar com força o chão.

Resolvera permanecer no cruzamento até o fim, controlando o trânsito. Era aquela a única coisa que lhe haviam ensinado, se é que lhe haviam, algum dia, ensinado alguma coisa. De qualquer forma, era só aquilo o que sabia fazer; tanto o sabia que o fazia sem sentir, os atos e os movimentos nascendo como se fossem autônomos e nem fizessem parte de seu corpo. Talvez pudesse ser partido em dois: ele e seus movimentos. E talvez ainda se pudesse dizer dele, sem qualquer temor de se estar dizendo um absurdo e uma inverdade, que ele deixara de existir. Porque na verdade o que existia era unicamente a sua função.

Quando chovia, não via a chuva nem a sentia; quando o sol causticava o corpo molhado e crestava a pele, não se incomodava: impávido resistia ao vento e às tempestades. Sequer chegou a tomar consciência de que suas roupas iam-se rasgando; acabou por ficar inteiramente nu. Estava magro, muito magro: seu corpo a cada dia tornava-se mais fino e frágil. Mas ninguém prestava a atenção nessas coisas. Era como se ele não existisse.

Nunca pensara em deixar tudo aquilo e aprender outro ofício, mudar o modo de vida. O cruzamento estava de tal forma arraigado em seu ser que talvez não pudesse jamais aprender outra coisa. Além disso qualquer coisa fazia com que se julgasse de suma importância na estrutura do sistema: percebia vagamente que, caso faltasse, sua ausência, mais cedo ou mais tarde, desencadearia o caos.

Certa época, sem que se pudesse explicar por que motivo (e nem ele nem ninguém tentou buscar explicação para aquilo), os passarinhos foram chegando e fazendo ninhos em seus

ombros. Depois foram as abelhas que se aproximaram, em pequenos bandos, e penetraram bem fundo em seus cabelos. Fizeram um mel que escorreu pelo rosto, contornou os lábios, caiu no chão, atraiu as formigas que invadiram seu corpo aos milhares, subindo-lhe pela perna esquerda em longas e intermináveis filas. Quando o mel se extinguiu perambularam desorientadas pelo corpo estéril, até se decidirem por descer pela perna direita e continuar caminho em busca de coisa melhor. Um casal de aranhas negras construiu uma teia confusa por entre os pelos de seu púbis, aprisionando mosquitos e moscas na rede. E, quando a serpente enrodilhou-se em seu pescoço, depois de subir lentamente pela perna magra e nodosa, plantada no chão como uma estaca, ele não fazia nenhum movimento. Depois de sete dias a solitária e entediada serpente deslizou suave e escorregadia pelo corpo imóvel até desaparecer por entre as pedras. Os pássaros, depois de chocarem os ovos, partiram sem se despedir, deixando-lhe como lembranças os ninhos desfeitos e as pequeninas fezes salpicadas nos ombros nus. As aranhas morreram e secaram rapidamente, deixando fragmentos de mosquitos e moscas nos pelos embranquecidos pelas teias e pela poeira amarela da rua. As formigas nunca mais voltaram: acostumadas a nada achar naquele corpo esquecido no meio da rua, passaram a evitá-lo, contornando-o até encontrarem novo caminho.

E ele continuava firme em seu posto, controlando o trânsito sem cometer um erro. Erguia os braços, soberano e poderoso, apitava: os carros paravam, sempre submissos à sua vontade. E o trem passava. Quando apitava novamente os carros moviam-se sem prestar atenção à sua figura magra, nua, manchada e suja, um ser esquisito que, apesar de todas as suas insólitas características, não era nem mesmo notado pelos que passavam. Talvez não acreditassem na sua existência.

Mas o tempo passou e um dia ele não suportou mais. Olhou para o céu — era a primeira vez que olhava para um ponto que não fosse o cruzamento à sua frente — e deixou

escapar do peito um longo e cansado suspiro. Sentia por todo o corpo um cansaço que nunca sentira; sem acreditar (sem querer acreditar) no que acontecia, percebeu perplexo e desesperado que ia murchando e caindo sobre as pernas exaustas que se recusavam a sustentá-lo. Ficou de olhos abertos por um fugaz momento. E depois de abrir a boca para um grito inútil que a garganta se recusou a construir, procurou, resignado a não ser mais obedecido pelo próprio corpo, um bolso para guardar o velho e fiel apito. Só então notou que estava nu, mas não teve tempo para exteriorizar o atrasado gesto de vergonha que nascia dentro dele. Os olhos foram-se fechando levemente, até que uma imprevista paz o invadiu, tomou conta de seus vagos pensamentos, foi cobrindo o cansaço e envolvendo-o no esquecimento das coisas.

Os carros continuaram passando. Quando o trem vinha lá longe, apitando com fúria, paravam e aguardavam pacientemente que a composição passasse. O último vagão já era mancha e ponto no fim dos trilhos quando ligavam os motores e atravessavam o cruzamento, continuando tranqüilos o seu caminho. Ao passar, não notavam o corpo escuro, esquecido no meio do caminho. Apenas sentiam, muito vagamente, a trepidação dos veículos quando as rodas passavam sobre ele, esmagando-o pouco a pouco. Com o tempo, o corpo foi triturado e incorporou-se à terra.

O tempo passou. Não se notava nada de diferente no local, a não ser o estranho borrão esparramado na terra. Mas ninguém se detinha para olhar aquilo e indagar sobre sua composição e procedência: todos tinham muita pressa em terminar o quanto antes seus afazeres. Por fim, nem mesmo este borrão existia mais. O tempo, a chuva e o pó deram-se o trabalho de apagá-lo para sempre da terra e da memória dos homens — se é que alguma vez estivera registrado nesta memória. E ninguém se recordou que houvera ali um guarda de trânsito. Ninguém deu por sua ausência, pelo único e insofismável argumento de que é impossível e absurdo que alguém se recorde de algo que se esforçou por não ver e sentir, algo que pode até mesmo não ter jamais existido.

Até que um dia (os técnicos até hoje não conseguiram explicar o acontecimento e há anos empenham-se na inútil tarefa de esclarecer as verdadeiras, exatas e possíveis causas da tragédia), os carros não pararam quando o trem veio à toda velocidade pelos trilhos. A locomotiva chocou-se com o primeiro veículo da longa fila, arremessou-o longe e descarriou-se; continuou a correr pelo asfalto, varreu da rua pessoas e carros, derrubou dezessete árvores, arreventou sete fios elétricos e telefônicos — provocando um curto-circuito que, por setenta horas, paralisaria todas as atividades da cidade — entrou por uma casa verde, acordou uma criança gorda que dormia num berço coberto por um cortinado muito branco, esmagou o cachorrinho de estimação de uma velha senhora que terminaria seus cansativos dias às voltas com uma insuportável e extenuante desritmia cardíaca, saiu pelo quintal e destruiu um canteiro de rosas e margaridas, capotou sete vezes e imobilizou-se por um momento no chão. Tudo se acalmou por alguns segundos, só se ouvindo um tímido e quase imperceptível chiado que nascia do meio das ferragens. Até que este débil ruído, juntamente com todos os ruídos da Terra, foi abafado pela explosão que tudo levou pelos ares: prédios, fábricas, chaminés, encanamentos, veículos, pessoas, animais, móveis, máquinas, latas, painéis, alto-falantes, quadros de santos, espelhos, agulhas e alfinetes, misturando-se no meio do furacão.

Séculos depois, quando tudo já se normalizara e o Poder Público, amedrontado pela ainda furiosa opinião do povo, fizera com urgência a remoção dos escombros e a simultânea inauguração de um fantástico e formidável centro de diversões, um político levantou na Câmara o problema do cruzamento, requisitando urgentemente um guarda para aquele local, muito perigoso para continuar sem controle. O líder do partido, apreensivo e surpreendido (pois era mais prudente que se fizesse silêncio em torno do acontecido), mentalmente se fez a promessa de ter com inábil subordinado, o mais breve possível, uma longa e sutil palestra — mas enquanto esta oportunidade não surgia aguardou, tenso, a opinião do Poder

Supremo. Quando este Poder se manifestou favoravelmente — embora com frieza — ao pedido do ilustre, porém inexperienced político, resolveu adiar por mais algum tempo esta palestra. Acabou por excluí-la de sua agenda quando, dias depois, foi comunicado, extra-oficialmente, de que o até então eficiente político que tivera a infeliz triste idéia de suscitar dúvidas quanto a atuação do atual governo, bem como o de — gratuitamente e talvez almejando extrair da situação proveito próprio — provocar, indiretamente, a perturbação da ordem e da paz social, fora por isto mesmo chamado a explicar as razões do tão impensado e lamentável ato às autoridades competentes.

Mas, de qualquer forma, em pouco tempo um novo guarda controlava com firmeza o tráfego pelo cruzamento. Tudo voltou à normalidade, os carros parando quando ele alçava os braços e levava o apito à boca, prosseguindo seu caminho depois que o trem passava. Os dias transcorriam sempre iguais e os movimentos foram se transformando em rotina; o guarda fazia-os automaticamente, decorados que ficaram na memória e no instinto, integrando parte da paisagem de tal forma que ninguém prestava a atenção nele.

CÃO LAPORTE

GAP

Geraldo Félix Lima

Instituto de Ciências Biológicas

"fui andando por um caminho
ramo verde balançou
fica quieto, ramo verde
nosso tempo já acabou".

popular

Passado passado. De há muito não se diz do cão que morreu. Era assim meio fusco. Branco. Ruço. Orelhas de vira-lata cruzado com buldogue. Cão rosento. Pai tinha-o sempre na corrente para não morder os passantes. À frente da casa na estrada real. Vindos os cavaleiros com alforques em garupa de cavalos e bruacas em burros, ouvido o estertor do tropel, ele, ágil saía, de susto quando por descuidado meu pai se esquecera de amarrá-lo. Nacos bons-pernas gordas. Nacos magros-pernas secas. De variadas carnes saboreou, humanas, não impune. De cabresto. De chicote. De taca. De tira de couro cru (na época meu pai curtumeiro), repetidas surras, lições fáceis esquecidas. Ouvido longínquo movimento de gato, orelhas se entesando. Laporte. Laporte, seu nome. Cão branco bonito como não mais se viu. E visto for não será Laporte, pois é morto. Aprazia-lhe passar susto nas galinhas, quando menos esperassem, de surpresa relâmpago lá fazendo vênias de

comê-las em penas. Dia trouxe dos brejos saracuras, ainda ao fresco escorrendo sangue. Louvado por isto, bom pedaço dangu mereceu. Era coragem. Compridas brigas. De correr cães mais experientes. Até mesmo com o do Sr. Odorico Pinhas, cujo era o símbolo de toda força canina das redondezas.

Quando pensando em Laporte, tenho sensação de evo. Permanente. Cão vivo no esdrúxulo da memória. O pai dizia: — Laporte, tem veneno — a fim de mostrar às visitas ser dono de cachorro ensinado por ele mesmo. Laporte fazia trejeito de avançar, tamanha fome. Pai, dedo ereto ameaça. Laporte fazendo barulhinhos de cão, pondo cabeça entre as patas dianteiras elevando cômico o trazeiro com ar de farejar caça. De escutar codorna. De perseguir inhambu. Que isto de que gostava em campo aberto sem obrigação. — Laporte, não tem veneno não, tá curada — dizia o velho, recolhido o dedo. O cão comia, as visitas se entusiasmavam. Pai dizendo falado de um outro cão Pintor, paqueiro de primeira, por tempo fornecedor de carne à casa, finado de furadas de facadas que inimigo seu, ele de bem sabido qual, havia feito. Cão esse se arrastou para morrer em terreiro do dono.

Dia de agosto de ano que não me vem, agosto mês de cães hidrófobos, de loucos houve briga havida bem no nosso nariz, ali presentes pendurados na tranqueira, os meninos. Laporte saíra bem não fora mordida na cauda, leve-sobreleve.

Torcida formada em delirantes gritos e palmas, torcemos. Os cães outros, eram os do sêo Quincas, do Mamede, do Antônio Ricardo, do sêo Jesu Gonzaga. Vinham de descontar coro mal dado de injustiça por Laporte em Assembléia, cadelinha mo-fina que vivia de angariando restos de lavagem. Até hoje riem quando conto estaistória, solidariedade invejada. Distribuída a justiça os cães se recolheram, a cadelinha festa e flerte com todos os eles. Iscamos Laporte no princípio da briga, mãos em concha. Mal sabidos de que contada a vitória que não tinha havido assim tão visível, derrota viria. O cão deu de babar, rabo-entre-pernas. Esmorecido, virando pra gente boca arreganhada. Desta mudança no comportamento, pai pressentiu causa mais que certa. E amarrou-o

por dez dias, longos dez dias, cão uivando sem lua, cansado sem canseira, espichada língua, babando em bicas, e tentado a morder. Pai deu formicida pra ele em bola de carne. — Laporte, tem veneno. Tem veneno, não, Laporte — pai brincou. Cão lambeu, não comeu. Pai pôs o pó branco puro: por vezes mais continuadas lambeu com gosto. Bateu rabo pra espantar as moscas.

À tarde, numa tarde foi o enterro dos cachorros. Pois outros cães, outros que haviam brigado também descobertos de estarem hidrófobos tiveram mesma sorte. Arrastança. Arrastados. Arrastamos todos. Nós, o nosso. Os outros, os deles. Amarrados com corda de bacalhau, dessas de adjuntar subcarga. Seguimos pelo caminho vermelho que vara por perto dos pastos do Michel, de são Quim-Quim, donde se pode ver o povoado com igreja e casa paroquial única de andares. No valo das vertentes que separa a terra dos Fernandes da terra dos Motas, ali terra branca, fofa, oca, tabatinga, cavamos vala comum onde os sepultamos. E hoje, até hoje quando passo por lá rezo por alma de Laporte, por via das lembranças.

ESTÓRIA

MIGUELIM

Jackson Drummond Zuim

Faculdade de Letras

Entre os olhos da noite e suas lâminas — vento, orvalho, o frio derramado sobre arbustos — iniciava-se o trabalho e a vida. Os homens refaziam a trama das redes, úmidas da noite inacabada, ainda, levavam-nas aos barcos adormecidos sobre o rosto do rio, preparavam-nas: urgia a certeza da volta e do alimento, a todos cabendo o quinhão usual de peixe, silêncio e calma. As mulheres cozinhavam a primeira refeição, devagar se movendo, passo a passo, entre suas sombras e o fogo: a geometria imprecisa de luzes e frestas, esta dança de penumbras. No quarto, deitavam-se o sono e as crianças, ausentes desse dia anteposto ao dia, charrua desde já lavrando os trigais do escuro. A casa e os barcos e o rio lá fora se pensavam, tudo um só cristal, oculto com cautela de qualquer contato, sua fragilidade ferível.

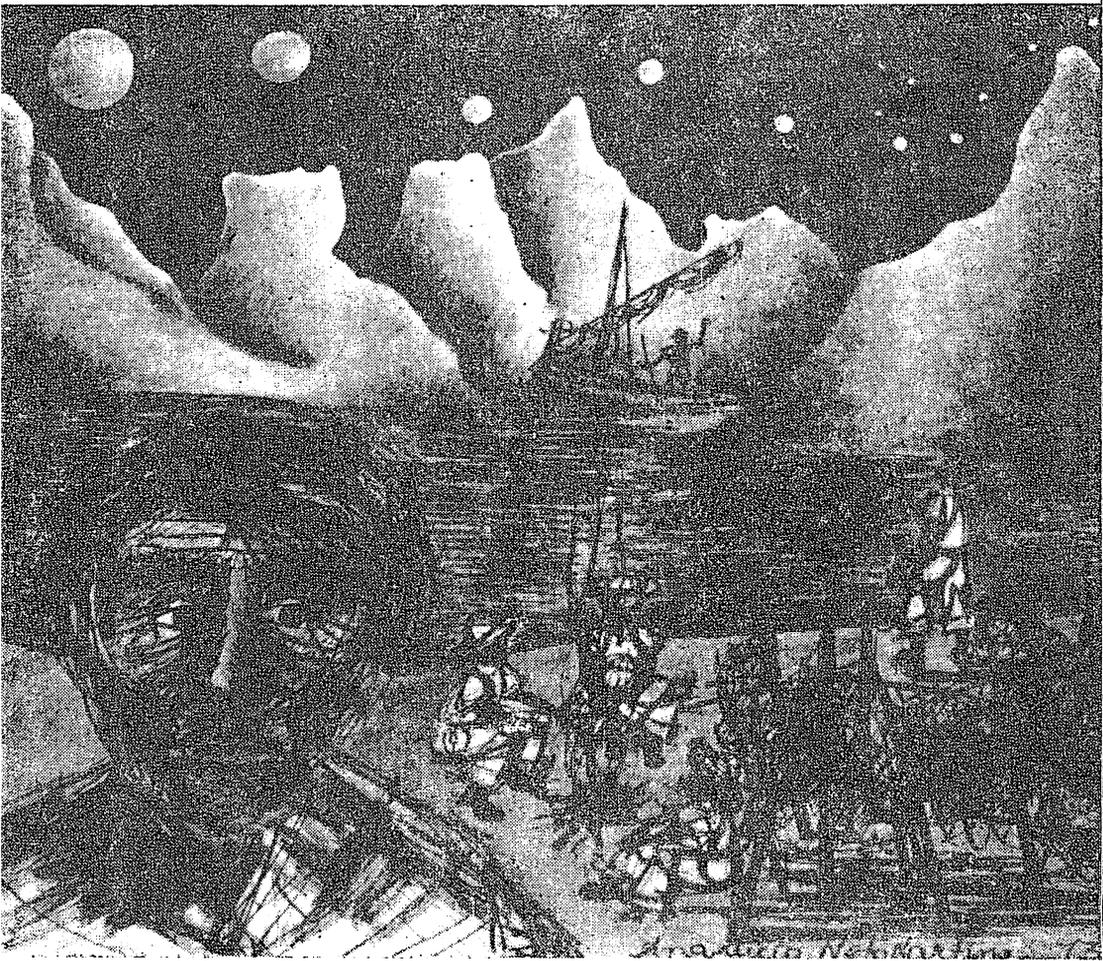
Mal e mal se pressentia a manhã, nada de tangível, de claro; era antes uma aflição íntima, a incerta certeza de algo a se preparar além, criança no instante exato que antecede os fogos de artifício. E de repente era dia, era o dia descendo a cordilheira aos saltos, rolando, tomando de assalto os olhos, o peito, suas múltiplas agulhas súbito povoando a paisagem de minúcias e sustos. Era o dia, a embriaguez de luz, o grito.

Aos pés da água e apartada do sítio das montanhas, na margem que, única, alongava-se à vista, de solidão e arestas erguia-se a aldeia. O rio à frente, a água, de familiaridade estranha e silenciosa, estendendo seu tapete de musgos e inflorescências brancas, mutável a cada manhã. Atrás os montes, mantendo por milênios o mesmo cerco de basalto, a ampla felicidade, a campina, de onde ninguém jamais fugira, nem fugiria jamais. A claridade abria portões, chamava para a aventura as crianças, correndo, essa fuga entre os espelhos do casario. O mundo era seu brinquedo. Vagarosos a princípio, então, na primeira tinta da manhã, os barcos largavam, leves, difícil dizer se por ar ou água partiam, o velame recolhendo brisas, pássaros, a lembrança. Em pouco tocavam já as fronteiras finais do horizonte, confundindo-se após, líquido ao líquido, iguais, e desapareciam.

Meu pai lançava a rede no remanso mais profundo, onde a água era mais densa e mais sombria murmurava; rígida a mão, rígida a mente, a espera, buscando os peixes esquivos que nas regiões frias, bem baixo, habitam o mundo do espanto e da mágica. Jogava-se a rede maior, de largas malhas, muito se esperando até de novo trazê-la, a captura, manchas e sombras, o gesto repetido sempre e sempre. Tanta a procura do imponderável, cada movimento escondendo anseios, funda a corda descendo nas águas e na própria fantasia.

Com outro rumo em seu vôo tornavam os pássaros à terra, anunciando a noite vizinha. Já então as proas abicavam trilhos novos, a última brisa conduzindo à casa, à mesa posta, ao calor do braseiro e dos olhos. Todos juntos, quietos, seu silêncio destilando segredos. Por sobre a mesa tocavam-se as mãos invisíveis da intimidade. A roda das fogueiras, chamuscando a noite desde há muito antiga, lá fora os velhos repetiam a estória, entreabriam os anais da lenda: o rio, a terceira margem.

“... uma cidade de vidro, perdida no bosque. As árvores são altas e há estranhas luzes que fogem, aqui, ali. No chão floresce a neblina, cobrindo os pés de todos os que até lá viajam, e para lá viajam todos os que um dia no rio



se tenham aventurado. E há murmúrios atrás de cada ramagem, a surpresa sempre, a flor de fogo. E há a distância incontável, incontada, o vôo no abismo entre qualquer das margens e a terceira margem”.

Eu andava pela brisa, imaginando, as asas da infância roçando outras terras, acreditando, desacreditando, vendo, desvendo. Nunca ninguém se fora, que eu conhecesse, meus companheiros todos presentes ao cotidiano. E no quarto, tarde, o sono me buscava entre navios, pelas velas de luz de lugares perdidos. Esquecia-se, até que amanhecesse de novo. Assim, os olhos assombrados de verde, eu bebia o tempo entre meus dedos, muitas vezes renovando a areia fina de cem praias nas mãos em ampulheta. Era o gato da vida maquinando botes, agachado dentro de sua lentidão.

Certa noite veio a lua mais larga, pesando seu plasma contra os rochedos. Uma ronda de nuvens perdera-se no mato, rasteira, arranhando ventre no chão. Calaram-se as estórias nesta noite, gemidos correram pelos freixos, demorou-se o frio erguendo seus muros de medo em torno das fogueiras abafadas. Tarde, uma formação de discos brilhantes riscou de ponta a ponta o céu, gravando no peito o pavor. Meus amigos reabriam os cofres do silêncio, neles prendendo seus presságios. Em poços fundos lancei minhas palavras, buscando o sono refugiado nos cantos, no musgo de sombras, entre espinheiros; o escuro veio vindo, cerrou-me as narinas, tapou-me os olhos com suas mãos. Invadido de vazios levantei-me, saí, querendo a custo vagalumear o chão. Lá fora se estendera o rio, tatuada sua pele de grandes barbatanas, lírios, os peixes do mistério. Longe na névoa o barco de meu pai se despedia: seu braço rasgou na bruma a saudação, o adeus, e sumiu. Por longes perderam-se meus olhos, largo tempo, incompreendendo, interrogando, a alma sedenta de razões. Nenhum dos homens interrompeu seu trabalho, fitando-me apenas, sua calma a mesma, acordando ecos. Fui-me então para a tarefa das redes, refazendo, decorando-lhes as malhas, tudo dispondo para a pesca, o pão, a manhã.

E não me surpreendi, descobrindo o dia sobre meus brinquedos desmontados.

A princípio pescava pelas vizinhanças da margem, as amarras de meus olhos consolando-se com paisagens terrestres. Filhote de pássaro, o espanto das alturas. Sucedendo-se no entanto os meses, passo a passo mais distante velejava, a sede agitando-se em minha alma. O aprendizado do vento, a intimidade do pássaro: rotina repetida a cada ano, até que, sem que o achasse tarde ou cedo em demasia, encontrei-me ceifando a colheita das águas, distante do vale e seu cerco de basalto. O gesto por demais sabido, a rede, o país das algas.

Meus filhos esperavam onde vinha o vento se acabar: o calor, a casa. Eu os olhava, como em poço claro ou num espelho, avaliando em mim a extensão do passado — fogueiras, a estória — e caíam-me penumbras sobre as pálpebras. Certa noite, quando o frio empilhava cascalhos ao redor das cinzas, vi nuvens e o vento norte fugindo entre o espinheiro. E logo levantou-se a lua, lenta, larga, espargindo sangue sobre os rochedos. De novo cerrei minhas palavras nas celas do silêncio, esperando as águas que subiam, o indecifrado desenho de barbatanas e cardos. Com o abraço da neblina levantei vela, o séquito do mistério seguindo-me ao largo. De longe, voltei-me: o vulto de meu filho recortava a noite, fios da angústia vestindo-lhe o corpo. O gesto ritual, o adeus, encontrou sua mudez. E logo, sem o sal da tristeza, sem as abelhas da alegria, perdi-me dele, pois assim fora sempre, assim sempre seria, tanto já nos desconhecíamos.

O barco buscou seu caminho pela geografia das vagas. Do vôo final da rede colhi uma braçada de lírios; contra o escuro veio esboçar-se o vulto das sequóias, filtrando o brilho de grandes espelhos, reflexos estenderam-se no chão, o orvalho deitou-se; pequenas luzes correram para o bosque, na neblina onde ramagens murmuravam. A margem mágica, o outro lado. Como se de longe viéssemos sempre chegando, desde sempre.

RL

revista literária

CONCURSO
DE
POESIAS

ESFINGE

GURRUMAMM

Osias Ribeiro Neves

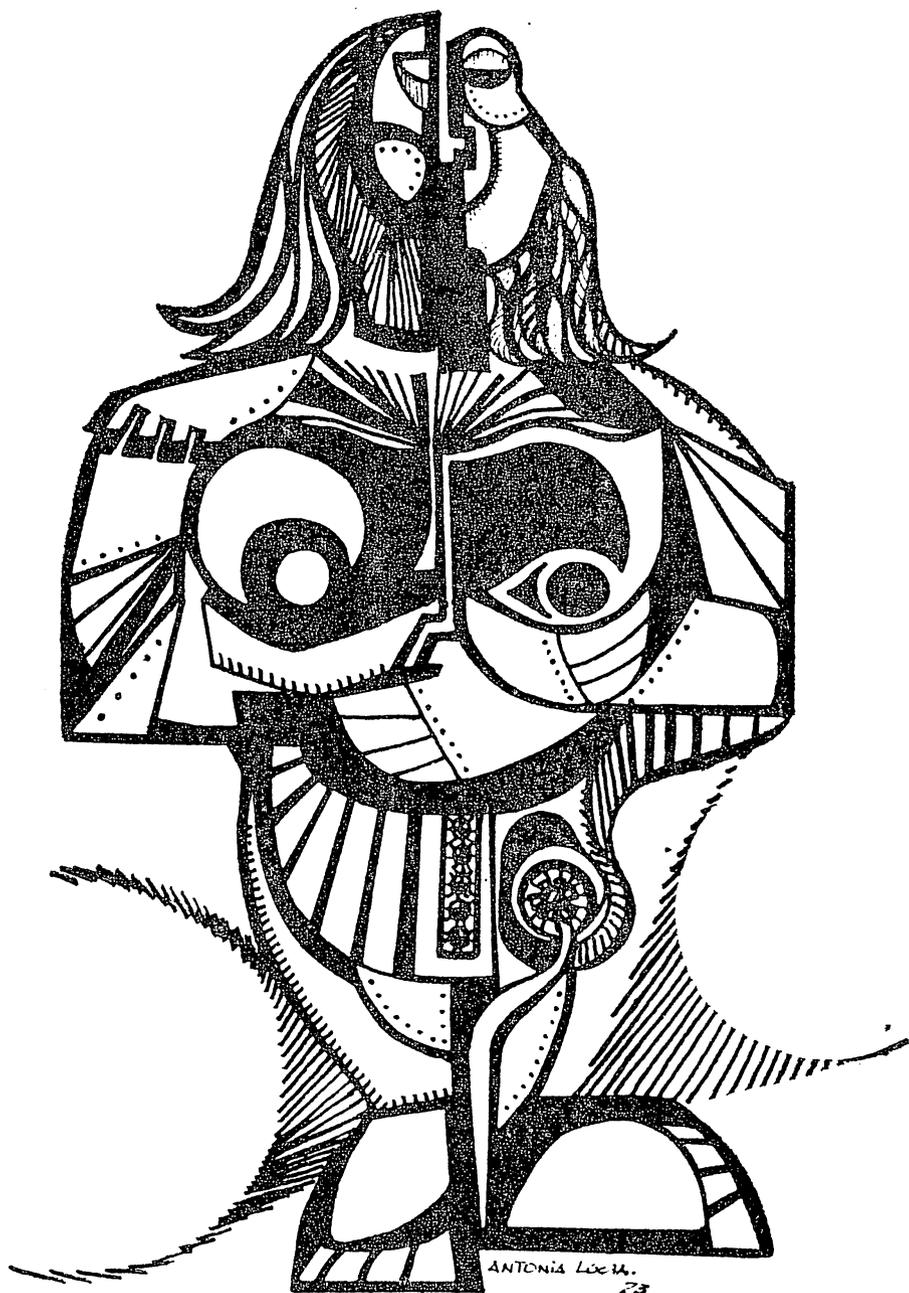
Curso de Ciências Sociais da
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

*: que os seios da esfinge sejam de aço
a guardar o leite ou o sangue para ama-
mentar o último sobrevivente gerado no
solo do vietname.*

*: que dos olhos da fera cresçam cris-
tais à prova de bombardeios.*

*: que suas mãos sejam automáticas no
decorrer do caminho & que nunca mais
seja preciso um gesto de rendição.*

*: que o útero da esfinge seja transmu-
tado assim que no labirinto de suas
trompas não se fecunde mais vida & que
seu ventre seja estático como estático
é o monumento, erguido na américa, ao
bravo soldado consumido pela máquina
da guerra.*



ESTRUTURAS

FREE

Luiz Fernando de Souza Emediato

Curso de Comunicação Social da Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas — 2º ano

este tardio tédio, este inútil

estio

esta perdida

procura

esta incômoda

mordaz

acomodação

*levanta, ergue no ar a brilhante bandeira de gestos heróicos,
faça da tua voz baluarte e arcabouço, do teu grito estandarte
de vitórias e derrotas, das tuas palavras barricadas contra
as barreiras que se levantam, intransponíveis e inalteráveis,
grita, agarra, corre, salta, planta*

no meio da praça

uma bananeira

mostra a língua ao diretor

ao presidente

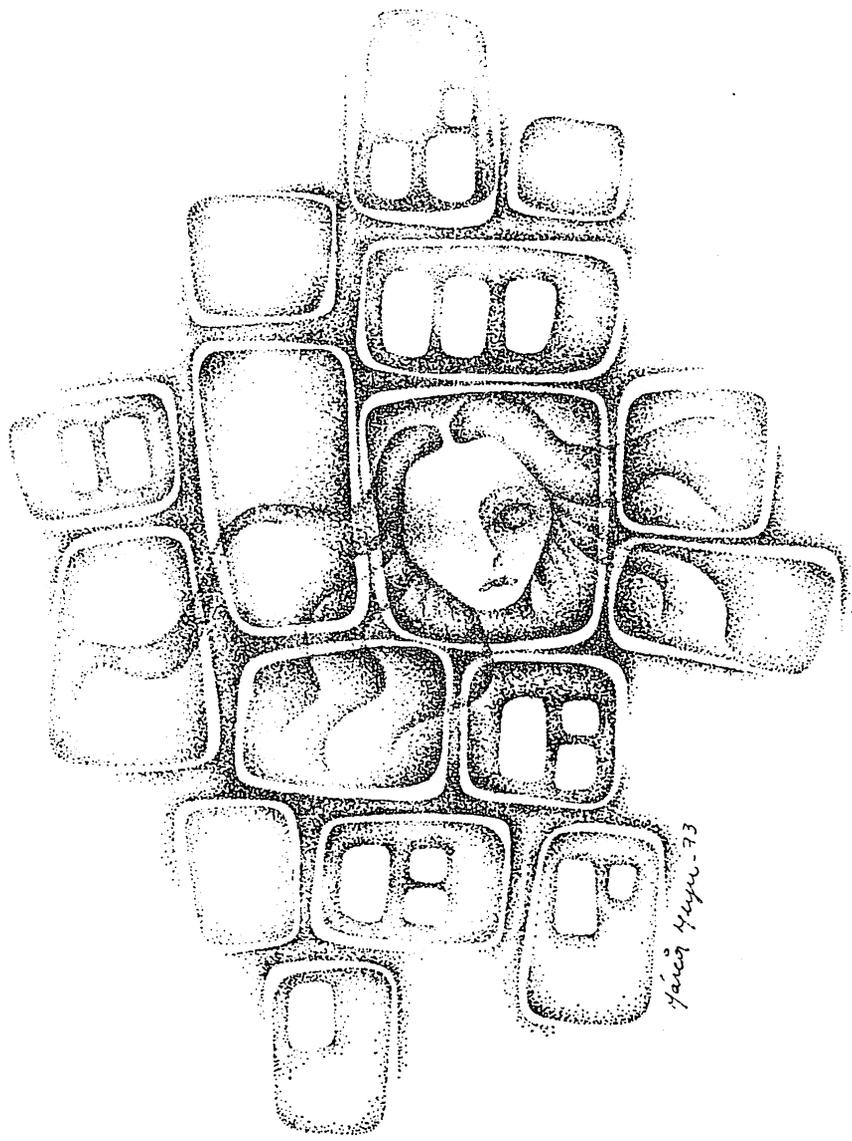
da escola

*você não é um homem
comum
você pode
balançar o coreto
você pode, yes you can
you are
a wonderful
boy*

*vai, meu filho
vai, segue o caminho de tristezas
que teus pais traçaram
não te desvies das rotas previamente
traçadas
não te desvies do caminho dos puros
não te desvies, evita as más companhias
e não durmas ao relento
tua mãe em casa vela e reza por ti*

*vai, companheiro, vai
a estrada é estreita e a rota triste
mas não desanimes: os espinhos
são a registrada marca da verdadeira estrada
é estreito e cheio de pedras o verdadeiro caminho da vida
e ampla, e larga, e cômoda
a estrada das perdições e dos pecados, do castigo
da miséria e da morte
eterna*

*este tardio tédio
ah, meu deus, por que não morro
ou não me perco para sempre
na loucura das divagações insanas?*



Yakov Yegorov - 73

*grato, amigo
agradeço a tua mão companheira
o teu aceno na curva dos lábios
o teu beijo ambíguo na face esquerda
na minha face
logo eu
que nunca gostei destas coisas*

*gretchen
mulher de plástico
você murchou e eu não tenho
dinheiro
para comprar outra
nem existe um doutor
para inflar de vida a matéria dos meus
sonhos*

*jezebel jezebel
o mar explode o mar espanha
o mar apanha
o mar arranha
aranha
e ara
a árida planície
dos meus desejos planaltos*

*jezebel jezebel lança os teus cabelos
as tuas tranças, lança!
o teu pobre menino chora e geme ao pé da torre
e o sangue escorre das veias tímidas
finas, débeis, inúteis, ímpias
jezebel meu amor minha aurora minha vida
aurora da minha vida*

*aurora, ai! ai que mi muero
que me acabo nesta noite de ronda
de silenzios, de tristes
cantigas*

*ó pósteros cantem e dancem celebrem orgias
missas e carnavais chafurdem em bacanaís selvagens
em minha honra e homenagem:
que grande artista o mundo
vai perder*

3º Lugar

POEMÁGUA

CORISCO

Eugênio Gomes

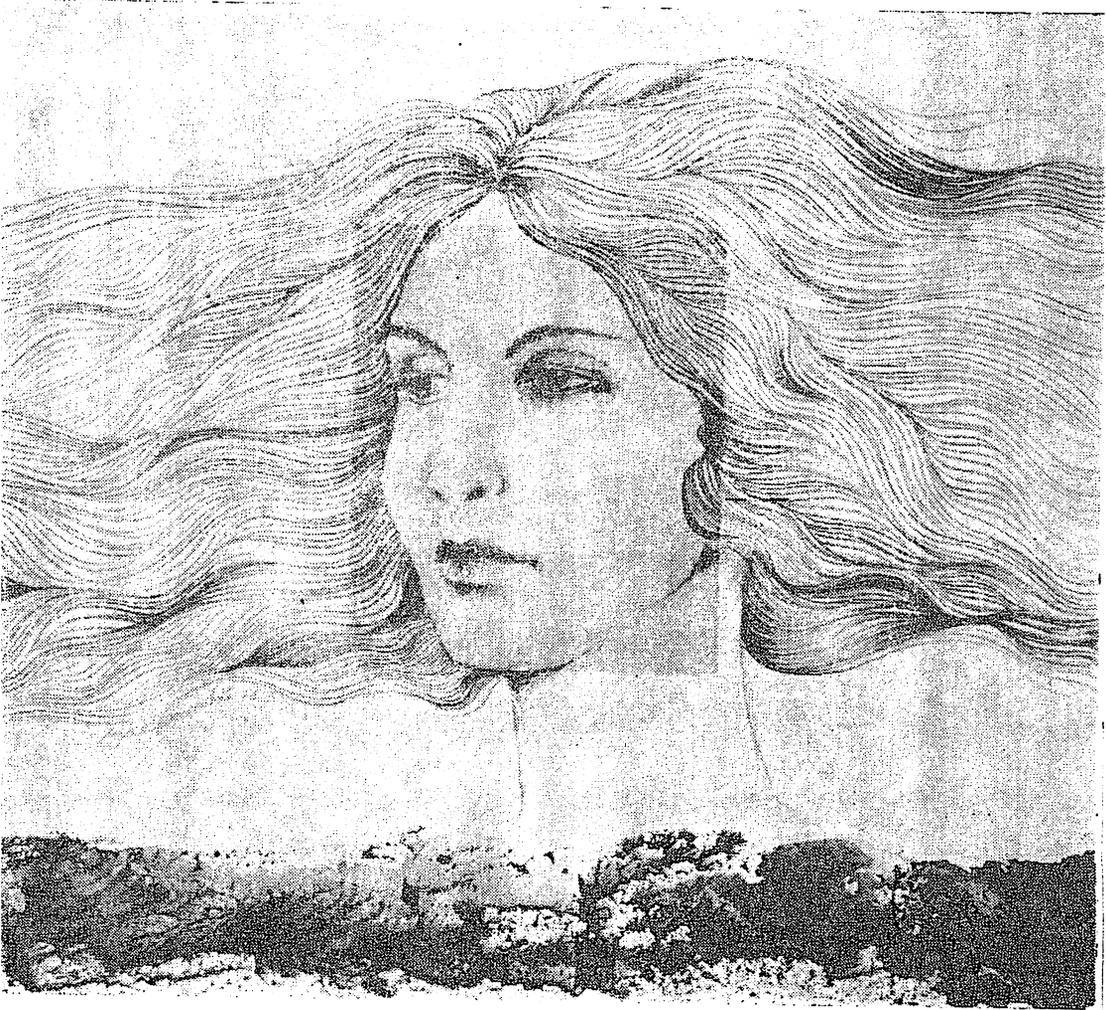
Faculdade de Medicina — 4º ano

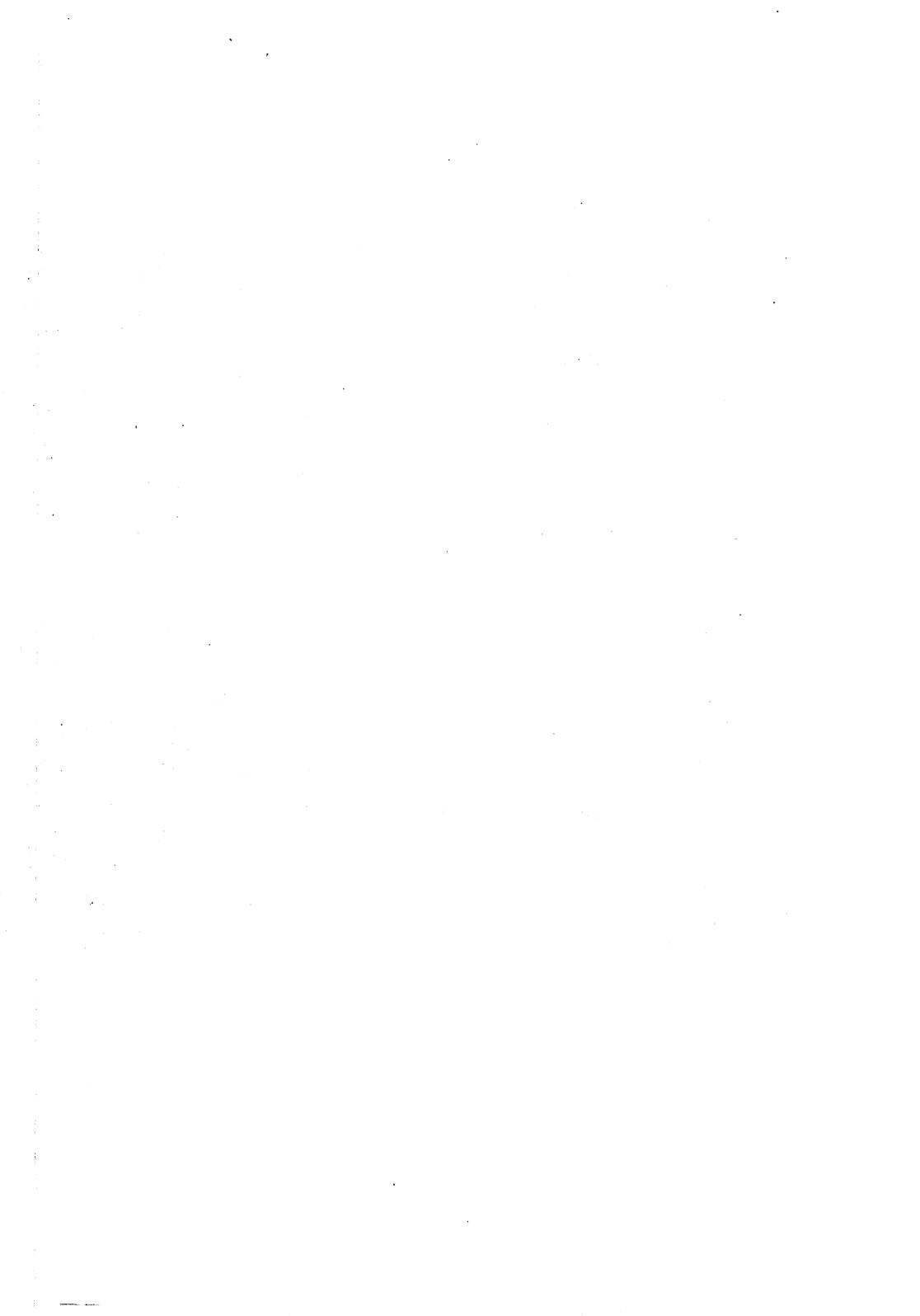
poemágua

NUNCA esse teu jeito cosmopolita foi capaz de assimilar a pedra a nuvem a água este verde e esta toada-baião nem vez alguma dançaste o ritual do fogo (um pé no céu outro na estrada — as duas pernas fazendo um ângulo absurdo) ou bebeste do azul líquido dessas noites latinas o veneno dos trópicos úmidos de mormaço feras e locomotivas

SEMPRE : deturpaste o verdadeiro sentido do meu gesto e da minha palavra : sempre : zombaste da minha alma fisa e me repudaste o corpo : assim foi todo esse tempo : todo esse tempo a me mostrar o nojo e a intolerância no parido selvagem dos teus olhos e a repressão desigual em tuas mãos sanguessugas : sempre : a desmanchar qualquer virtude

poemágua





CONCURSO
DE
POESIAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

PIRÂMIDE

EURIDICE

Sâmia Aki

Curso de Psicologia da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas — 1º ano

A
qui,
onde os
faraós fo-
ram violados
em seu sono, para
que fossem levados
para estúpidos museus o-
cidentais, aqui reside o an-
tigo mistério da conservação
da matéria, o reinado de R.A. Aqui
nessa geometria perfeita de matemáti-
ca não convencional, fica a sala de espe-
ra da ressurreição de antigos povos, tal e
qual se espera o Messias. Todos os povos preci-
sam de um Messias invulnerável a gás lacrimogênio,
granadas, cassetetes, metralhadoras e bombas napalm,
inclusive que tenha uma serra afiada para rebentar corren-
tes

CERTIDÃO DE IDADE

NININHA

Ana Maria Donagema Proença

Faculdade de Direito — 4º ano

*Em verdade, trago ainda muitas marcas.
Os elos não se romperam de todo e os
grilhões de ferro perderam-se nos sé-
culos de papéis e amontoados históricos.*

*Em verdade, ainda embaraça-me o estigma
da violência e crueldade, a saudade mor-
tal do seio materno, o cheiro das minhas
gentes.*

*Em verdade, ainda espero a reversão cí-
clica da história, para poder desembaraçar-
me da minha gasta certidão de idade.*

AS MINAS QUE O MAR BANHOU

MYSELF

Mônica de Catella Noronha

Faculdade de Letras — 2º ano

*Quantos
mares
Minas
não tem?*

*Quantos
Oceanos?*

*Quantos
milhões
de anos
atrás?*

*Quantos
mares
Minas
já teve?*

*Quantos
fósseis
aventam
a hipótese?*

*Quantos
leitos?
Quantos
veios?*

*Quantos
oceanos
deixaram
lugar
para tantas perguntas,*

tantas minas gerais?

OFFERTORIUM

BARBARA

Maria da Graça Britto de Azevedo

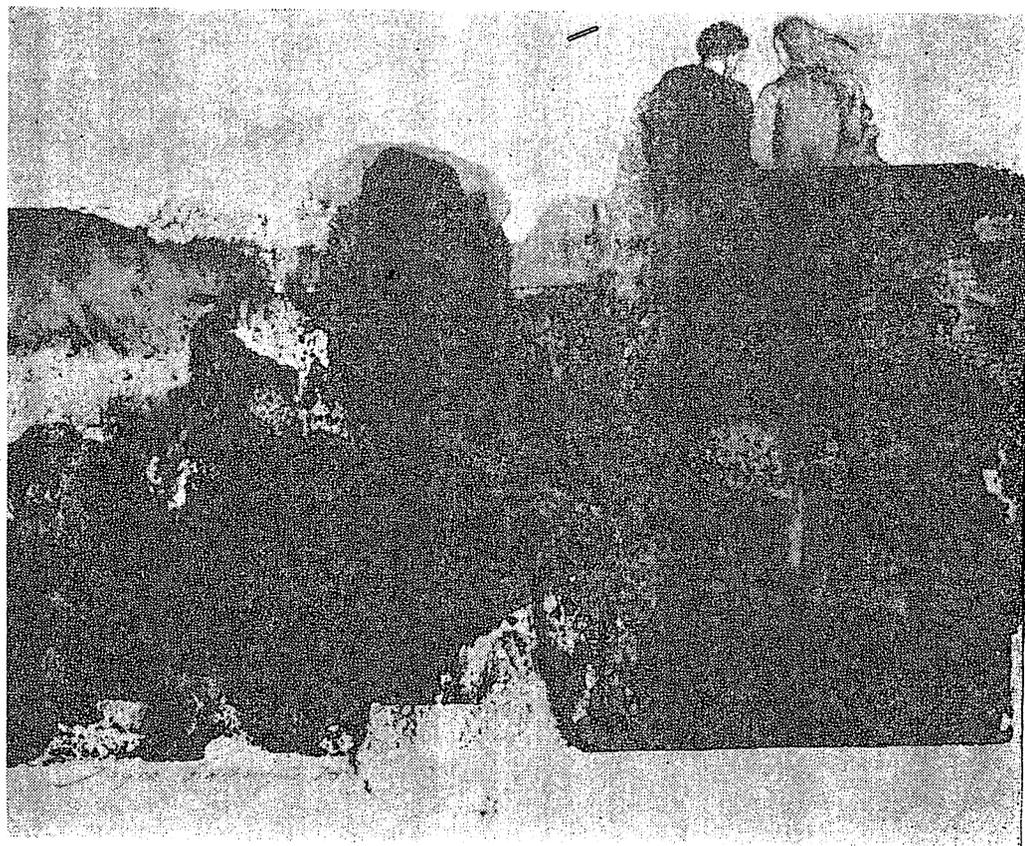
Faculdade de Letras

Este é um poema para o Desencontrado,
O que teria sido a Felicidade.
Talvez alguém absolutamente impressentido
por quem eu tenha deslizado
como um veleiro azul, sobre navios náufragos;
Talvez alguém chamado Amigo,
quem sabe mesmo antigo namorado
que nos olhos me olhasse sem me achar.

Este é um poema para o homem conservado
raiz, vinho, flor, promessa de madrugada,
gesto de mar, sol em país de névoa, cor,
música!

Um poema para o homem que esposarei fundo,
no seio da terra,

e do qual darei Flor, tão logo cheguem as primeiras
chuvas.



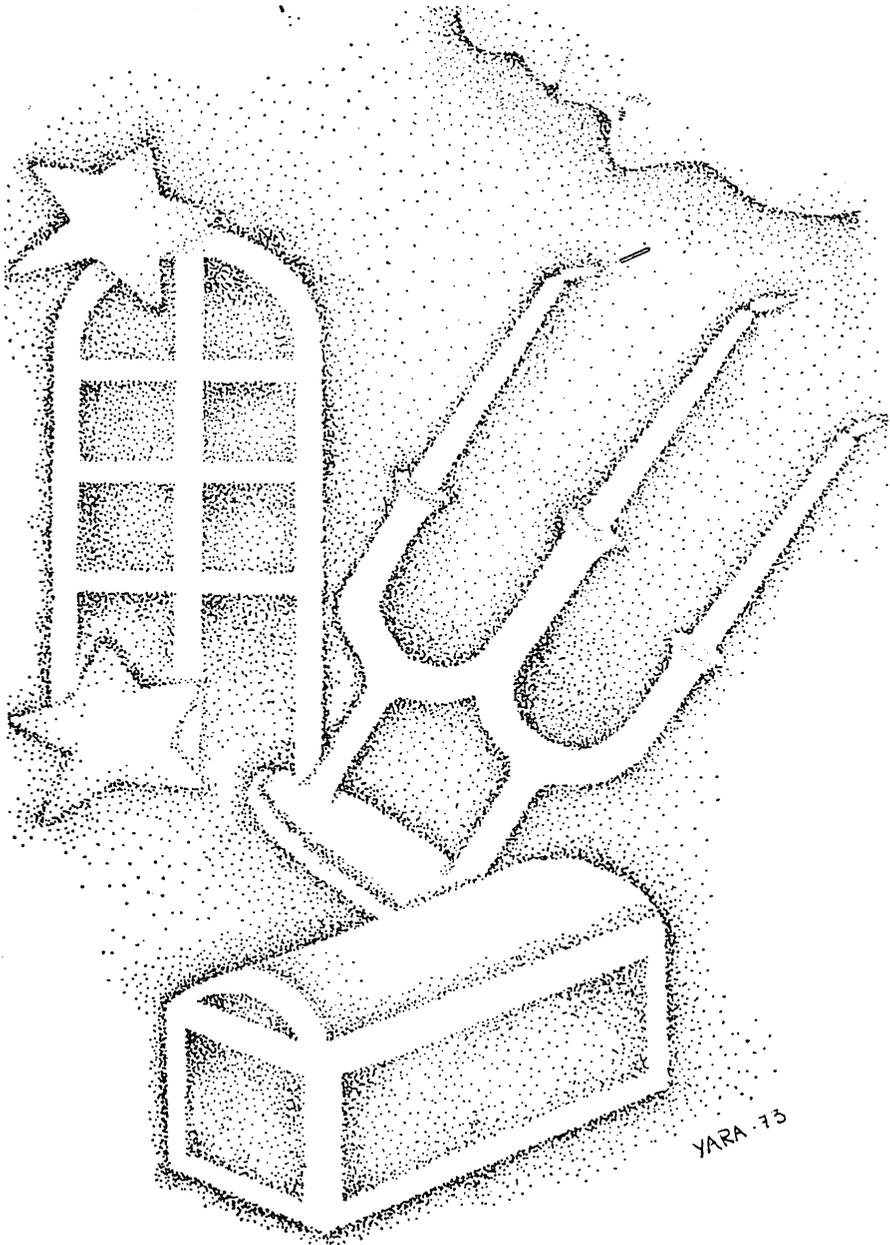
IN MEMORIAM

CORISCO

Eugênio Gomes

Faculdade de Medicina — 4º ano

*eu queria muito que você visse
como de repente os candelabros
de nossos salões deixaram de
brotar aqueles arco-íris avelu-
dados, como a vitrola acarici-
a agora trêmula os mesmo em-
poeirados discos de jazz e as es-
trelas boiam como peixes mor-
tos nos aquários do zênite, en-
quanto sombras vadias deram
de mal assombrar nossos corre-
dores, a mobília do avô de meu
pai exalando um perfume de
flores de enterro, o gás sacri-
fical da agonia inflamando os a-
posentos, meu deus!, e a cele-
bração da treva vertiginosa-
mente penetrando pelas paredes
— o momento em que, sem ne-
nhum pretexto, eu tateio no es-
curo e chego até a janela.*



YARA 73

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO

POESIAS

CANÇÃO

Luiz Carlos Alves

Tens aí o canto:

descobre nele

o ácido

a cinza

a sílica

descobre

o sal

e o sangue

POEMA

Luiz Carlos Alves

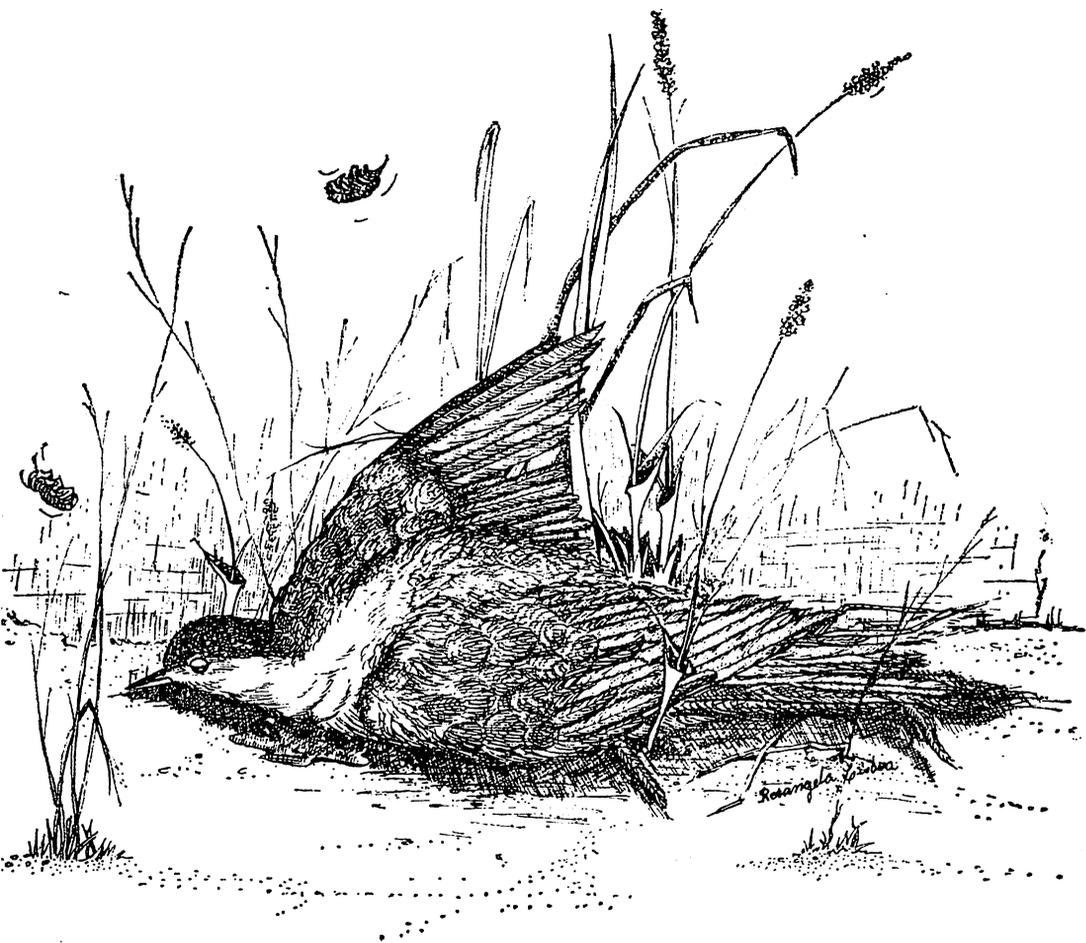
(q dois poemas w)

*o pássaro ferido é uma bandeira
no azul de súbito interrompida*

*poda-se o canto
a festa*

*e a arquitetura de seu vôo
desfaz possíveis astrolábios*

*os olhos extinguem
noturnos
a linha mineral que o possuía*



ANTIGO AMAR DE AMOR AMIGO

Moacyr Laterza

*Meu pássaro de canto cativo em minhas mãos silente : não é
esquivança e nem tristura que à tua voz emudece são meus
olhos de medo que vigiam se teus olhos me querem.*

*Amor eu tenho : amar de amor amigo com os cristais da
estrela mais límpida com a pureza do sal com o trigo
nos trigais do sonho.*

*Se ainda jogo de me ver nos espelhos dos teus olhos que me
vêm, perdoa por um momento. Volta à estrela ao sal
ao trigo ao semel do sonho. Recobrarás teu canto des-
cobrirei teu canto. Ele me dirá talvez o que teu silêncio
já diz : que há um vestígio de deus em teu corpo de rio.
As agonias do longe as fadigas do silêncio as sombras
em gestação no caos : eis a moldura do nosso rito. E do a-
mor. Amei-os sem a esperança.*

*Meu pássaro avenave meu pássaro aveliz ave nave mare-
nave marevinda : eu te esperei desde sempre com os olhos
agônicos de meu desespero.*

ÊMBOLO

Libério Neves

*Sobre o império de seu ângulo
me deposito. Resisto sob*

*Sombra no íntimo, no âmago
de uma fuligem que sobe*

*ao topo de nosso sangue.
Imergimos a vida em uma goma*

*nódoa que demarca e lambe
os corpos recrescendo a soma*

*de suas hélices, roldanas.
Sobre relva e montes me demoro*

*me resvalo e ando. Centro-me
em essa fenda e funda hora*

*de visgo, e vou fruindo dentro
e refluindo em memória.*

O GATO

(ou da nossa natureza)

Orlando Biachini

o gato
armado em salto
—exato—
e precipícios

na treva do gato
(exato)
os OlhOs
sonho — fogo — fátuo

o gato
(recolhido ao
ato)

e chato
o-g-a-t-o
se desdobra em gatos
no seu salto-arco

onde pousa o tato
—cactus—
recompõe-se o gato

e ex-ato
gato-a-gato
leve lã de pássaro
no silêncio plástico

RETICÊNCIAS...

João Batista Viana Dias *

*Sou um ponto e vejo o infinito
Existo e sofro*

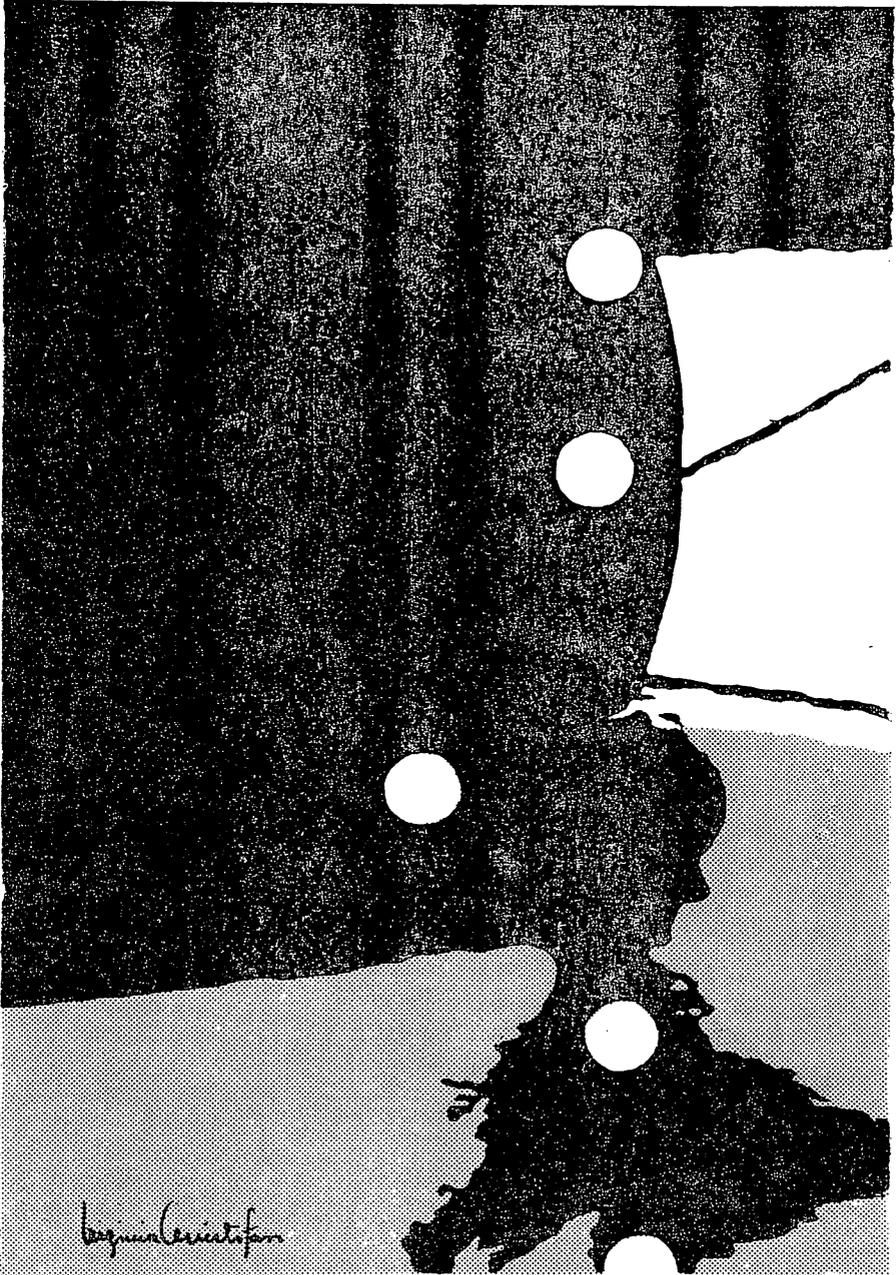
*Começo na dor e não me liberto
Choro e sofro*

*Anseio conhecer e descubro o mistério
Enluqueço e sofro*

*Quero ser e a eternidade é longa
Desapareço e sofro*

*Nasci, vivi, lutei e era um ponto só
Morro e sofro*

* Poesia classificada em 1º lugar pela Academia Mineira de Letras, em concurso promovido pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito da UFMG.



beğünlerim

FUNERAL DO TEMPO

P. Pontes

“Havia jardins, havia manhãs naquele tempo”

C.D.A.

*Descubro o avesso do mundo
O falso, a má conduta*

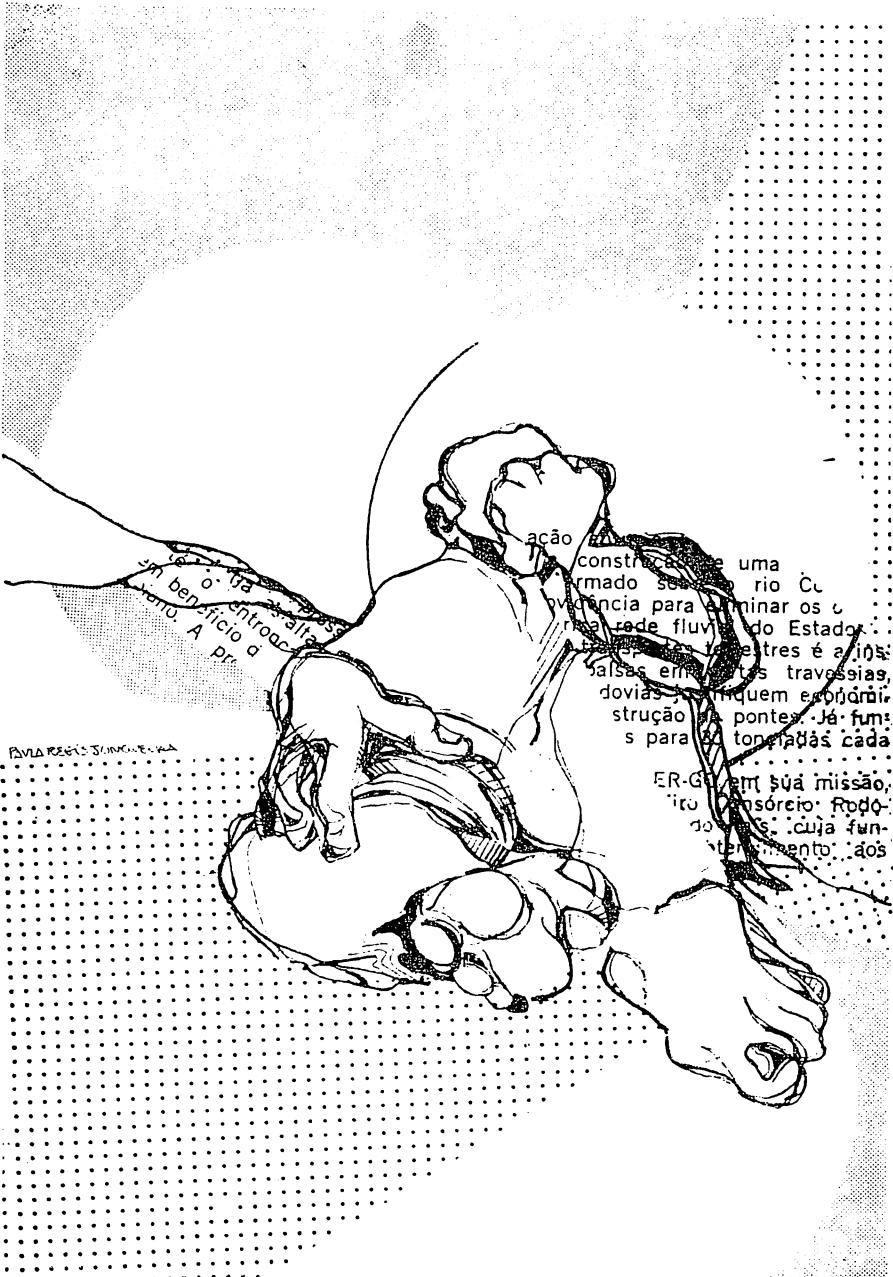
*Mundo disperso
no pensamento que foge
Em câmara lenta*

*Passo a passo
tempo vai
Descobrimo as cãs
que se anunciam
Precoces
Em nossa nuca
que raro se volta
se curva
em submissão.*

*Ao longe, firmando a vista, óculos encavalando o nariz, vejo
uma luz. Lusco-fusco.*

*Pode ser um aviso
ou incentivo
ou armadilha.*

Não sei



...ção
...o. Tra
...benefício a
...ento. A pr

...ação
...construção de uma
...rmado seu rio Cu
...vidência para eliminar os c
...a rede fluvial do Estado.
...tres é a in
...saisas em
...travessias,
...dovias
...quem en
...strução de pontes. Já fun
...s para as toneladas cada

ER-G...em sua missão.
...iro Consórcio Rodó
...do...s, cuja fun-
...terimento, aos

PAULA REIS JUNQUEIRA

*É tarde-noite da vida
Sinto o claro-escuro se firmar
abatendo-se sobre mim.*

*trabalho, família, poesia.
gravata, ideologia...*

*Revolto-me
E na passarela do abstrato
Disponho de um simples ato
Mecânico, quase independente
de traduzir um pensamento.*

*Mas não me convém o conteúdo. Algo em mim se estabelece
— atrito.*

*'Ser triste e parecer alegre
Enganar-se, enganando
Não ser singular
Pluralizar os sorrisos*

*Vejam que meus olhos
Não riem, até choram
em descompasso com o rosto.*

*A cada hora que passa mais me convenço da inutilidade de ser.
Ser alguma coisa, falsa ou verdadeiramente.*

*Esse sorriso firme
de uma boca retorcida.
Esse passo resoluto
de um corpo maltratado.
Apenas insegurança
de quem nada tem para dar
Amor? vazio.
Carinho? inútil.*

Por isso:

*Não construo, não destruo
Nem refaço o que ruir
Não me importa essa semente
Nem me abala essa saudade
Porque mesmo consciente
Da estrada que me resta
Esse corpo maltratado
Maltrapilho e já cansado
Vai parar neste caminho
Sem seguir a procissão.*

SONHOS ALADOS

Ronaldo Claver

de dédalo a ícaro

construí

a ponte

— passarela inconsciente de astros

&

nautas

cicatrizando abismos

consumindo distâncias

num vôo cósmico-espacial

de pégaso a mercúrio

descobri

a fonte

— grávido rio de espaços

&

naves

viajando mistérios

desfazendo esperas

num beijo cósmico-umbilical

(entretanto e tantos sonhos alados)

deixei

em míriam

meus vôos inaugurais

dividi em asas seu corpo AVE

bela

concluindo sonhos talvez alados

(entre tantos & tantos vôos parciais)

meu vôo se resume

no espaço de teus

passos

PREMISSA

Ronald Claver

amor — ave carente — habitando no dentro de nós

*o caos é um cais sem partida. inclinado en las
tardes tiro mis tristes redes a tu ojos ocea-
nicos**

*o porto de seus olhos abrigam ternuras vindas
do estrangeiro, revelam a paisagem de um rio
que acaba no entardecer*

*positivamente seus olhos não existem para a
pousada do rosto*

*não, nous irons plus loin sans avancer jamais**
porque seu corpo é meu cais e quando seu corpo
partiu em estrelas o céu estava turvo e desaba
va*

*há uma aurora e um pássaro e a aurora é sempre
uma lembrança do ocaso*

*por isso guardarei meus por-de-sóis — careço de
sua consciência noturna e o amor insiste em ha-
bitar no depois de nós*

*embora nossos corpos estejam em dissolvência
tenho palavras dormidas*

* *neruda*

** *apolinaire*

ROTEIRO DA MINA DE MORRO VELHO

Henry Correa de Araújo

O MAPA:

linha
limite
legenda

neste mapa
flui um rio
de águas há muito secas
flui um rio
e este mapa
de estuário papel

(*neste mapa o país*
marca seus passos por traços
sua linguagem de jornal
traz o sinal dos compassos)

A CIDADE:

laticínio
latifúndio
latrocínio

*nesta parte das gerais
o gado é pouco e raro
marca-se aqui a cobiça
e a fartura postiça*

*(a paisagem se enovela
por entre rios e pedras
modela-se a terra de acordo
com o que nela é mais gordo)*

A MINA:

*urna
turva
taciturna*

*um diverso alicerce
em essa mina se tece
a forma fixa em cima
é fôrma de caixão*

*(a vida aqui se vive
em verticais sempre iguais
corpóreas são as raízes
tecendo as minas gerais)*

A LIDA:

*ato
compacto
lasso*

*o aço vai contra o muro
neste cotidiano trabalho
sua fundura seu talho
cascalho vário em retalho*

(o mineral com fartura
cumprido certo o ritual
de moldar na funda terra
sua casa e sepultura)

O OURO:

*limitado
petrificado
estagnado*

*úmida a pedra medra
com sua cor e seu agouro
junto ao muro o tesouro
belo amarelo reflete*

(de provento esta safra
na funda terra se concentra
uma safra sem fermento
com seu lento crescimento)

O HOMEM:

*latente
semente
samente*

*nas paredes entreabertas
o dia é sempre igual
pois manhã, mesmo incerta
traz o gosto de um punhal
a vida sempre se ganha
em sendo planta e raiz
a vida aqui submersa
o dentro é terra e consome.*

CONTOS



VERÃO II

Duílio Gomes *

pequena introdução caótica

E agora é o tempo das bananas, das mornas e leves constelações de insetos, dos incongeláveis, dos inconfundíveis, dos incandescentes insetos, das insolações da gema e da clara e agora é tempo do ovo no sol, do ovosol, da ovação, da vertigem e do sonho do salmão, da morna e fina solidão, do dourado, solene verão de peixes, da neurose dos peixes, da insônia das pedras, da Babel, do grão-ducado, dos amassados jacintos na madrugada e agora

sou eu e agora somos nós e agora e agora: somos eu, somos o antisséptico, o antiro-de-guerra, as gordas estrelas pneumáticas, a chuva pluripétala de anjos, o azul matemático na piscina de sapos que nascem com o olho para a lua chinesa, as doces lesmas em

3/4

verão de búfalos no horizonte congelado das lanchonetes, na bandeira amarela do teu pesadelo refrigerado, Miller; verão fonético, de tamancos, 'verão verde girando, verão do lagarto envelhecendo no canto escuro do jardim, somos o que comemos falou o lagarto e respondeu para si mesmo somos o que bebemos e morreu no silêncio vegetal

mas somos também a febre, a espera, o esperma, a espuma, a esfera, o som, o fogo e

o parzingoto

(bicho verde do verão, chegou com as estrelas mecânicas, com as perfeitas estrelas da manhã cristalizada no teto de sua boca; o parzingoto me olha no meio de uma revoada de abelhas e há leite e natureza morta em seus olhos de cristal e tudo é mais-que-perfeito em seu passado e ele gira e observa tenso o movimento de um tango dançado por breves cavalos azuis na chuva leve e sem nuvens de um filme mudo; e nos entendemos melhor depois de duas cerejas conjugadas no verbo da língua e ligamos a autêntica amizade na neblina de sua avó transfigurada de felicidade; somos caóticos?, fala o parzingoto e espreguiça na beira da piscina;

(eu te fotografei na luz clara dos girassóis e

te consolei de toda possível matemática nas flores mas:

eu te perderia de bom grado se soubesse a idade ou o sexo dos anjos, eu te sei verde aprisionado em sua solidão vegetal, eu te sei me olhando com todos os olhos acesos de antialegría, de gestos tortos depois do amor que abre nuvens no chão de insetos eu sei como tosse um verdadeiro:

parzingoto quando a noite é de lírios imóveis e há um prenúncio de febre em nossos dedos que jamais se tocarão mas eu amo as coisas que crio e vejo no horizonte uma faixa oca e silenciosa descendo até o asfalto e cobrindo as bancas de jornais com o perfume da meia-noite; terminando:

o parzingoto é talvez um pouco mais quente do que os seus irmãos paragógicos: mas isso é apenas poesia: e transido de frio te esqueço.

* * *

* *Duílio Gomes reúne vinte e dois contos em seu primeiro livro de histórias curtas — “O Nascimento dos Leões” — que dentro em breve já estará nas livrarias. O livro recebeu o Prêmio Cidade de Belo Horizonte para o ano de 1972. O segundo volume de contos de Duílio Gomes chama-se “Verde Suicida” e já se encontra aguardando publicação; traz mais vinte novas histórias do autor.*

A VIAGEM

Plínio Carneiro

Era um quadro na parede, de um azul riquíssimo, aveludado, fofo. Era um azul lindíssimo, furado aqui e ali de pequenos pontos de leite, brilhantes, e que aumentavam e diminuam de tamanho e intensidade num simples apertar de olhos. Da cama, a cabeça apoiada no travesseiro alto, ele podia ver aquele azul, que antes era apenas uma paisagem sem compromisso, mas que agora se transformava diante de seus olhos gordos e redondos.

Era um relógio cor-de-rosa, projetando seus ponteiros, juntinhos, verticais, para a frente e para o alto, em direção ao planalto. Um relógio de patas de elefante, avançando e recuando nas batidas do tic-tac das engrenagens, que soavam como as badaladas da Torre de Piza, inclinada como uma solene mesura dos súditos do Rei da Vela.

Era uma mesa de plataforma alta, suportando um copo de ágata, com água leitosa até a metade, estático, mas esbarrando no envelope estanhado, de língua estrangeira, que batia suas asas como uma borboleta de marfim. De resto, nada mais que a horizontalidade a perder de vista, longe, longe, a provocar cócegas no meio dos olhos, tropeçando nas dobras do pensamento que fugia para trás, riscado de ouro e prata.

Seu corpo pesado afundava-se na cama e ondas sucessivas vinham cobrir sua garganta, que gargarejava a fumaça roxa do cigarro áspero e grosso. Os pés, calçados com meias de palha, não se juntavam no fim do estrado: batiam um no

outro; as mãos, de dedos ora curtos, ora compridos, tocavam no teto num simples levantar de braços.

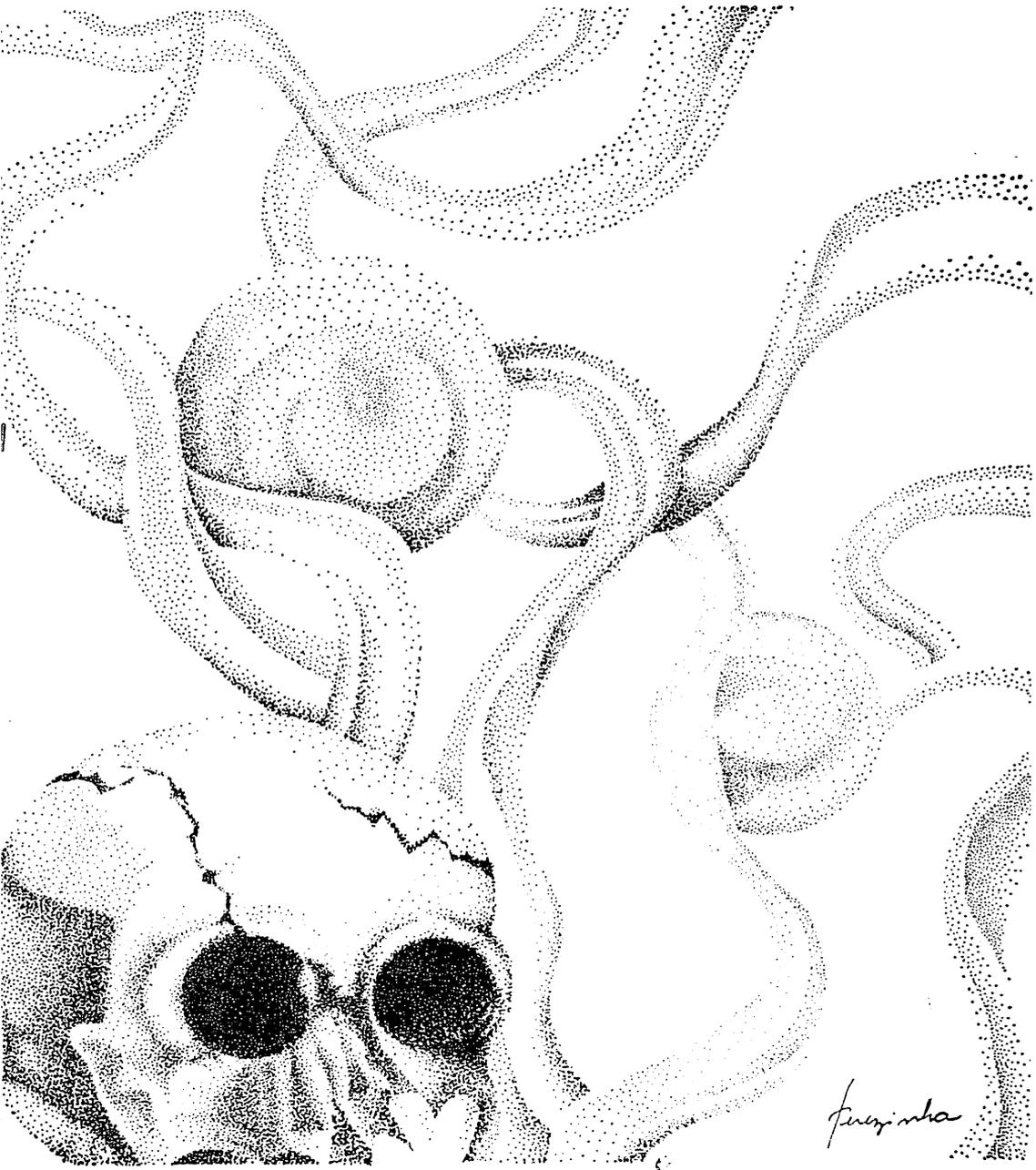
Seus olhos rolavam, paravam, não se fixavam em parte alguma, buscando os contornos da fumaça azul que subia da ponta do cigarro, da fumaça roxa que saía dos pulmões, formando formas grotescas, dantescas, bestas. Debaixo da porta o vento soprava a música suave, emoldurante, de uma viola, de bolso, desencordada. A pintura da parede arrebetava como bolhas de sabão: inflava, rebentava, voltava a inchar.

Fechou os olhos nas lembranças das violas, das gaitinhas de criança. E lá ia ele de novo, sentado na pedra da Casa Nova, em Cláudio Manoel de Boa Vista, a cantar com voz-de-taquara-rachada a Saudade do Matão. E a mãe na janela, imensa, a sorrir sorriso de mãe para a criança que não ganhara bola da avó e que tinha inveja do irmão do meio. Por isso, cantava na pedra. Lembranças.

Os olhos se apertavam mais e mais e viam a irmã e o irmão andando à cavalo, sozinhos na sela, e o pequeno catarrento na garupa do pai, chorando um lugar ao sol da sela do baio que trotava vazio. E as lágrimas do menino, enxurrada subindo e descendo do nariz, caíam no chão de sangue, sangue da cabeça do que levava um tapa na cara e não reagira — “não briga na rua, menino”. Lembrarás.

Sentiu o corpo inflar e boiar no espaço de raiva, buscando uma foto, uma revista, um livro de catecismo — de joelhos pedindo pelo-amor-de-Deus para fazer a primeira comunhão. Tudo se apertava dentro do corpo e ele escorregava para dentro da própria garganta, preso sem motivo pelo que não fizera, mas pelo que assumira a culpa. O revólver escondido na gaveta esperava o agressor — homem que é homem não bate por trás, vem pela frente, é mais leal.

Sua garganta apertava e se abria, na passagem do líquido e do sólido — o revólver, a navalha na frente, e nem espaço para sumir na Conchinchina. O corte, a veia jogando um risco fininho no teto, os pães se tingindo e os dentes quebrando os ossos da mão, retorcida e sangrenta. Os carros se



fujiwha

afastando, o porquê perguntando nas bocas das pessoas, o balançar das cabeças — coitado, tão novo. Os cachorros lambendo as sobras pelo meio-fio. Lembrarás, recordarás sempre.

A cama enorme não cabia seu corpo minúsculo, de fogo. Os olhos de raiva iam do holofote à foice de feno, procurando o soco por trás da cabeça. Procurando a bola, a sela do cavalo, a primeira comunhão, o revólver escondido na gaveta, a navalha, o corte, o sangue, os cachorros.

Aquele objeto enorme veio boiando no ar, uma gigantesca ave de asas transparentes, as pernas peludas, um alicate no alto da cabeça. Apareceu dando voltas no teto, sem rumo, e pousou sua repelência sobre a mesa: num átimo ganhou a borda e, de repente, pulou sobre a cama.

Ele abriu os olhos com o barulho do grito, retorcido e medroso. Seu corpo nadava nos panos, os olhos recusavam a luz que entrava na vidraça. O velho relógio, enferrujado, mostrava os dois ponteiros juntinhos, para baixo, para o nada.

Sentiu a boca seca, a cabeça pesada, o gosto amargo dos cigarros da noite. Procurou água no copo, insossa, vomitada logo em seguida. As mãos tremiam, o corpo doía, as roupas amassadas caídas nas canelas. Ao pé da cama, o velho álbum de lembranças adormecidas. No criado, o envelope estanhado, de língua estrangeira, vazio, o acusava. Na parede, uma paisagem de folhinha, um quadro sem significação.

O MENDIGO

João Bosco de Araújo Moreira

(O que me disse um homenzinho qualquer, num banco de praça qualquer)

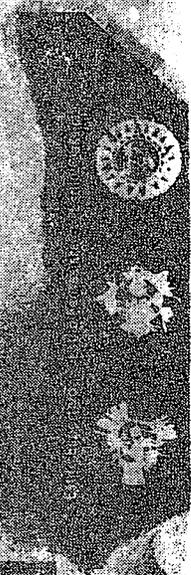
Sou irremediavelmente pobre, meu chapa, e caso não acredite, basta ir tomando nota do que não tenho, pôxa, não tenho nada, deixe ver, não tenho um Jaguar XK-E de dois lugares e rodas de magnésio, não tenho uma casa rústica com lareira, não tenho mais vinte anos, não tenho mais orgulho nem pretensão, não tenho dinheiro no banco nem ações do Banco do Brasil, não tenho o menor empenho em construir grandes obras sobre minha vida pra não correr o risco de vir a ser esmagado, não tenho ambições, afora pequenos caprichos e nem de longe consigo compreender e aceitar esse espírito de competição que motiva e deteriora a nossa sociedade desumana e sem amor, não tenho céu nem inferno simplesmente pelo fato de não dispor de outra eternidade senão esta onipresente, estou vazio, sem dúvida, não tenho nada em mim, exceto a chama exígua e contingente de um homenzinho polido, simplificado, reduzido exatamente ao essencial, não tenho sorte no jogo e quem dera no amor, é difícil pra burro entrar em sintonia com alguém, quando se almeja algo que transcenda meras relações de cama, copo e cozinha, quando se busca uma sintonia por assim dizer à potência do absurdo, puxa vida, isso é realmente quase impossível mas é bom e

estimulante tentar sempre, e também não tenho um jardim e um gramado e um cachorro Dalmata, não tenho um viveiro de colibris, não tenho conseguido evitar que meus pombos-correio se percam nas grandes distâncias, não tenho e nunca tive um pingo de ouvido musical e de afinação, daí minha identificação com o silêncio, do qual retiro mensagens definitivas, não tenho frequentado o Iate nem a Praça da Liberdade nas manhãs de domingo, embora ache bárbaro o ambiente descontraído da Praça, o qual me deixa claro por dentro, não tenho vantagem pra contar e inclusive minha castrotrófica capacidade de deslumbramento e de ternura costumou esconder atrás de uma cara fechada em legítima defesa, não tenho lido jornais pra ver se consigo um pouco de paz de espírito, é insuportável ler tanta mentira, tanta notícia tendenciosa, tanto elogio aos poderosos, chegando os colonistas sociais ao cúmulo de promoverem espias a personalidades, ah, esses caras de jornal e os caras que estão por trás deles nunca me enganaram e podem ter a certeza e a raiva de que nunca me enganarão porque eu penso, eu vivo pensando e eles não admitem que eu possa pensar por mim mesmo e não tenho escrito como antes porque a autocrítica finalmente resolveu baixar em mim, não tenho dormido depois do almoço, não tenho visto bang-bangs que não sejam italianos, não tenho comido gelatina colorida, não tenho visto circo, não tenho ouvido piadas razoáveis, das saudavelmente pornográficas, não tenho desfrutado de boa memória, o que não considero de todo mal visto ser preferível esquecer, não tenho usufruído de tantos sonhos quantos sinto necessidade de ter, não tenho conseguido a serenidade indispensável à meditação e ao domínio dos apelos e condicionamentos imediatistas, não tenho mais saúde pra conviver com puxa-saco e com patife, não tenho heróis e considero heroísmo uma burrice, inclusive estou seriamente convencido de que se continuar aparecendo herói desse jeito, a História não vai dar conta, não tenho vocação pra robô de modo que ignoro carnaval, ano bom, aniversário, dia do papai, dia da vovó, semana disso, olimpíada daquilo, ano não sei do quê, centenário não se de quem, meu deus do

...tecnologia e eficiência e viver cada dia mais
confortavelmente

TECHNOS
OF THERMOCOL

EDIÇÃO ESPECIAL



ATLANTIC

PRODUCT



COLÔNIAU 2

O homem urbano
tem se tornado
mais interessado

ou mais passivo em relação ao
destino de sua cidade?

céu, que qui é isso? e não tenho coragem de andar de avião, aliás não tenho coragem de espécie alguma e se alguma vez fui corajoso, confesso que o fui impensadamente e violentando princípios elementares de prudência e de preservação da espécie, não tenho sido simples como serei depois que sofrer tudo e de sentir cem mil estrelas cadentes mergulharem no abismo, não tenho um filho e sei que é fundamental ter-se um filho feito com amor e cuidado, e juntamente com ele crescer as novas perspectivas, o novo tempo, as novas imagens, não tenho mais a manivela de soltar papagaios e então não tenho olhado suficientemente para o céu, o que importa numa degeneração de minha antiga aptidão para vislumbrar clari- dades e objetos aéreos não identificados, não tenho mais a sensibilidade que tive e lastimo reconhecer que aos poucos o tempo vai matando a criança que grila dentro de mim, aos poucos vai sobrando apenas o homenzinho cansado, não tenho mais também tantas tristezas, hoje nada me colhe de sur- presa ou me acontece de improviso, não tenho relido mestre Henry Miller, não tenho a estrutura e a harmonia interior que sonho conseguir lá pelos quarenta anos, não tenho apego a cargos ou honrarias, não tenho paquerado o mínimo indis- pensável nem tenho namorado garotas de olhos verdes ou azuis e isso de certa forma é trágico, embora reconheça haver feito boa economia com isso, não tenho ido ver os canários do Alcides no Mercado, não tenho xingado a mãe dos outros como é corrente e salutar, não tenho visto folhinhas de mulher pelada enquanto espero que me façam o embrulho, não tenho encontrado muitos templos que não estejam transformados em ginásios ou em estacionamento e agências de automóveis, em verdade não tenho acreditado em salvadores, uma vez que ninguém sabe nada e quando alguém se arvora em abrir a boca, é apenas com a intenção de matar a própria fome ou para pedir pra melhorarem o tempero de seu feijão, não tenho torcido como torcia pelo galo, afinal não ganho bicho nem ganho nada com futebol, não tenho acertado na Loteria Es- portiva e acho isso uma lástima, eis que a loteria representa minha única chance de emancipação e de alforria, não tenho

viajado o bastante por aí, melhor dizendo, tenho fugido muito pouco de mim, melhor acrescentando, acho que não tenho escapatória, encravado como estou dentro da tradicional fossa mineira e então não tenho chances de superar a mediocridade que adere à pele da gente, vinda de todos os lados, do rádio, jornal, televisão, da poeira levantada por mil gerações de alienados e que turva os olhos da gente e a gente pouco consegue enxergar além de belos e mórbidos horizontes, não tenho ido comer na Cantina do Donato em Caeté, não tenho ido ver sapatos no Guido e revistas estrangeiras naquela agência debaixo do Cine Brasil, não tenho freqüentado meus antigos colegas e meus poucos amigos, meu tempo tem sido dilapidado no moto contínuo de angariar o pão cada vez mais difícil e com o gosto cada vez mais amargo, não tenho observado respeito pelos direitos humanos, ah e esse negócio de guerra então me dá nojo e acho que o mundo deve acabar, se jovens tiverem de continuar morrendo pra lubrificar com seu sangue as caixas registradoras dos velhos, não tenho observado também, com a freqüência desejável, grandeza de atitudes, cavalheirismo, delicadeza de sentimentos, sutilezas no trato, finura nos detalhes, até honestidade tornou-se coisa rara, sendo corrente apenas o quinal, a grossura, a impostura, a covardia, a traição, o deboche, o artificialismo, a lei do mais forte e o desastre, não tenho uma solução para os que estão morrendo de fome e não me perdôo por isso, não tenho uma verdade e embora ouça os discursos, os gingles e as mensagens comerciais dos donos maiores e intransigentes da verdade, julgo que ela realmente nos escapa, por sermos meros homenzinhos perdidos dentro de um infinito impensável, colossal e muito além de nossas possibilidades, de nossa ambição, de nosso egoísmo, de nosso orgulho e de nossas conjeturas, sim, por isso não tenho ódios e as pessoas que já me fizeram mal, as pessoas que oprimem e esbulham, causam-me simplesmente pena e tento continuamente compreendê-las pela compreensão de seus problemas muito pessoais e, da mesma forma, espero que as pessoas a quem, por desgraça, eu tenha prejudicado, me perdoem porque também eu estou cheio de problemas, imaturi-

dade e ignorância, não tenho mais tantas esperas, mil esperas já tive, esperei com fé, determinação e sonho e nada sucedeu, talvez o messias, a boa fada e o milagre já não aconteçam nestes tempos inóspitos, mas não custa esperar mais um pouco, a derradeira espera, não tenho, enfim, alternativa razoável senão arriscar a incerteza de meus passos de mendigo na direção do que der e vier, até que ocorra de fato o fato consumado, o qual acolherei com o sorriso que costumo acolher as dádivas porque no fundo, no fundo, acho que só tenho uma coisa, é isso mesmo, bicho, acho que tenho a inocência.

NA PENSÃO DE DONA ROMANA

Danilo Gomes

Comemorei minha vitória no vestibular só com a cachaça ordinária que me obrigaram a beber na hora do trote. Mesmo que não me obrigassem, eu beberia assim mesmo: não tenho dinheiro para bebida fina, além disso aquela era a única maneira de, como direi?, afogar a mágoa?, fugir da realidade?, sei lá, acho que dissipar minha tristeza por estar tão sozinho nesta cidade, com minha mãe viúva lá no interior, naquela cidade que, coitada, é pouco mais que uma vila, mas uma vila que eu amo, caramba!, que eu amo mesmo: minha mãe, o rio da minha meninice, o burro que eu tinha, as laranjas e as cocadas... mas agora não é nisso que eu quero pensar, juro que não é, quero é pensar que passei no vestibular, depois de muito sofrimento, e não tenho aqui a minha mãe ou um irmão ou um parente ou um amigo que me abrace, que comemore meu triunfo... triunfo, eis a palavra, porque, depois desse sacrifício todo, ganhando pouco, a conta de pagar a pensão e o estudo, isso é um triunfo, eu acho, pode até ser que ninguém mais ache... E agora estou aqui na pensão, é noite, minha cabeça raspada a zero, o corpo meio bambo da cachaça na hora daquele trote imbecil, com uma turma de sádicos zombando da gente e os veteranos posando de donos do terreiro, extravazando seus recalques, suas frustrações...

São oito da noite, Dona Romana é a única que parece satisfeita com meu êxito, até me deu "parabéns". Os pensio-

nistas são indiferentes, arredios, ninguém se importa com ninguém, mal-mal um cumprimento seco, de vez em quando — é a vida moderna, dizem os analistas da vida moderna. Azar, vou-me importar com isso, com essa carência generalizada de afeto e urbanidade? Que se danem! Se eu fosse filho de um sujeito importante qualquer, talvez viessem me cumprimentar, muito sorridentes. Sim, que se danem também, fiz o que pude para ser amigo deles. Só mesmo Dona Romana me cumprimentou e, além disso, depois que eu tomei banho e tirei a sujeira do trote, veio me trazer um café quente, coado na hora, para eu não me constipar, disse ela (e tão poucas pessoas dizem hoje constipar, só mesmo gente como Dona Romana, que parece até que é minha tia ou mãe ou avó).

Sopra um vento frio, parece que é de chuva, me faz lembrar o mar, viagens, navios, evasão, aventura, antigas estórias de piratas, descobridores, grandes lobos do mar, sim, fecho os olhos e vejo o mar, o quebrar de ondas, um navio partindo... Talvez chova, sim, esse vento é de chuva...

A estas horas, muitos estão comemorando a vitória no vestibular, que não foi brincadeira, não. Festas, champanhes, chopes, uísques, meninas de pantalonas e trejeitos de Julietas shakespeareanas daquele filme que passou no Acaiaca... doces, pernis tostados, frangos rosados, maioneses de primeira classe, suflês sofisticados, tortas disso e daquilo e batidas daquiloutro, música e sorrisos. Bem, quem pode, pode; quem não pode, fica nesta varanda de pensão pobre da Rua Bernardo Guimarães, perto da igreja da Boa Viagem, pensando na vida, pensando na festa que não há, nas músicas, nas bebidas finas, nos abraços que não há. Ora, não estou com inveja, só estou me sentindo muito sozinho neste alpendre, com esta perspectiva de chuva e esse vento que parece vir do mar.

Minha mãe nem deve saber que eu passei, preciso escrever para ela, amanhã cedo eu escrevo, amanhã é domingo, eu escrevo para ela, contando, é claro que não vou entrar em minúcias, lembrar as questões de física e português e história e inglês, nem nada, não preciso falar em Miguel Torga

ou em peso atômico do tório ou em verbos irregulares ingleses ou em produção de trigo na Argentina no ano passado ou em qualquer troço que eles deram no tal vestibular único; para ela, só interessará o fato de, daqui a cinco anos, eu ser advogado, para tratar de demandas, inventários, partilhas, júris e essas coisas todas que os advogados fazem; para falar a verdade eu não gosto muito disso, nem quero imitar aqueles que ficam falando empolado, citando Cícero e Justiniano e autores alemães e italianos a torto e a direito, não, pretendo ser um advogado sem essas pretensões de grande orador ou eminente juriconsulto, preciso é ganhar a vida, sair dessa embira, ajudar minha mãe, até... me casar, convido Dona Romana para madrinha, ela e o meu professor de português, o Marcial, sujeito muito boa praça, de vez em quando toma umas Brahmas comigo e quase sempre paga, gostamos de conversar sobre coisas de literatura — a essa hora ele já deve ter sabido que passei, pois a televisão deu: deve estar satisfeito, sempre me estimulou muito, é um dos poucos amigos que eu tenho nesta cidade grande.

Não faz mal: não tenho festa nem nada, mas estou satisfeito. Estudei feito um danado, dormi pouco, sofri muito, mas valeu a pena: agora as coisas podem melhorar, agora pode ser que não me humilhem tanto, pode ser que me tratem melhor no escritório, até que me dêem um aumento salarial, sei lá! Ao mesmo tempo estou triste: gostaria de contar à minha mãe e vê-la feliz, sempre que me escrevia dizia que estava rezando muito para eu passar no vestibular, que sem estudo eu não poderia vencer na vida, arranjar um bom emprego, essas coisas. Gostaria até de ter uma família comemorando o acontecimento com chope e uns salgadinhos, coisa simples. Gostaria de poder estar agora em meio ao calor humano de que outros desfrutam, estou muito só nesta varanda, com esta cabeça raspada e este corpo cansado e essa saudade da minha velha e do meu velho morto. Vejo a torre da igreja da Boa Viagem marcando oito e meia da noite, estou alegre e triste ao mesmo tempo, se o dinheiro sobrar

poderia até comprar uma camisa nova no fim do mês, até arranjar uma namorada. O vento balança as árvores, a rua está vazia, boa é a sensação de que este vento vem do mar, as montanhas às vezes oprimem um pouco, relaxo os músculos nesta velha cadeira de vime, começa a trovejar, vai chover mesmo, estou alegre e triste, não sei o que vai ser da minha vida, é bom saber que passei no vestibular, mas agora estou mais sozinho e mais triste do que quando via Raquel passeando no Jardim com outro, lá na minha terra, antigamente...

ENSAIO

NOTAS PARA A EXPLICAÇÃO DE UM POEMA DE NERVAL:

EL DESDICHADO

Lauro Augusto Machado Coelho

1.1. LES CHIMÈRES, coleção de sonetos que acompanha as novelas de *Les Filles du Feu*, de Gérard de Nerval (1808-1855), são um perpétuo desafio à crítica por seu misterioso poder de sugestão e sua sutil alquimia lírica, construída a partir de uma densa trama de símbolos enigmáticos. Nesse punhado de poemas — oito apenas — sonho e realidade confundem-se numa espécie de experiência de “surreal”, o que situa Nerval ao mesmo tempo como o último grande poeta romântico e já um precursor do Simbolismo. Quanto à forma, é essencial também assinalar aqui a renovação desse esquema poético extremamente convencional, ao qual ele comunica um vigor até então insuspeitado na poesia francesa, fazendo de cada um de seus versos uma unidade complexa e carregada de significações.

1.2. Publicado inicialmente no *Le Mousquetaire* de 10 de dezembro de 1853, EL DESDICHADO, o primeiro dessas *quimeras*, apresenta uma síntese do destino desafortunado do poeta: escrita num período particularmente difícil de sua vida — o que se segue à violenta crise de perturbações mentais de 1851 — a peça nos revela suas mais profundas inquietações e a convicção de que uma fatalidade terrível pesa sobre sua cabeça, condenando-o a um inapelável desespero. Na pri-

meira versão do poema (a que se encontra num manuscrito que estava em mãos do poeta Paul Eluard), o título era aliás bastante explícito: *Le Destin*. O atual, escolhido no momento da publicação, inspira-se no romance de Sir Walter Scott, *Ivanhoe*. Ali, vemos comparecer a um torneio um misterioso cavaleiro a quem o rei João Sem Terra confiscara o feudo e que “vestia uma armadura de aço, ricamente encrustada de ouro, e no escudo trazia por divisa um carvalho novo arrancado pelas raízes, com a palavra espanhola *desdichado*, que significa *deserdado*.” (Scott: *Ivanhoe*, cap. VIII, trad. Brenno Silveira, Ed. Martins). Com essa mudança, o autor obteve uma ampliação sensível da força evocadora do título: antes mesmo que começemos a leitura, a dupla conotação de *deserdado* e *desditado*, infeliz, contida no vocábulo espanhol, desenha diante de nossos olhos o perfil de um Nerval comparável a esse cavaleiro de Scott, que perdeu todos os seus bens e a quem persegue a má sorte (o *prince d’Aquitaine* que encontraremos no verso 3).

1.3. O TEXTO:

EL DESDICHADO

Je suis le ténébreux, — le veuf, — l’inconsolé,
Le prince d’Aquitaine à la tour abolie:
Ma seule *étoile* est morte, — et mon luth constellé
Porte le *soleil noir* de la *Mélancolie*.

Dans la nuit du tombeau, toi qui m’as consolé,
Rends-moi le Pausilippe et la mer d’Italie,
La *fleur* qui plaisait tant à mon coeur désolé,
Et la treille où le pampre à la rose s’allie.

Suis-je Amour ou Phébus?... Lusignan ou Biron?
Mon front est rouge encore du baiser de la reine;
J’ai rêvé dans la grotte où nage la sirène...

Et j’ai deux fois vainquer traversé l’Achéron
Modulant tour à tour sur la lyre d’Orphée
Les soupirs de la sainte et les cris de la fée.

(*NERVAL, Gérard de: Oeuvres, texte établi par Henri Lemaître, Ed. Garnier Frères, Paris, 1958 — 1º volume, pág. 693*).

2. PRIMEIRO QUARTETO.

2.1. Je suis le ténébreux, — le veuf, — l'inconsolé,

O ritmo ofegante desse primeiro verso, a música surda de suas vogais fechadas, sublinhada pela repetição obsessiva do artigo definido que confere dolorosa singularidade a essa tripla alegoria de tristeza e desespero, escandem implacavelmente a solidão do poeta. Essas imagens tiram sua força do íntimo entrelaçamento de seus termos, que decorrem um do outro, respondem-se e completam-se. A desapareição da estrela (a mulher amada) — cf. v. 3 — que o iluminava e dava um sentido à sua vida, o torna viúvo, mergulha-o nas trevas e enche de dor seu coração desconsolado.

2.2. Com o ritmo desigual, entrecortado do primeiro verso contrastam os acentos fluidos do segundo:

Le prince d'Aquitaine à la tour abolie

Síntese da dor e do sentimento de perda expressos no v. 1, esse príncipe é um dos personagens mais curiosos da mitologia poética de Nerval, aparecendo, explicitamente ou por alusão, em diversos outros passos de sua obra. A sua torre, signo de poder, foi *abolida* = destruída (é inegável a força conferida ao verso pelo uso insólito do verbo). Ora, Nerval, cujo verdadeiro nome era Gérard Labrunie, afirmava descender de uma família nobre do Périgord, na bacia da Aquitânia, cuja nobreza teria sido *abolida* pela Revolução Francesa. Há no príncipe, é certo, uma alusão provável ao pretense poder senhorial decaído dos Labrunie — o poeta, durante suas crises, e por analogia com seu nome real, assinava-se às vezes *Gérard de la Torre Bruna* —; mas limitar-se ao eco autobiográfico seria empobrecer a leitura do poema. Em outro nível, esse duplo onírico do poeta é também a testemunha de uma perda moral: a da Estrela-Mulher, cuja morte lhe roubou a felicidade (e também o poder, isto é, o

domínio sobre o seu próprio destino) — cf. a comparação com o personagem de Scott (v. 1.2.).

2.3. Ma seule étoile est morte, — et mon luth constellé
Porte le soleil noir de la *Mélancolie*.

Os dois últimos versos do quarteto, com sua melodia tortuosa, feita de uma aliteração do /l/ e do /t/, explicam e completam os dois primeiros. Assinalemos, além disso, o papel das palavras em itálico e o emprego da maiúscula: por meio desses artifícios tipográficos, o poeta atrai mais fortemente a nossa atenção para as palavras-chave dos dois versos, como se quisesse indicar que a elas deve ser dado um sentido particular, simbólico.

A *Estrela*, cuja morte põe em funcionamento a engrenagem de fatalidade que o tritura e destrói, é uma das múltiplas representações nervalianas de Jenny Colon, uma de suas inspiradoras, a atriz que ele amou e que o desprezou por um *mariage de raison* com um flautista da Opéra-Comique. O poeta a idealizou em sua obra, fazendo dela a encarnação do Eterno Feminino. No ponto de partida, trata-se do mesmo mecanismo de mística amorosa que presidiu à idealização de Beatrice Portinari por Dante ou de Laura di Noves por Petrarca. Mas desde a morte de Jenny, ocorrida em 1842, o espírito já perturbado de Nerval — sua primeira crise de loucura data do ano anterior — amplificará essa idealização, atribuindo-lhe não somente as proporções de um ser celestial — tal como o guia paradisíaco de Dante na *Commedia* — mas associando a essa silhueta divinizada outras figuras de mulher: Cibele, a Isis egípcia, Afrodite, as santas italianas Filomena e Rosália, ou a própria Virgem Maria, num sincretismo em que convergem desejos frustrados, fantasmas interiores, lembranças de viagem, além da fascinação pelas ciências ocultas, proveniente de sua estada no Oriente em 1843. A *Estrela*, fusão de seus ideais amorosos místicos e eróticos, incarna portanto sua concepção da Mulher Ideal, guia na busca do Absoluto — o que está perfeitamente de acordo com a visão romântica do papel da mulher. A morte

dela faz desaparecer de seu alaúde (símbolo da poesia; usá-lo, em vez da lira tradicional revela o gosto medievalizante dos românticos) as estrelas que o constelavam e que eram portanto uma emanção direta da Amada, conferindo à sua poesia um valor *estelar*, isto é, redentor. Em seu lugar, anti-teticamente, surge o *soleil noir de la Mélancolie*. Esse sol negro, tomado de empréstimo à narração sonho de Jean-Paul Richter, em que o sol torna-se o símbolo de sua própria negação, é encontrável, com sentido análogo, na pintura visionária do poeta-pintor inglês William Blake, bem conhecido de Gérard. Cumpre registrar também que a relação entre o sol negro e a melancolia deve-se a outra inspiração de ordem pictórica: Nerval esteve durante muito tempo obcecado por uma gravura de Albrecht Dürer que se intitula sintomaticamente *Melancholia*. Sua reprodução, ilustrando o artigo publicado no *Carrousel* em 1836, em que o poeta faz o panegírico de Jenny Colon, mostra que em sua vida interior essa idéia fixa da Melancolia estava fortemente associada à obsessão da Mulher e de sua perda. Mas sobretudo, tal sentimento é a versão nervaliana daquele a que os românticos davam o nome de *mal du siècle*, ao mesmo tempo que anuncia o *spleen* de Baudelaire. E, tal como este, não está na raiz, não é o embrião daquilo que em nosso século conheceremos, levado a extremos de consciência, como *sentiment de l'absurde* (Camus) ou *nausée* (Sartre)? Nesse caso, a morte da mulher seria a responsável pelo desencadeamento da tomada de consciência da própria tragédia de ser.

2.4. O ocultismo nos oferece um outro ponto de vista para compreendermos a imagística desta estrofe. No *Tarot* dito *de Marselha* (baralho com desenhos cabalísticos, usado por certas cartomantes para ler a sorte), o arcano XVII chama-se *l'Etoile*, ali representada como uma mulher nua de radiante beleza, símbolo da eterna juventude, que derrama a Água da Vida no lago da Consciência Universal. Ora, o arcano XVI, *la Maison-Dieu*, mostra uma torre atingida por um raio que a incendeia e faz tombar de seu topo uma coroa. Essa carta, símbolo de mudança brusca e catastrófica na existência, é

por isso chamada freqüentemente de *la Tour détruite* = *abolie*. Fica pois evidente, a partir dessa aproximação esotérica entre a morte da Estrela-mulher e a ruína da Torre-poeta, o fato de que a sensação de ser vítima de misteriosas e sombrias potências do Universo, conjugadas para perdê-lo, estava muito enraizada no cérebro já perturbado de Nerval.

3. SEGUNDO QUARTETO.

3.1. Do fundo do desespero em que se encontra — essa *nit du tombeau*, ainda mais tenebrosa que a do túmulo em que foi encerrada a estrela morta — ele endereça agora uma espécie de prece à mulher que o seu amor santificou. Para que possa conhecer novamente a felicidade perdida, é necessário que ela lhe devolva:

— *le Pausilippe*: promontório perto da baía de Nápoles onde, segundo a tradição, estaria o túmulo de Virgílio. O Pausilipo seria então um símbolo de repouso, de paz — o lugar onde o poeta descansa; tanto mais que esse nome geográfico parece significar “uma pausa nas preocupações”.

— *la mer d'Italie*: para Nerval, como para muitos poetas europeus antes e depois dele, a Itália é um local de concentração mística e de celebração pagã, marcado pela presença purificadora do fogo do Sol; observe-se como essa imagem resplandecente de luz vem opor-se às sombras que predominaram no primeiro quarteto. Alguns críticos quiseram ver, nessa referência à Itália, um eco da enigmática inglesa que ele conhecera na costa mediterrânea, e cuja ternura o impedira de matar-se como planejava, “afin d’aller demander compte à Dieu de sa singulière existence”. A ser assim, essa jovem inglesa, evocada em *Otavie*, uma das novelas da *Filles du Feu*, confundida com Jenny, poderia perfeitamente vir associar-se às muitas figuras femininas, reais ou imaginárias, que compõem o perfil da Estrela.

— *la fleur*, não nomeada, talismã amoroso certamente, capaz de fazer desaparecer a dor de seu *coeur désolé*. No manuscrito que pertencia a M. Paul Eluard, já citado anteriormente (cf. 1.2.), há uma nota do poeta à margem, revelando tratar-se da *ancoïe* (anquilégia); pela assonância vemos que em seu espírito estabelecia-se estreito parentesco entre essa *fleur sans nom* e a Melancolia, que ela viria expulsar. Se seu nome não é dito, é sem dúvida para preservar o halo de mistério que a envolve.

— *la treille*, onde o pâmpano (símbolo de Baco, convencionalmente ligado à idéia do gozo material) entrelaça-se à rosa (um dos atributos de Vênus; símbolo alquímico da ressurreição do espírito), emblema do poder que ele quer recuperar sobre a natureza e sobre si mesmo. Acrescente-se a isso a conotação de comunhão panteísta que gravita em torno desse núcleo simbólico.

3.2. Paz, luz, esperança, amor, equilíbrio: imagens diametralmente opostas às precedentes — um ideal contraposto à realidade — expressas ao nível sonoro por meio de vogais abertas abundantes, de um ritmo dançante, de suntuosas aliterações. Oponha-se à música sombria do primeiro quarteto.

4. PRIMEIRO TERCETO.

4.1. Uma dupla pergunta rompe o movimento do soneto:

Suis-je Amour ou Phébus?... Lusignan ou Biron?

Através desses dois pares — o primeiro originário da Mitologia Clássica, o segundo das lendas francesas — o poeta tenta identificar agora as forças que regem seu destino.

Lusignan — é Guy de Lusignan, conde do Poitou e rei de Chipre, cuja existência real acabou envolta em lendas. A tradição afirma que ele se casou com a fada Melusina, mas que a perdeu, por desobedecer à única

condição que ela lhe impusera: nunca procurar vê-la aos sábados.

Eros, filho de Afrodite, o deus grego do amor, apaixonou-se por Psiquê, contrariando a ordem de sua mãe, que lhe ordenara inspirar a ela violenta paixão por um homem desforme. Seus amores, narrados por Apuleio, cessaram bruscamente quando Psiquê desrespeitou a regra imposta por seu amante divino: nunca deveria ver seu rosto, para não descobrir que ele desafiava o comando da deusa, sua mãe, ao amá-la. Não resistindo à curiosidade, Psiquê aproximou-se dele quando ele dormia, com uma lâmpada na mão; a surpresa, ao perceber que estava casada com o próprio Amor, fez tremer seu braço; uma gota de óleo, caindo sobre o rosto de Eros, fê-lo despertar — e partir.

Este par representa pois os *amores infelizes*, o *desequilíbrio dionisíaco*.

Febo = Apolo, é o deus da Beleza, o cocheiro do carro do Sol, o deus da Poesia.

Biron — designa certamente Armand de Gontaut, barão de Biron, que, como Nerval, pertencia a uma família do Périgord, viveu no séc. XVI e notabilizou-se por seus feitos guerreiros e amorosos, chegando mesmo a inspirar uma canção folclórica: *Quand Biron voulut danser*.

Este par representa portanto a *grandeza heróica*, o *equilíbrio apolíneo*.

Assim, a dupla postulação do v. 9 pode resumir-se na pergunta: "Serei um amante frustrado como Lusignan ou um bem sucedido herói como Biron?" — pergunta que todo homem tem o direito e a oportunidade de se fazer no decurso de sua vida. No resto do soneto, Nerval procurará a resposta

para ela, sabendo que ali se encontra o fio de Ariadne de seu destino.

4.2. Mon front est rouge encore du baiser de la reine;
J'ai rêvé dans la grotte où nage la sirène...

Apesar das assonâncias vitoriosas, há aqui uma evocação ambígua. Se o v. 10 lembra o beijo inesquecível que Gérard recebeu de Adrienne, numa passagem de *Les Filles du Feu* (*Sylvie*, II), faz-nos paralelamente pensar na gota de óleo que a mão trêmula de Psiquê deixou cair sobre a fronte de seu amante adormecido. Da mesma forma, se o devaneio na gruta nos remete à meditação em paisagens idílicas que a tradição poética povoa de seres maravilhosos, ondinas, ninfas, sereias; se contém uma recordação possível dos dias tranquilos passados na Itália — Capri, talvez —; não deixa também de nos trazer à lembrança a saga frustrante da breve paixão de Lusignan por sua semideusa folclórica. O destino do poeta se inclinaria então para o triunfo amoroso ou para o desequilíbrio e o sofrimento?

5. SEGUNDO TERCETO

5.1. Uma idéia nova é introduzida pelo v. 12:

Et j'ai deux fois vainqueur traversé l'Achéron

referência evidente às vitórias que ele obteve sobre a morte de seu espírito, sobrevivendo duas vezes à loucura (em 1841 e em 1851) — o que lhe sugere a imagem da dupla travessia do rio que serpenteia à volta do Hades. A idéia dessa vitoriosa *descente aux enfers* arrasta, por analogia, a alusão a outro poeta — Orfeu, esposo de Eurídice, que desceu ao Inferno para buscá-la depois de morta — a qual, se em parte confirma o tom triunfal do v. 12, contribui também para dar uma solução equívoca a esse inquérito. Orfeu conseguiu roubar Eurídice à morte, mas não soube obedecer à ordem que recebera de não olhar para seu rosto: ao fazê-lo, tornou a perdê-la. Ora, como o poeta trácio, Nerval também

quer recuperar sua amada num Além mágico; mas, como ele, não é verdade que só a encontra para perdê-la novamente, impalpável visão, sucesso ilusório, passageiro? Essa duplicidade de seu destino — duplicidade humana, mais que humana, é bem verdade, em que o amargor da frustração se insinua constantemente em meio ao sucesso — é expresso não só pela alusão mitológica, mas também através da escolha do grupo verbo-advérbio: *modulant tour à tour*, que ilustra bem a oscilação de seu temperamento.

5.2. No final, nenhuma resposta foi encontrada — e o mais certo aliás é que ela nem exista. O destino do poeta, marcado pelo duplo selo da luz e da treva, do amor e da solidão, é tão ambíguo quanto essa última síntese da imagem da Bem Amada, que surge no v. 14, na qual a dialética amorosa está centrada na embriagadora oposição misticismo/magia (*sainte/fée*), espírito/matéria (*soupirs/cris*). Essa imagem feminina transformou-se num reflexo do destino ambivalente e desditoso (*desdichado*) do poeta. Na incerteza de um inquérito existencial que fá-lo oscilar entre os dois polos de seu temperamento, Gérard de Nerval tenta surpreender os mistérios de sua própria vida através da celebração em versos — ritual, sacralização — das diversas formas assumidas pela Mulher: Estrela, Rainha, Sereia, Santa, Fada.

6. Em síntese: EL DESDICHADO, como os demais sonetos de *Les Chimères*, poema na confluência de dois estilos de época, sintetiza o essencial das postulações românticas: seu individualismo, idealismo, exaltação, misticismo, etc., ao mesmo tempo que prefigura elementos de importância primordial da literatura do futuro:

- a melancolia nervaliana é uma ponte entre o *mal du siècle* romântico e o que será o *spleen baudelaireano*: não mais um tédio vago apenas, mas já o sentimento mórbido de quem suporta mal a sua “condição humana”.
- a densidade e o personalismo de suas imagens anunciam o hermetismo de Rimbaud, Laforgue, Corbière, Mallarmé, etc.

- a fascinação pelo ocultismo evidenciada nestes versos prepara o ambiente mágico de certas obras simbolistas (p. ex. o *Pelléas et Mélisande* de Maeterlinck)
- o desregramento nervaliano é o precursor do desregramento rimbaldiano (particularmente o de *Une Saison en Enfer*).
- pelo aspecto “surreal” de sua poesia, enfim — a que ele próprio dá o nome de *super-naturaliste*, no prefácio às *Filles du Feu* — encontramos nela algumas das raízes distantes do Movimento Surrealista, de nosso século.



RESENHA

CONCURSO DE CONTOS E DE POESIAS

O oitavo Concurso de Contos e de Poesias da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais bateu todos os récores de participação: o Serviço de Relações Universitárias da UFMG recebeu um total de 482 trabalhos — 144 contos e 338 poesias — para julgamento, enviados por 199 alunos da Universidade Federal.

Em oito concursos, a estatística está assim:

| ESTATISTICA DA RL | | | | |
|-------------------|------------|--------------------|--------------|--------------|
| Anos | Estudantes | TRABALHOS ENVIADOS | | |
| | | Contos | Poesias | Total |
| 1966 | 61 | 18 | 146 | 164 |
| 1967 | 102 | 57 | 198 | 255 |
| 1968 | 46 | 38 | 131 | 169 |
| 1969 | 121 | 76 | 265 | 341 |
| 1970 | 105 | 131 | 221 | 352 |
| 1971 | 161 | 68 | 257 | 325 |
| 1972 | 123 | 118 | 231 | 349 |
| 1973 | 199 | 144 | 338 | 482 |
| TOTAL | 918 | 650 | 1.787 | 2.437 |

Os 199 alunos da UFMG que enviaram trabalhos literários em 1973 são das seguintes unidades e colégios: 42 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (dezenove do Curso de Comunicação Social; quinze do Curso de Psicologia; cinco do Curso de Ciências Sociais; dois do Curso de Filosofia; um do Curso de História); 28 da Faculdade de Direito; 20 da Faculdade de Letras; 18 da Faculdade de Medicina; 17 do Centro Pedagógico; 14 do Instituto de Ciências Exatas (cinco de Engenharia; quatro de Matemática; três de Química; dois de Física); 11 do Colégio Técnico; 9 da Escola de Engenharia; 7 da Faculdade de Educação; 5 da Escola de Educação Física; 4 da Faculdade de Ciências Econômicas; 4 da Faculdade de Odontologia; 4 do Instituto de Ciências Biológicas (Medicina); 3 do Colégio Agrícola Antônio Versiani Athayde (Montes Claros); 3 da Escola de Veterinária; 2 do Curso de Formação de Atores/Teatro Universitário; 2 da Escola de Belas Artes; 2 da Escola de Arquitetura; um da Escola de Enfermagem; um da Faculdade de Farmácia; um da Escola de Biblioteconomia; um da Escola de Música.

Os contos e poesias não classificados foram devolvidos a seus autores.

A relação dos 482 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

CONTOS

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|----|-------------------------|------------|
| 1 | — Clapham South | Rob |
| 2 | — A Conquista | Rob |
| 3 | — Matuto | Rob |
| 4 | — O Garimpeiro | René |
| 5 | — Vácuo | Edir |
| 6 | — Bongô | Teocléia |
| 7 | — Mercenários da Guerra | Teocléia |
| 8 | — Os Mortos | Cy |
| 9 | — A Espera | Cy |
| 10 | — Mondoro | Ceres |
| 11 | — Gantrisor | Ceres |

| Nº | TITULO | PSEUDÔNIMO |
|----|-------------------------------|---------------------|
| 12 | — Divergência Infinita | Pilo |
| 13 | — Um Dia Ele Chegou | Pilo |
| 14 | — Reto e Certo | Pilo |
| 15 | — Saídas e Bandeiras | Nosferatu |
| 16 | — Luta Por Um Ideal | Halls |
| 17 | — Cirurgia | Halls |
| 18 | — Loucura em Alto Grau | Halls |
| 19 | — Último Dia | Halls |
| 20 | — Câncer | Lilly Ball |
| 21 | — A Carta | Amed Ranieri |
| 22 | — Páscoa | J. Ruiz |
| 23 | — Escandescência | Loberto |
| 24 | — Homem Particular | Loberto |
| 25 | — Obsessão | Romalusa |
| 26 | — Construção | Loa |
| 27 | — Falta de Mildred | Jaci |
| 28 | — Cão Laporte | Gap (M. Honrosa) |
| 29 | — Fatorial "N" | I. & D. |
| 30 | — A Brisa de Abril | Elece |
| 31 | — Distância | Elece |
| 32 | — Guichê A | Geigy |
| 33 | — Essa Carta | Di |
| 34 | — Album de Retratos | Françoise F. |
| 35 | — 1/4 | Siqueiro |
| 36 | — Father/Mother | Avis |
| 37 | — O Filho | Bonnard |
| 38 | — Negro Balduino | Anmahe |
| 39 | — Historinha de um Parto... | Lina |
| 40 | — Os Bichos | Manoel |
| 41 | — Juízo Final | Izidro |
| 42 | — Êxtase | Garden |
| 43 | — Os Verdes Anos | RPXK |
| 44 | — A Mecânica do Imutável | Authos (M. Honrosa) |
| 45 | — Ela | Ledes |
| 46 | — E Rogério Chegou... | Jane Talbot |
| 47 | — Começo | Tima |
| 48 | — Loteria | Tuná |
| 49 | — A Receita da Vida | Fidji |
| 50 | — Livro de Registros | Fidji (1º Lugar) |
| 51 | — Trilha Sonora do Capitão... | Fidji |
| 52 | — Sonhava que Estava Acordado | Rycaom |

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|----|----------------------------|----------------------------|
| 53 | — O Outro “Eu” | Marconi |
| 54 | — Maria de Cada Porto | Dorinha |
| 55 | — Estágios | Dorinha |
| 56 | — Fossa | Dorinha |
| 57 | — Estória | Miguilim (M. Honrosa) |
| 58 | — Regresso | Dostoyelris |
| 59 | — Sábado 13, ou... | Gapes |
| 60 | — O Cômodo Novo | Gapes |
| 61 | — Peso | Faber |
| 62 | — Rômulo e Leda | Gato Preto |
| 63 | — Anônimos | Khronos |
| 64 | — O Visionário | Khronos |
| 65 | — Pandora e a Caixa Mágica | Khronos |
| 66 | — Miúra | Khronos |
| 67 | — O Moço Azui | Khronos |
| 68 | — Justificativa | Khronos |
| 69 | — Do Ato de Amar Cyrilla | Khronos (2º Lugar) |
| 70 | — Tempo Vivido | Khronos |
| 71 | — Um Mágico Está na Cidade | Khronos |
| 72 | — A Janela Como Um Grito | Khronos |
| 73 | — Falando Dela | Khronos |
| 74 | — Até Amanhã, Talvez | Veríssimo Verdade |
| 75 | — Bolhas | Don Quixote |
| 76 | — Sistema | Don Quixote |
| 77 | — Hospício | Nostradamus |
| 78 | — Tinha | Geisa |
| 79 | — Casa-Mãe | Geisa |
| 80 | — O Amuleto | Geisa |
| 81 | — O Desencontro | Geisa |
| 82 | — Venha Pra Dentro | J. Pétalo |
| 83 | — Alter Ego | Erre-Erre |
| 84 | — Depoimento | Gurrumamm |
| 85 | — Xequê Mate | Karin Khan |
| 86 | — Quatro Moças | Sussuca |
| 87 | — Recordando Martin | Lívio Fragata (M. Honrosa) |
| 88 | — História de Maria | Asdrúbal |
| 89 | — O Triste Fim de... | Antóris |
| 90 | — As Galinhas do Pai... | Antóris |
| 91 | — Jesualdo, o Pássaro... | Antóris |
| 92 | — Medo Drama | Libido |
| 93 | — Floresta Manto | Libido |

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|-----|----------------------------|--------------------|
| 94 | — Adultos... | Libido |
| 95 | — Partes | Diadorim |
| 96 | — Norteando | Kil |
| 97 | — (In) Decisões | Kil |
| 98 | — Quando Chove Dentro... | Paduano |
| 99 | — Tempos das Horas... | Max Tales |
| 100 | — Último Balanço | Paulo Rasek |
| 101 | — Inocente Tragédia | Loxo |
| 102 | — Coincidência | Jack Iekis |
| 103 | — Um Papo do Outro Mundo | Anônimo |
| 104 | — O Outro Lado | Daniela |
| 105 | — Morte na Estrada | Coala |
| 106 | — História de um Elefante | Xutz |
| 107 | — A Tragédia do Quindim... | Filósofo Hebreu |
| 108 | — Anibalzinho, O Anjo | Kaco |
| 109 | — Traição | Babalu |
| 110 | — A Última Noite | Tovim |
| 111 | — Mundo Cão | Nandim |
| 112 | — Uma Santa | Trisil |
| 113 | — Conto de Viagem | Toty |
| 114 | — Por Favor, Deixe-me... | Von Luck |
| 115 | — O Suicídio | Ricardo Ravague |
| 116 | — Apocalipse Utópico | Sidarta |
| 117 | — José do Caminho | Sidarta |
| 118 | — Um Conto dum Ponto... | Missionário |
| 119 | — Círculo Vicioso | J.B. Barbosa |
| 120 | — Gente Miúda | Xique-Xique |
| 121 | — Casca | Gronza |
| 122 | — Tragimágica História... | Gronza |
| 123 | — O Comparsa | Gronza |
| 124 | — Escorpião | Kate |
| 125 | — Fresta | Kate |
| 126 | — Cartões Postais | Flash Z |
| 127 | — Santinha | Flash Z |
| 128 | — O Chefe | Takeo (M. Honrosa) |
| 129 | — O Velho Caçador | General |
| 130 | — O Ex-Horácio | Marih |
| 131 | — Uma Travessia de Uma... | Denor |
| 132 | — Criança-Velho | Aniger |
| 133 | — Ônibus | Aniger |
| 134 | — Último Desejo | Nego |

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|-----|---------------------------|-----------------|
| 135 | — Zé Bonzinho | Boll |
| 136 | — Os Espermatozóides | Peninha |
| 137 | — Libério Alegria | Xuxa |
| 138 | — Alfredo ou... | Tristano |
| 139 | — Um Jogo de Vento | Mariza |
| 140 | — O Mercador de Pessintia | Lêda (3º Lugar) |
| 141 | — O Velho das Barbas... | Angelina |
| 142 | — O Sonho | Antoine Olumo |
| 143 | — Gosto de Água... | Pseudo Nome |
| 144 | — Fotografia | Meta Morfose |

POESIAS

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|----|--------------------------------|----------------------|
| 1 | — Elementências | Lao |
| 2 | — Respan tos | Lao |
| 3 | — Ode do Eterno... | Bismark |
| 4 | — Estrela | Dead Star |
| 5 | — Palavra | Ministral Singer |
| 6 | — Maria | Teocléia |
| 7 | — De Que | Teocléia |
| 8 | — Divagando | Teocléia |
| 9 | — Carta a J. M. | Teocléia |
| 10 | — Cadeias | Virgulino Santa Cruz |
| 11 | — Ônibus Vermelho e Branco | Peixe |
| 12 | — Apelo | Peixe |
| 13 | — Viagem e Chegada a Abaeté | Tonho |
| 14 | — Inércia | Gláucio |
| 15 | — De/Composição | Alceste |
| 16 | — Hora | Aliosha |
| 17 | — No Ventre das Horas | Aliosha |
| 18 | — Das Antigas Lembranças | Aliosha |
| 19 | — Marcas | Graco |
| 20 | — Construção | Graco |
| 21 | — Coordenadas Para Um Problema | Graco |
| 22 | — Aventura | Corisco |
| 23 | — Poemágua | Corisco (3º Lugar) |
| 24 | — In Memoriam | Corisco (M. Honrosa) |
| 25 | — Poesia/Prólogo | Lavinio L. Rolin |

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|----|----------------------------------|------------------|
| 26 | — Balada de Viagem | Lavínio L. Rolin |
| 27 | — Montanha Solar | Lavínio L. Rolin |
| 28 | — Ex-Sonho a Quatro Aves | Lavínio L. Rolin |
| 29 | — Cansado | Lavínio L. Rolin |
| 30 | — Saturnal | Lavínio L. Rolin |
| 31 | — Passagem | Lavínio L. Rolin |
| 32 | — A Reunião de Todos os Sábados | Lavínio L. Rolin |
| 33 | — Eterno | Lavínio L. Rolin |
| 34 | — Cor | Lavínio L. Rolin |
| 35 | — Canção nº 4 | Lavínio L. Rolin |
| 36 | — Sonho em Bailado de Amor | Lavínio L. Rolin |
| 37 | — A Paz que há Nele | Lavínio L. Rolin |
| 38 | — Natura | Lavínio L. Rolin |
| 39 | — Amuleto Azul | Lavínio L. Rolin |
| 40 | — Pó-Ética | Lavínio L. Rolin |
| 41 | — Flor | Lavínio L. Rolin |
| 42 | — Devaneio | Tatiana |
| 43 | — Mediando | Tatiana |
| 44 | — Concretismo | Halls |
| 45 | — Atuação | Halls |
| 46 | — Pier | Halls |
| 47 | — Chuva | Halls |
| 48 | — Noites Vagas | Halls |
| 49 | — Rua | Halls |
| 50 | — Ouvindo "Imagine" | (Só) Crates |
| 51 | — Meditação | (Só) Crates |
| 52 | — Saudade na Primavera | Rened |
| 53 | — Leilão | Rened |
| 54 | — Desmaio de Flores | Rened |
| 55 | — Gárcia | Aristeu |
| 56 | — Lamentação I | Aristeu |
| 57 | — Rosa Negra | Aristeu |
| 58 | — Um Corpo Manso... | Aristeu |
| 59 | — Erupção Gótica | Aristeu |
| 60 | — Dependência em Planejamento... | Elmer |
| 61 | — Interior | Nanim |
| 62 | — Sinal dos Tempos | Nanim |
| 63 | — Dia a Dia | Eme |
| 64 | — Um a Um | Eme |

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|-----|----------------------------------|------------------|
| 65 | — Curto Circuito | Romalusa |
| 66 | — Escolha | Romalusa |
| 67 | — Metalmoníaco | Romalusa |
| 68 | — Opioscopia | Romalusa |
| 69 | — Punhal | Romalusa |
| 70 | — Desjejum | M. A. |
| 71 | — Pos-Mortem | Redentor |
| 72 | — Poema | Marbaco |
| 73 | — Fuga | Ave |
| 74 | — Post-Scriptum | Zetarcos |
| 75 | — Rotina | Lúque |
| 76 | — Fogo-Fátuo | Vulto |
| 77 | — Voto | Talidomida |
| 78 | — Subterfúgios | Gap |
| 79 | — Sub-Supra | Gap |
| 80 | — Rememorando | Gap |
| 81 | — Atacado e Varejo | Gap |
| 82 | — A Parede | Gap |
| 83 | — Paisagem | I. & D. |
| 84 | — Personagens Abandonados | I. & D. |
| 85 | — Teus Olhos Que São.... | I. & D. |
| 86 | — Silêncio | Nano |
| 87 | — Poema da Angústia | Lisa Maria |
| 88 | — Igor | Gabriela |
| 89 | — Amor Adolescente | Raquel de Castro |
| 90 | — Liricidade | Helena Santiago |
| 91 | — Monumento ao Mestre | Lyra |
| 92 | — A Morte do Poeta | Lyra |
| 93 | — Pensar em Você | Lyra |
| 94 | — Amor Total | Lyra |
| 95 | — Exaltação | Lyra |
| 96 | — Amor | Lyra |
| 97 | — Torna-te Poeta | Lyra |
| 98 | — Uma Música Para GII | Mek |
| 99 | — Sunday de Massmellow | Carco |
| 100 | — Aveia Maria, Geléia Geral e... | Saint T. |
| 101 | — Coração | Porto |
| 102 | — Adstração | Totonho |
| 103 | — Apelo | Maria Stephânia |
| 104 | — Para Nunca Mais | Bhakiti |

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|-----|-------------------------------------|---------------------|
| 105 | Nascimento, Morte & Indústria... | Leo |
| 106 | Ser no Mundo | Rogério Dardot |
| 107 | Variações | Rogério Dardot |
| 108 | Cibernéticas Formas | Rogério Dardot |
| 109 | Sentidos à Morte | Rogério Dardot |
| 110 | Das Minas que às Veze São... | Rogério Dardot |
| 111 | Paletós & Similares | Free |
| 112 | Ver-te | Free |
| 113 | Passageiro do Ar | Free |
| 114 | Estruturas | Free (2º Lugar) |
| 115 | Circo | Piolim |
| 116 | Estória | Piolim |
| 117 | Sorriso Dolorido | Maria Stephânia |
| 118 | Poema da Incerteza | Lirus |
| 119 | Súbito Despertar | Lirus |
| 120 | Contraponto | Lirus |
| 121 | Flash da Vida | Isis |
| 122 | Livre Para ser Livre | Isis |
| 123 | O Sonho Que Não Foi | Isis |
| 124 | Porque Sempre Se Pode... | Isis |
| 125 | Café da Manhã | Autônomo |
| 126 | Tempo na Ilha | Fidji |
| 127 | A Que Se Deve | Fidji |
| 128 | Trilogia | Zooey |
| 129 | TV Só | Myself |
| 130 | A Pulga | Myself |
| 131 | Fumaça | Myself |
| 132 | Pano de Prato | Myself |
| 133 | Rock-Hanói | Myself |
| 134 | Transanças | Myself |
| 135 | Ave/Rdade | Myself |
| 136 | Dama | Myself |
| 137 | Maria do Último Porto | Myself |
| 138 | Poema Feito de Tarde | Myself |
| 139 | Ice-Cream Solidão | Myself |
| 140 | As Minas Que o Mar Banhou | Myself (M. Honrosa) |
| 141 | Efi-Gênia | Myself |
| 142 | Mágoa Rural | Myself |
| 143 | Vegetália | Myself |

| Nº | TITULO | PSEUDÔNIMO |
|-----|------------------------------|-------------|
| 144 | — Natalsofia | Myself |
| 145 | — Enxoval | Myself |
| 146 | — Arco-Iris | Myself |
| 147 | — Inscrição | Myself |
| 148 | — O Dia Letal | Edju Cass |
| 149 | — Insônia | Edju Cass |
| 150 | — Cotidiano | Edju Cass |
| 151 | — Da Vida, Que Sei? | J. Solrac |
| 152 | — Eureka | J. Solrac |
| 153 | — Degradação | Kneq-Cut |
| 154 | — O Poeta | Kneq-Cut |
| 155 | — Pre (Sente) | Kneq-Cut |
| 156 | — O Menestrel | Miguilim |
| 157 | — Taurus | Miguilim |
| 158 | — Ambigüidade Anônima | Dostoyelris |
| 159 | — Soneto | Dostoyelris |
| 160 | — Exaltação Inexaltada da... | Dostoyelris |
| 161 | — Enigmas | Dostoyelris |
| 162 | — O Homem e o Automóvel | Dostoyelris |
| 163 | — Augusta Angústia | Taz |
| 164 | — Outono | Faber |
| 165 | — Tempo de Vida | Grô |
| 166 | — Paralelos | Grô |
| 167 | — Lágrimas da Paz | Grô |
| 168 | — Quadro Completo da... | Zooney |
| 169 | — Moto Perpétuo... | Zooney |
| 170 | — Neuropraga | Vião |
| 171 | — Fontes | Vião |
| 172 | — Oração | Vião |
| 173 | — Perdição | Vião |
| 174 | — Sol (No Morro) Hitário | Vião |
| 175 | — Nascimento Poético | Vião |
| 176 | — Eu | Vião |
| 177 | — Guerra | Vião |
| 178 | — Vento e Ar-Ragem | Vião |
| 179 | — É Proibido | Vião |
| 180 | — Vãs | Vião |
| 181 | — Voz e Rio | Vião |
| 182 | — A Vida (Você) A Morte | Vião |
| 183 | — Cataclima | Anes |
| 184 | — Terceiro Encontro | Anes |

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|-----|----------------------------|-----------------|
| 185 | — A Você Que Vem Vindo... | Anes |
| 186 | — Apocalipse MCMLXXIII | Anes |
| 187 | — Conseqüência | Anes |
| 188 | — Desamor | Anes |
| 189 | — Ré-Composição | Anes |
| 190 | — Às Margens da Rio-Bahia | Anes |
| 191 | — Morte e Vida | Xera |
| 192 | — Extrato da Morte | Xera |
| 193 | — Cemitério | Xera |
| 194 | — Contra o Vento | Xera |
| 195 | — Juízo Final | Xera |
| 196 | — No Princípio Era o Verso | Mapy Montenegro |
| 197 | — Lição de Purley | Zaratustra |
| 198 | — Perguntas à Respeito... | Gil |
| 199 | — Encéfalo | Don Quixote |
| 200 | — Tres-Passo | Armaso |
| 201 | — Com os Mesmos Olhos | Armaso |
| 202 | — Super-Abstrato | Armaso |
| 203 | — Viagem | Armaso |
| 204 | — In-Mundo | Armaso |
| 205 | — Em Trânsito | Armaso |
| 206 | — De Profundis | Geisa |
| 207 | — Memento, Homo ! | J. Pétao |
| 208 | — Não | Andrea Samctys |
| 209 | — Cada Qual Dá... | Andrea Samctys |
| 210 | — A Um Homem Que... | Andrea Samctys |
| 211 | — De Parceria | Andrea Samctys |
| 212 | — De Parceira II | Andrea Samctys |
| 213 | — Super-Market | Andrea Samctys |
| 214 | — Uma Nação Otimista | Andrea Samctys |
| 215 | — Implosão | Viridiana |
| 216 | — Porto | Viridiana |
| 217 | — Temática I | Viridiana |
| 218 | — Temática II | Viridiana |
| 219 | — Amor-Verdade | Viridiana |
| 220 | — O Lobo | Teocléia |
| 221 | — Trifásico | Agá-Agá |
| 222 | — Gente | July |
| 223 | — Sem Fim | Caprele |
| 224 | — Ponto Final | Caprele |
| 225 | — Pirexia | Caprele |

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|-----|---------------------------|-----------------------|
| 226 | — Paisagem | Cebola |
| 227 | — Neologismo | Cebola |
| 228 | — Desespero | Cebola |
| 229 | — Mestra | Cebola |
| 230 | — Micron | Cebola |
| 231 | — Metamorfose | Karin Khan |
| 232 | — Estatueta | Gurrumamm |
| 233 | — Poem'antes | Gurrumamm |
| 234 | — Esfinge | Gurrumamm (1º Lugar) |
| 235 | — Nas Imedições de... | Antóris |
| 236 | — Ancoragem | Antóris |
| 237 | — Mapa II | Antóris |
| 238 | — Planisfério | Antóris |
| 239 | — O Gado | Antóris |
| 240 | — Estrada | Libido |
| 241 | — O Homem Icy Ido | Libido |
| 242 | — Ocaso, o Caso | Libido |
| 243 | — E Você Se Foi | Bob |
| 244 | — Igreja de São Francisco | Bob |
| 245 | — Ilusões de Um Carnaval | Bob |
| 246 | — Pirâmide | Euridice (M. Honrosa) |
| 247 | — Boca | Euridice |
| 248 | — A Procura do Triste... | Nano |
| 249 | — Angústia | Mirówsky |
| 250 | — Só Zinho | Mirówsky |
| 251 | — Bruxedo | Bárbara |
| 252 | — Mística | Bárbara |
| 253 | — Offertorium | Bárbara (M. Honrosa) |
| 254 | — Bobo de Sonhos | Dila |
| 255 | — Amor | Dila |
| 256 | — Eu | Tide Pereira |
| 257 | — Depois da Guerra | Tide Pereira |
| 258 | — Do Princípio ao Fim | Tide Pereira |
| 259 | — Constante Ausência | Tide Pereira |
| 260 | — Quando Longe de Você... | Tide Pereira |
| 261 | — (Di) Solução | Padinha |
| 262 | — Corpos | Nisos |
| 263 | — Devora | Nisos |
| 264 | — Estágios de Um Louco | Nisos |
| 265 | — Desenho | Nisos |
| 266 | — Ego | Nisos |

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|-----|-------------------------------|----------------------|
| 267 | — Cidade Grande | Paulo Raseck |
| 268 | — Papagaio | Eve |
| 269 | — Um Dia do Calendário | Kind |
| 270 | — A Água | Cinthyá |
| 271 | — Cachaça | Leurenço Xisto |
| 272 | — Poesias | Aló |
| 273 | — Investigação de Paternidade | Jomas |
| 274 | — Cantiga | Igreña |
| 275 | — Procura | Igreña |
| 276 | — Maratona | Igreña |
| 277 | — A Derrota do Vitorioso | Igreña |
| 278 | — Manes | Meme |
| 279 | — Campo Lírico | Meme |
| 280 | — Se Eu Dissesse | Meme |
| 281 | — Compasso I | Meme |
| 282 | — Compasso II | Meme |
| 283 | — Das Coisas Irreversíveis | Meme |
| 284 | — Por Cristina | Nininha |
| 285 | — Certidão de Idade | Nininha (M. Honrosa) |
| 286 | — Agonias | Sidarta |
| 287 | — Vida | Nena |
| 288 | — Meditação | Walmar Lima |
| 289 | — Vida Morta | Walmar Lima |
| 290 | — A Vida em Comunhão... | Carteiro |
| 291 | — O Caminheiro e a Pedra | Carteiro |
| 292 | — Reflexão | Carteiro |
| 293 | — Espelho | Jó |
| 294 | — Tristeza | Jó |
| 295 | — Correntes | Jó |
| 296 | — Momento | Kitty |
| 297 | — Efeitos | Kitty |
| 298 | — Apelo Para Não Seguirdes | Nuv |
| 299 | — Refletindo | Livila Leite |
| 300 | — Resto | Luciana |
| 301 | — Balada de Ouro Preto | Luciana |
| 302 | — Canção da Fragilidade | Bel |
| 303 | — Presença | Bel |
| 304 | — Destino | Bel |
| 305 | — Crença | Tati |
| 306 | — Substituição | Tati |
| 307 | — Impossível | Tati |

| Nº | TÍTULO | PSEUDÔNIMO |
|-----|------------------------------|-----------------|
| 308 | — Poesia do Não | Tati |
| 309 | — Genesis e Apocalypse | Zaren |
| 310 | — Reverberação | Gabriel |
| 311 | — O Cabalístico Cinquenta... | Prajna |
| 312 | — Dureza de Minerais... | Prajna |
| 313 | — A Última Ceia... | Prajna |
| 314 | — Fisionomia Lunar | Ravina |
| 315 | — Fragmentação | Barão de Loreto |
| 316 | — A Lata de Lixo | Barão de Loreto |
| 317 | — Nova Era — MG | Barão de Loreto |
| 318 | — Liberte os Montes | Alajoma |
| 319 | — Lembranças de Bêbado | Alajoma |
| 320 | — Utopia Poética | Alajoma |
| 321 | — Mundo I-Mundo | Alajoma |
| 322 | — Dia Dúbio | Alajoma |
| 323 | — O Caminhante | Alajoma |
| 324 | — O Paradoxo | Rogui |
| 325 | — Cotidiano Número 3 | Rogui |
| 326 | — Estudantes | Rogui |
| 327 | — Vida de Servente | Rogui |
| 328 | — Infância Comida | Rogui |
| 329 | — Vigília | Paulo de Tarso |
| 330 | — Reflexão | Raras Silva |
| 331 | — Caminhe Sem Esmorecer | Yasmim |
| 332 | — Senhor | Yasmim |
| 333 | — Fé | Dalla |
| 334 | — Procura | Pequená |
| 335 | — A Geração Que Queria... | Axe de Axis |
| 336 | — A Cidade | Axe de Axis |
| 337 | — A Estrada | Axe de Axis |
| 338 | — A Viagem do Garoto | Axe de Axis |

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- "O Algoz", de Vera Nasser — Rio de Janeiro — GB
- "mbaecuaba" — Revista Brasiliense de Cultura, número 7/8 — Brasília — DF
- "Monchão-Coroado", de Geraldo Dias da Cruz — Uberlândia — MG
- "Sumário Actual de Revistas", número 1 — Instituto de Cultura Hispânica — Madrid — Espanha
- "Martírio e Restauração de uma Universidade", de Edson Nery da Fonseca — São Paulo — SP
- "Protótipo", do Grupoema, números 1 a 5 — Passos — MG
- "Franciscanum", Revista de las Ciencias del Espiritu — número 41 — Universidade de San Buenaventura — Bogotá — Colômbia
- "A Lesson in Music", por Marianne Hauser — University of Texas Press — Austin — Texas — EUA
- "A Moderna Ficção Brasileira" — Cadernos de Formação e Cultura, número 13 — Faculdades Anchieta — São Paulo — SP
- "Courier du Centre International d'Etudes Poétiques" — Maison Internationale de la Poesie — números 90 a 95 — Bruxelas — Bélgica
- "Et Cetera", número 1 — Varginha — Minas Gerais
- "Envios — Cuadernos de Literatura" — Número 5 — Hoboken — New Jersey — USA
- "The Centennial Review" — College of Arts and Letters — Edições de inverno, primavera e verão de 1973 — Michigan State University — USA

ALGUMAS CRÍTICAS À REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

C A R T A S

«... Revista Literária é uma demonstração pujante e significativa da inteligência jovem de Minas...»

**Fernando Whitaker da Cunha — Academia Carioca
de Letras — Rio de Janeiro — GB**

«... esta magnífica Revista...»

Octávio R. de Mendonça Neto — Santos — SP

«... excelente publicação...»

**Coluna Literária de O Jornal — São Caetano do
Sul — SP**

«... mais um exemplar dessa magnífica Revista...»

João Roberto Consoli — Belo Horizonte — MG

«... a excelência de seus artigos exige referências elogiosas...»

Lourival Gonçalves de Oliveira — Belo Horizonte — MG

«... o volume está muito bom, apresentação gráfica cuidadosa, bons trabalhos...»

Danilo Gomes — Belo Horizonte — MG

«... valiosa publicação...»

**Geralda M. Alves de Souza Ministério — Biblioteca
da Escola de Enfermagem da UFMG — Belo Hori-
zonte — MG**

«... Revista Literária, através de cujas páginas ensaiam, não raro com firmeza, os difíceis passos na arte de bem escrever...»

**Prof. José Newton Alves de Souza — Gabinete do
Reitor da Universidade Católica de Salvador — Bahia**

«... manter a coleção dessa excelente publicação...»

**Ana Guimarães — Biblioteca Pública de Minas Gerais
— Belo Horizonte — MG**

“... Revista que traz muito da nova literatura mineira..”

Grace Rego Saliba — Ubatuba — São Paulo

«... nossos cumprimentos aos alunos pelos excelentes trabalhos literários apresentados, extensivos também aos ilustradores que enriquecem maravilhosamente os mesmos...»

**Maria José Gazolla Ferreira — Biblioteca da Faculdade
de Direito da UFMG — Belo Horizonte — MG**

«... preciosa colaboração, reiterando o nosso interesse em receber as futuras publicações...»

The Library of Congress Office — Rio de Janeiro — GB

«... a RL está pronta? Preciso muito para aplicar no meu curso aqui. Tenho falado muito dentro desse esquema de novíssima literatura...»

**Adão Ventura Ferreira Reis — The University of
New Mexico — Novo México — EUA**

«... conhecendo a Revista Literária... pois é um ótimo instrumento didático e uma fonte de leitura atual e informativa...»

Lucilla Galli — Macatuba — São Paulo

J O R N A I S

«... interessados nesta sempre importante publicação podem escrever para a UFMG...»

«Folha de São Paulo» — 3 de junho de 1973 — São Paulo — SP

«... Revista Literária da Universidade Federal de Minas Gerais, publicação que tem sido muito elogiada em Portugal e nos Estados Unidos...»

Coluna «Ensino» — O Jornal de Minas — 8 de maio de 1973 — Belo Horizonte — MG

«... de sua excelente Revista Literária...»

José Lopes — Diário do Comércio — 8 de maio de 1973 — Belo Horizonte — MG

«... É confortante saber que todos os anos podemos contar com essa Revista, que tanto tem estimulado as vocações literárias dos universitários mineiros...»

Danilo Gomes — Estado de Minas — 18 de julho de 1973 — Belo Horizonte — MG

«... a Revista Literária é a única no gênero no Brasil, voltada exclusivamente à criação literária do estudante...»

Diário da Tarde — 20 de agosto de 1973 — Belo Horizonte — Minas Gerais

«O poeta Ferreira Gullar escreveu, certa vez, que menino, no Nordeste, quando ultrapassa os dois anos de idade, é imortal. O mesmo se aplica às revistas literárias, principalmente em Minas, a maioria delas morrendo antes de atingir o número quatro. Somente **Estória** chegou ao sexto. E terminou. Luís Vilela já dissera que o número seis, em revistas literárias, é fatídico.

A Revista Literária da UFMG conseguiu pegar o sétimo. Tem o patrocínio da Universidade Federal de Minas Gerais, através de seu **Serviço de Relações Universitárias**. Em circulação e sendo expedida para todos os Estados e exterior, a publicação apresenta agora algumas modificações. O Jornalista Plínio Carneiro, seu idealizador, continua na chefia, enquanto Duílio Gomes e Walden Camilo de Carvalho passaram seus cargos de direção para Magda Frediani Martins e Ronald Claver Camargo.

Além disso, os veteranos da nova literatura não mais aparecem como nos números anteriores. Registra-se ainda a presença de Libério Neves, Duílio Gomes e Luís Gonzaga Vieira, sendo todos os demais praticamente estreantes, o que seria ótimo não fosse o nível dos trabalhos, que deixa muito a desejar.

Todas as ilustrações são fracas, e para tanto a direção da Revista poderia insistir junto aos alunos da Escola de Belas Artes da UFMG no sentido de obter melhores trabalhos. A seção de poesia também apresenta um nível muito baixo, o que não é surpresa, pela dificuldade maior que envolve o processo de criação poética na atualidade. Os contistas premiados, embora fracos, conseguem colocar-se em melhor plano. A Revista reúne contos e poemas selecionados entre os participantes do concurso que ela patrocina anualmente.

Apesar dessa restrição, é inegável a importância da publicação. Vem abrindo caminhos e dando oportunidades a autores novos, mesmo que seja para que eles descubram que não são escritores. Na seção de cartas, há uma nota cômica; pedindo respeito à «tradição conservadora de Minas», um leitor de São Paulo devolveu o número anterior com críticas «aos monstros literários de meia dúzia da jovem guarda».

**Jornal «Minas Gerais» — (Suplemento Literário) —
26 de maio de 1973 — Belo Horizonte — MG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



PUBLICAÇÃO Nº 586

IMPrensa UNIVERSITARIA

Caixa Postal, 1621 — 30.000 Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

Edição do

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REGULAMENTO DA REVISTA

- 1 — A Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais tem por finalidade a publicação de trabalhos literários dos alunos da UFMG;
- 2 — A Revista é editada anualmente pelo Serviço de Relações Universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais;
- 3 — A Revista é dirigida por uma Comissão nomeada pelo chefe do Serviço de Relações Universitárias da UFMG;
- 4 — Não são aceitos os trabalhos de cunho político-partidário e os de temas ofensivos à moral e à religião;
- 5 — A Revista organiza, anualmente, um concurso de contos e de poesias, com prêmios aos três primeiros colocados e com a publicação dos melhores trabalhos na Revista;
- 6 — Podem participar do concurso os alunos regularmente matriculados nas unidades universitárias e colegiais da Universidade Federal de Minas Gerais.

